

EDNA ELZA VIEIRA

**Simbolismo e Reelaboração
na Cultura Material dos Xokleng**

Florianópolis
2004

EDNA ELZA VIEIRA

**SIMBOLISMO E REELABORAÇÃO
NA CULTURA MATERIAL DOS XOKLENG**

Dissertação apresentada como requisito
Parcial à obtenção do grau de Mestre em
História, Curso de Pós-Graduação em
História, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Universidade Federal de Santa
Catarina.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª.: Ana Lúcia Vulfe
Nötzold

FLORIANÓPOLIS

2004

AGRADECIMENTOS

Agradeço às várias pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para elaboração deste Estudo.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a Ana Lúcia Vulfe Nötzold, pela dedicação, apoio e incentivo, que me ajudaram a transpor os obstáculos encontrados para a realização desta Pesquisa.

Ao Sr. Simião, sua esposa D. Maria, e filhos que me receberam de forma muito hospitaleira em sua casa, e me propiciaram o desenvolvimento do estudo na Aldeia Bugio.

Gostaria de agradecer ao importante incentivo da CAPES, que nos possibilitou o desenvolvimento de pesquisas que contribuíram para nossa formação.

Ao colega de Mestrado Rafael Casanova, que possibilitou acesso a relatos escritos por Eduardo de Hoerhann.

Agradeço à Comunidade Xokleng, em especial aos moradores da Aldeia Bugio, pela calorosa recepção, por me receberem em suas residências.

Aos meus familiares pela cumplicidade, compreensão e incentivo.

Resumo

Buscamos apresentar um panorama sobre a situação atual na aldeia Bugio acerca da confecção dos objetos de arte, dando ênfase à opinião dos seus membros sobre a confecção e utilização dos mesmos no cotidiano e no contexto escolar.

Procuramos destacar a importância no ensino da arte na aldeia e na escola, não apenas como um instrumento didático e pedagógico, mas como símbolo identitário, como instrumento, ou elemento que reforça a cultura.

Percebemos que os objetos de arte indígenas confeccionados pelos Xokleng funcionam como instrumentos de identificação e de diferenciação, que os coloca como diferentes da sociedade envolvente. São percebidos como forma palpável dessa diferenciação juntamente com a língua indígena.

Palavras-chave: Xokleng; Cultura; Educação.

Abstract

We search to present a panorama on the current situation in the Bugio village concerning the confection of art objects, giving emphasis to the opinion of its members on the confection and use of the same ones in the daily one and the pertaining to school context.

We look for to detach the importance in the education of the art in the village and the school, not only as a didactic and pedagogical instrument, but as identitário symbol, as instrument, or element that strengthens the culture.

We perceive that the aboriginal objects of art confectioned by the Xokleng function as differentiation and identification instruments, that place them as different of the involving society. They are perceived as concrete form of this differentiation together with the aboriginal language.

Word-key: Xokleng; Culture; Education.

Dedico a Pesquisa aos Indígenas da Terra Indígena Ibirama, em especial aos moradores da Aldeia Bugio. Esperamos que esse estudo possa contribuir para que as pessoas conheçam e respeitem a cultura e a luta do povo Xokleng.

“A riqueza de formas das culturas e suas relações falam bem de perto a cada um de nós, já que convidam a que nos vejamos como seres sociais, nos fazem pensar na natureza dos todos sociais de que fazemos parte, nos fazem indagar das razões da realidade social de que participamos e das forças que as mantêm e as transformam”

(José Luiz dos Santos)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	viii
INTRODUÇÃO.....	01
1- OS XOKLENG: CULTURA E OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO	
1. 1 <i>Antecedentes Históricos.....</i>	<i>12</i>
1. 2 <i>Localização e Aspectos Culturais.....</i>	<i>18</i>
1. 3 <i>O Indígena e a Ocupação de seu Território Histórico</i>	<i>38</i>
1 . 4 <i>As conseqüências do contato.....</i>	<i>43</i>
2 - CULTURA MATERIAL	
2.1 <i>Alguns Aspectos sobre Cultura Material.....</i>	<i>47</i>
2.2 <i>Tecnologia Indígena e Relação com o Meio Natural.....</i>	<i>51</i>
2.3 <i>Objetos da Cultura Material.....</i>	<i>55</i>
2.3.1 <i>Uso pessoal: enfeites, adornos e outros.....</i>	<i>58</i>
2.3.2 <i>Doméstico e Trabalho</i>	<i>63</i>
2.3.3 <i>Instrumentos de caça e de guerra.</i>	<i>72</i>
2.3.4 <i>Ritualísticos.</i>	<i>77</i>

3 – REELABORAÇÃO E SIMBOLISMO

3.1	<i>Aspectos Gerais.....</i>	81
3.2	<i>A história da Educação Indígena e os Xokleng.....</i>	84
3.3	<i>O ensino do artesanato em casa e na escola.....</i>	94
4 -	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
5 -	FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	103

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Mapa do território histórico _____	19
Figura 2	- Festa tradicional _____	30
Figura 3	- Grupo de <i>Bugreiros</i> _____	41
Figura 4	- Saia e cocar _____	60
Figura 5	- Colar tradicional _____	61
Figura 6	- Perfurador de lábios e tembetá _____	63
Figura 7	- Cesto tradicional impermeabilizado _____	66
Figura 8	- Pilão _____	68
Figura 9	- Cerâmica atual _____	71
Figura 10	- Lança Tradicional _____	72
Figura 11	- Lança com ponta de ferro _____	73
Figura 12	- Flecha com pontas de pedra e ferro _____	75
Figura 13	- Arco e flecha _____	76
Figura 14	- Chocalho globular _____	78
Figura 15	- Mapa de localização da Aldeia Bugio _____	82
Figura 16	- Cartilha _____	90
Figura 17	- Escola Vanhecu Patté da Aldeia Bugio _____	92
Figura 18	- Sr. Alfredo e D. Melissa ensinado artesanato _____	97

INTRODUÇÃO

Na presente pesquisa, primeiramente, abordaremos a relevância do estudo sobre a comunidade Xokleng¹, que vive na Terra Indígena Ibirama no município de José Boiteux e concentraremos as entrevistas e a pesquisa na Aldeia Bugio. A localidade indicada é compreendida pela região do Vale do Itajaí, e a comunidade tradicionalmente ocupava toda a área existente entre o litoral e o planalto que hoje pode ser indicada pelos atuais Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O propósito desta pesquisa é analisar a cultura material, adornos e objetos ritualísticos (labrete², colares, perfurador de lábios, cintos cerimoniais, chocalho globular, entre outros), objetos de uso doméstico e de trabalho (pilões e mão de pilão, cestaria, cerâmica) e as armas (borduna, arcos, flechas e lanças). Buscamos perceber a reelaboração na confecção e utilização da cultura material, bem como o significado desses objetos para a comunidade após o contato mais intenso com a sociedade envolvente e também dentro do contexto escolar.

Através das entrevistas, que foram realizadas com pessoas mais idosas e professores da comunidade, procuramos averiguar de que forma eles definem o artesanato³ e sua utilidade nos dias atuais. Para Berta G. Ribeiro: “... ver no artesanato resquícios de uma sociedade tradicional é esquecê-lo como contemporâneo e minimizá-lo em sua importância na medida em que é através das chamadas atividades artesanais que parte significativa da população sobrevive”. A mesma autora afirma ainda que: “... o estudo de um grupo social específico, na medida em que permite ao observador penetrar e dominar analiticamente o código do grupo,

¹ Na literatura existente são chamados de: Bugres, Botocudos, Aweikoma-Kaingáng, Laklanõ, Xokren e Kaingáng de Santa Catarina. Estes são os termos empregados por diferentes autores que realizaram estudos sobre a comunidade que atualmente se localiza na Terra Indígena Ibirama - SC. Entretanto, nenhum deles pode ser considerado como autodenominação. SANTOS, S.C. dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil: A dramática experiência dos Xokleng**. Porto Alegre: Movimento, 1987. p. 30-31. Optamos por denominá-los Xokleng para facilitar o entendimento do leitor.

² Adorno pendente do orifício do lábio inferior. Os labretes, tal como outros adornos corporais, apresentam variantes que denotam sua qualidade de insígnias tribais, clônicas e subclônicas. Às vezes são construídos de uma simples lasca de taquara ou madeira que impede o fechamento do orifício do lábio. RIBEIRO, B. G. **Dicionário do Artesanato Indígena**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988. p. 178. No caso dos Xokleng, os materiais utilizados para a confecção dos labretes eram o osso e a madeira.

³ Optamos por utilizar o termo “artesanato” para facilitar a compreensão do leitor.

suas categorias, aprofundando a própria idéia geral da arte, que dá sentido à concepção genérica de artesanato”.⁴ A questão da comercialização é algo que não podemos desconsiderar, pois está presente atualmente no contexto da maioria das etnias indígenas, entretanto, ao artesanato são atribuídos outros valores que procuramos identificar neste estudo.

As informações sobre a cultura tradicional dos Xokleng foram obtidas através das obras dos antropólogos: Jules Henry, no livro *Jungle People*, e no artigo, *A Kaingáng Text*, Alfred Métraux, no livro, *The Caingang*, Silvio Coelho dos Santos, nos livros, *A integração do índio na sociedade regional – a função dos postos indígenas em Santa Catarina*, *A educação nas sociedades tribais*, *Índios e Brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*, *Xokleng: Memória Visual*, além de outras obras e artigos, além dos antropólogos já citados, também o linguísta Greg Urban, no livro *Native South American Discourse*, e o historiador Rodrigo Lavina, em sua dissertação de mestrado, *Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos*, publicado pelo Instituto Anchieta de Pesquisas de São Leopoldo em 1994, também através do uso da história oral, na realização de entrevistas com os professores e pessoas idosas da comunidade.

Nossa pesquisa, baseia-se ainda em estudos realizados na região do Vale do Itajaí, tomando como referencial para análise os objetos dos trabalhos de R. Lavina, Maria José Reis e Arno Kern.

Com o intuito de sistematizarmos nossa pesquisa, delimitamos recortes temporais temáticos definidos nos períodos anterior a 1920, onde procuramos contextualizar a história do povo Xokleng a partir dos achados arqueológicos e do contato com os colonizadores, de 1920 a 1960, enfocando a cultura e as práticas tradicionais, e privilegiamos o período entre 1998 a 2003 informando sobre a situação atual na Terra Indígena Ibirama – (T.I.I.). A escolha dos recortes temáticos deve-se ao fato de entendermos que dessa forma poderemos facilitar a compreensão do leitor quanto à história da comunidade Xokleng, bem como ao fato de que a partir da construção da Barragem Norte que teve início em 1976 o contato com os não-indígenas se intensificou, fazendo com que muitos hábitos fossem incorporados pelos indígenas, tais como o vestuário, a alimentação, os tipos de moradias e até mesmo a própria

⁴ RIBEIRO, B. G. **O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro:

educação formal. Todos esses fatores contribuíram para que os Xokleng tivessem sua percepção de mundo reelaborada.

Procederemos, agora, informando ao leitor de que forma utilizamos algumas classificações científicas para uma melhor compreensão do texto.

O que procuramos definir como *símbolos* são os objetos materiais que, em uma determinada sociedade por convenção, representa ou define uma realidade social. O símbolo é importante porque ele permanece, sobrevive dentro de nós, guarda seu significado. Pelo símbolo, se adquire um conhecimento que podemos chamar de indireto. Neste caso específico, objetos que remetem à identidade étnica e a história do povo Xokleng.

Percebemos a *identidade étnica* conforme Roberto Cardoso de Oliveira, como uma forma de definir-se para si e para os outros como pertencente a uma determinada etnia. Devemos destacar, ainda, que a identidade se afirma por sua persistência, mesmo em situações de mudança cultural, permitindo sua continuidade mesmo em situações de contato mais intenso com uma sociedade envolvente como é o caso dos Xokleng.

Consideramos como *pertencimento étnico* o sentimento que surge a partir do contato com membros de outra etnia, que reforça o sentimento de identificação com o seu grupo étnico.

Entendemos o *grupo étnico* como R. C. de Oliveira, um grupo de pessoas que compartilham da mesma organização social e cultural, que se identificam e são identificados como a ele pertencentes. É o que identifica uma etnia e, ao mesmo tempo, é o que a diferencia das demais.

Definimos a *representação* como a forma de pensar dos colonizadores que ocuparam o território catarinense a partir de 1850. Há que se destacar que as representações não são homogêneas, mas fragmentárias, contraditórias e em constante modificação. São produtos de relações construídas social e historicamente entre as populações indígenas e a sociedade envolvente e, portanto, em constante reelaboração. Entretanto, grande parte das representações atribuídas aos indígenas baseavam-se no discurso das *descobertas* que produziu sentidos em direção do colonizador.

É importante considerar que por meio do estudo da etnia Xokleng podemos observar os símbolos dessa sociedade, suas normas, sua educação, sua organização social, sendo assim o étnico é um elemento de diferenciação e influência na percepção e na organização da vida social dos Xokleng. Isso se manifesta nos símbolos, na representação e na valorização dos grupos. Segundo Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart: “A pertença étnica não é mais vista como um obstáculo para a igualdade dos cidadãos, mas como a base de sua participação na vida política e social como membros de um *hyphenated-group*”.⁵

Há que se destacar que, dentro deste novo contexto de adaptação, criado a partir do estabelecimento dos Xokleng, no Posto Indígena Duque de Caxias, em 1914, intensificado a partir da construção da Barragem Norte, em 1976, foram atribuídas duas funções de suma importância aos artefatos: primeira, garantir aos membros da comunidade uma fonte de renda; segunda, com maior relevância, funcionar como símbolos de identidade étnica e instrumento pedagógico que permita reforçar os laços de pertencimento étnico, buscando o estabelecimento da diferença e enfocando a valorização de sua cultura. Para Poutignat, P. & Streiff-Fenart, J: “Os recursos simbólicos (a língua, o território, a tradição cultural) utilizados para marcar uma posição significativa entre *nós e eles* podem ser distorcidos ou reinterpretados, mas, de um certo modo, eles ‘já estão lá’ desde sempre e disponíveis para os atores”.⁶ Buscamos assim estudar os aspectos relacionados à cultura material com a finalidade de tornar conhecida a cultura Xokleng para que a mesma seja respeitada. Em seguida, procuramos contextualizar a pesquisa e informar a teoria e a metodologia utilizadas para desenvolvê-la.

O estudo da cultura das comunidades indígenas tem como princípio trazer à tona a história de povos que foram durante muito tempo excluídos das obras didáticas e da história, pois as mesmas estavam cheias de estereótipos e preconceitos “baseados em uma visão que utilizava concepções européias, cujo principal propósito era legitimar o processo de expansão e domínio dos principais países capitalistas sobre o resto do mundo”.⁷ O estudo da cultura material indígena é um dos meios para conhecê-la dentro desse novo contexto, ao qual tiveram que se adaptar.

⁵ POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade: seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrick Barth**. São Paulo: UNESP, 1998. p. 73.

⁶ Ibid., p. 164.

⁷ SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 14.

Um dos aspectos importantes a ser salientado, neste momento, é de que o enfoque dado à cultura tem como base a afirmação feita por Lux B.Vidal e Aracy Lopes da Silva, em que:

“... a cultura se compõe de idéias, concepções e significados, sempre reelaborados, ao longo do tempo e através do espaço e que seu dinamismo acompanha o da própria vida. Compreendemos também que esses significados e concepções se expressam concretamente: seja através das práticas sociais, seja através do discurso, da fala, das manifestações artísticas de um povo ou, ainda através da criação de objetos incorporados à sua vivência.”⁸

Por meio do estudo dos objetos produzidos pelos Xokleng, podemos conhecer mais sobre sua cultura, a relação deles com esses objetos, que nada mais é do que “a exteriorização material de idéias e conceitos que podem ser decodificados, ou melhor, interpretados segundo o contexto cultural em que se inserem”.⁹ Devemos levar em conta também o fato de que os objetos produzidos por determinada sociedade estão impregnados de significados e de um simbolismo que só faz sentido para ela mesma.¹⁰

Buscamos através do trabalho com a história oral realizar entrevistas com membros da comunidade para podermos conhecer e compreender melhor a sua relação com os objetos dentro desse novo contexto de adaptação, bem como a busca de sua identificação étnica, ou seja, a forma como desejam ser percebidos pelo olhar do *outro* e, através da memória das pessoas mais idosas, como esse conhecimento é passado de geração para geração. Conforme Michel Pollak:

A memória é um fenômeno construído socialmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros... na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.¹¹

Ao trabalharmos com a história oral, são necessárias algumas considerações sobre a memória. Loiva Otero Félix afirma que: “A memória, por seus laços afetivos e de

⁸VIDAL, L. & SILVA, A. L. da. O Sistema de objetos nas Sociedades Indígenas: Arte e Cultura Material. In.: SILVA, A. L. & GRUPIONI, L. D. B. **A Temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. p. 369.

⁹ Ibid., p. 371-372.

¹⁰ Id.

¹¹ POLLAK, M. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 5, n. 10, 1992, p. 203.

pertencimento, é aberta e em permanente evolução e liga-se à tradição, sacralizando o vivido do grupo social”.¹² Através dos laços de pertencimento, os indígenas mostram a imagem de si, ou seja, a forma como querem ser vistos pelos outros. Ao referir-se à identidade, M. Pollak menciona:

Se analisarmos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se reproduz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.¹³

Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que o trabalho com a história oral na comunidade indígena, neste caso, os Xokleng, possibilita conhecer de que forma ela se apresenta para si e para os outros. Devemos ressaltar que essa *imagem de si*, como afirma M. Pollak, está em constante modificação e negociação. Portanto, “a memória coletiva de um determinado grupo é uma memória estruturada como suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo é o que diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento, e as fronteiras sócio-culturais”.¹⁴

A relevância de estudos sobre a cultura indígena está relacionada à importância de torná-la conhecida, para que através das informações essas etnias possam ser compreendidas, sendo respeitada a sua diversidade. Para P. Poutignat e J. Streiff-Fenart.:

Estudar a etnicidade consiste, então, em inventariar o repertório das identidades disponíveis em uma situação pluriétnica dada e descrever o campo de saliência dessas identidades nas diversas situações de contato. A análise situacional da etnicidade liga-se ao estudo da produção e da utilização das marcas, por meio das quais os membros das sociedades pluriétnicas identificam-se e diferenciam-se, e ao estudo das escolhas táticas e dos esquemas que acionam para se safarem do jogo das étnicas.¹⁵

Ao pensarmos a construção da identidade étnica, devemos ter como base os seguintes elementos propostos por M. Pollak:

¹³ FÉLIX, L. O. **História e Memória. A problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998. p. 19.

¹³ POLLAK, M. Memória e Identidade... p. 204.

¹⁴ POLLAK, M. Memória e Esquecimento e Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 5, n. 10, 1992, p. 3.

Nessa construção da identidade...há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos, portanto dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.¹⁶

Com base nessa afirmação, procuramos analisar a cultura dos Xokleng, com embasamento nas perspectivas da etnohistória, reforçando a existência de grupos étnicos que resistem à idéia de *integração* e lutam pelo seu reconhecimento como comunidade portadora de um sistema cultural diferente. Para Roberto Cardoso de Oliveira: “Esses grupos são étnicos à medida que se definem ou se identificam valendo-se de simbologias culturais”.¹⁷

Devemos ressaltar que a comunidade étnica sente necessidade de identificar-se quando se encontra em contato com o *outro*, portanto a pertença étnica ou identidade étnica “é o que corresponde de modo mais completo a essas necessidades, porque o grupo étnico representa o ‘refúgio’ de onde não podemos ser rejeitados e onde jamais estamos sós”.¹⁸ Podemos dizer, então, que: “... a etnicidade se impõe no decorrer desse período..., para abranger o que têm em comum todos esses fenômenos de competição e de conflitos nos quais os grupos se opõem em nome de sua pertença étnica”.¹⁹ Para esses grupos, a identidade étnica é o que propicia a *preservação*, bem como o fortalecimento de sua cultura.

O processo de colonização trouxe consigo conflitos decorrentes do contato, justamente, pelo fato de que os colonizadores observaram a organização social dos indígenas e a desconsideraram, procurando enfocar uma *superioridade* da cultura européia em relação à cultura indígena. Segundo afirma Everardo Rocha: “Aqueles que são diferentes do grupo do eu – os diversos ‘outros’ deste mundo – por não poderem dizer algo sobre si mesmos, acabam

¹⁵ POUTIGNAT, op. cit., p. 117.

¹⁶ POLLAK, M. **Memória e identidade...**p. 203.

¹⁷ OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Ênio Matheus Guazzelli & CIA. 1976. p. xviii.

¹⁸ POUTIGNAT, op. cit. p. 90

¹⁹ Ibid. p. 25.

representados pela ótica etnocêntrica e segundo as dinâmicas ideológicas de determinados momentos”.²⁰

As tentativas de catequização no território catarinense tiveram início logo após os primeiros relatos sobre os embates entre colonos e indígenas que ocorreram a partir de 1852 na região de Blumenau. Devido à falta de comunicação entre os padres e os indígenas, não se conseguiu desenvolver a catequese entre os Xokleng, que era vista como alternativa para conduzi-los à *civilidade*. Michel Foucault reforça que: “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.²¹ A catequese foi utilizada como tentativa de manutenção dos discursos oficiais, dentro dos padrões da cultura européia, nos quais os indígenas deveriam ser moldados.

Mesmo diante das várias tentativas, os resultados foram insatisfatórios, sendo que os custos para a manutenção dos serviços tornaram-se cada vez mais dispendiosos e à medida que as frentes de colonização avançavam, aumentavam os embates entre indígenas e colonos. Foi então que, ao final do século XIX, o governo resolveu adotar medidas mais enérgicas com o financiamento para a formação e manutenção de uma Companhia de Batedores de Mato, que saía em perseguição aos indígenas para capturá-los, castigá-los ou *afugentá-los*.²²

Mais tarde os próprios colonos passaram a organizar e pagar para grupos que tinham a finalidade de *limpar* o território atuando em vários locais de Santa Catarina e do Brasil. Segundo informação de S. C. dos Santos e sistema de pagamento estabelecido pelos colonos era por par de orelhas. Esses grupos ficaram conhecidos como *Bugreiros*²³ e foram responsáveis pelo extermínio de grande parte da população indígena.

A perda de espaços utilizados para coleta e caça, originada do desmatamento para a construção de estradas e desenvolvimento de pequenos núcleos de colonização, resultou no contato cada vez mais intenso entre colonos e indígenas. A consequência foi à alteração na cultura material dos Xokleng, que se intensificou em 1914, com a *pacificação* dos indígenas

²⁰ ROCHA, E. **O que é Etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 15.

²² FOUCAULT, M. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996. p. 44.

²² NÖTZOLD, A. L. & VIEIRA, E. E. *A Ocupação do Espaço*. In.: KLUG, J. e DIRKSEN, V. (org.) **Rio do Sul Uma história**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000. p. 43.

²³ Os Bugreiros eram grupos organizados e pagos pelos colonos para capturar os indígenas que ocupavam a região.

promovida por Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, no Posto Indígena Duque de Caxias, inicialmente denominado de posto de atração.²⁴

O estabelecimento dos Xokleng no Posto Duque de Caxias teve como consequência o princípio de uma relação de dependência e interferência cultural para esses indígenas desencadeado a partir do contato com a população do entorno. Para Norberto G. Canclini: “Estudar o modo como estão sendo produzidas as relações de continuidade, ruptura e hibridização entre sistemas locais e globais, tradicionais e ultramodernos, do desenvolvimento cultural é, hoje, um dos maiores desafios para se repensar a identidade e a cidadania”.²⁵

Em 1950, o Departamento Nacional de Obras e Saneamento – (DNOS) começou um estudo na região do Vale do Itajaí, para resolver o problema das enchentes que a inundavam nos períodos de chuvas torrenciais, e em 1974, foi aprovada ali a construção de três barragens. Após o término dos estudos e aprovação do Governo para essas construções, iniciou-se a negociação com os Xokleng, visando à desocupação da área. Para convencer os indígenas a saírem dessa área, onde seria construída a barragem, o Governo do Estado assinou um protocolo de intenções em 1981, que incluía melhorias na T. I. I., entre elas, a construção de casas, a instalação de rede trifásica de energia, construção de campo de futebol, de igrejas, de escolas e das estradas.²⁶ As obras provocaram vários transtornos para a população da região, em especial para os indígenas, que tiveram parte de suas melhores terras de cultivo inundadas, bem como o seu cemitério submerso.

Fizemos entrevistas²⁷ com as pessoas mais idosas e os professores das Escolas Indígenas dos Xokleng, pois, através deles, pretendeu-se obter mais informações sobre o cotidiano da comunidade e sobre a forma como ela se organiza para reforçar sua cultura. Segundo afirma R. C. de Oliveira: “A situação de ‘índios de reserva’ parece ensejar essa modalidade de identificação, pondo em prática mecanismos sócio-culturais consistentes com formas organizadas ainda vivas nas sociedades tribais”.²⁸

²⁴ NÖTZOLD, A. L. & VIEIRA, E. E. op. cit. p. 43.

²⁵ CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 149.

²⁶ NÖTZOLD, A. L. & VIEIRA, E. E. op. cit. p. 44.

²⁷ Informamos que as fitas com as entrevistas, juntamente com as transcrições serão depositadas no Laboratório de História Indígena – (LABHIN) da Universidade Federal de Santa Catarina – (UFSC).

²⁸ OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Ênio Matheus Guazzelli & CIA. 1976. p.17.

Para trabalharmos com história oral, devemos considerar *os lugares da memória*, o silêncio, pois ambos estão impregnados de significados que, em especial para os grupos indígenas, podem representar uma forma de resistência ao processo de *integração*. Conforme M. Pollak: “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais”.²⁹ Sobre o silêncio, Eni Pulcinelli Orlandi esclarece ainda que: “O silêncio é assim a ‘respiração’ (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para que o que não é ‘um’, para o que permite o movimento do sujeito”.³⁰ Portanto, ressaltamos que a memória nos possibilita conhecer melhor a relação social e os laços que permitem a existência e permanência do grupo.

O presente estudo divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo, procuramos dar um panorama geral sobre as populações pré-coloniais que habitaram a região. Através de estudos sobre a cultura material dos Xokleng e Kaingáng³¹, pretendemos realizar uma análise comparativa entre os objetos produzidos pelas etnias supracitadas enfatizando a questão das diferenças étnicas.

Nesse capítulo, procuramos ainda abordar aspectos relacionados ao cotidiano desses indígenas: forma de vida, alimentação, rituais. Buscamos ainda, por intermédio da análise de documentos oficiais, apontar as representações criadas sobre os indígenas, utilizadas como discurso para legitimar a espoliação à que foram submetidos os Xokleng.

No segundo capítulo apresentamos um panorama geral sobre a cultura material dos povos indígenas e a importância do seu estudo, principalmente, no que se refere ao conceito de cultura. Os artefatos produzidos por essas comunidades nos possibilitam uma maior compreensão das suas práticas sociais adotadas, bem como sua relação com o meio natural.

Abordamos, ainda, aspectos relacionados à cultura material específica dos Xokleng, o processo de confecção apontado por estudos realizados pelos antropólogos J. Henry, A.

²⁹ POLLAK, M. Memória e esquecimento... p. 5.

³⁰ ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio. No movimento dos sentidos**. São Paulo: UNICAMP, 2002. p. 13.

³¹ Optou-se por essa grafia, seguindo a pesquisa de Ítala Becker, Pedro Inácio Schmitz e Jules Henry, além de ser a grafia adotada pelos professores indígenas Kaingáng. Existem também as seguintes grafias: Caingangues, Kaingang e Caingang.

Métraux, S. C. dos Santos e pelo historiador R. Lavina, bem como a utilização desta atividade dentro do contexto atual. Através de entrevistas realizadas com a comunidade, procuramos perceber de que forma os artefatos são confeccionados, e os materiais que são usados atualmente em sua confecção.

No terceiro capítulo, o enfoque dado à cultura material está centrado na questão da identidade étnica, uma vez que comunidade Xokleng aponta o saber falar a língua, bem como o confeccionar o artesanato, como formas de mostrar para os não-indígenas sua identidade, sua cultura, para que possam ser reconhecidos e respeitados pela sociedade envolvente.

1 - XOKLENG: CULTURA E OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

1.1 - Antecedentes Históricos

Considerando que o estudo dos antecedentes históricos é um dos fatores que possibilita a mudança de olhar em relação aos indígenas e a forma como viviam, bem como perceber as transformações pelas quais passaram e a especificidade de cada comunidade, entendemos que:

Ao estudarem os sítios do homem “pré-histórico”, os arqueólogos descrevem não apenas os artefatos recuperados, os testemunhos sobre a alimentação, os restos mortais, o ritual, a arte, os locais e formas do estabelecimento e de relacionamento observadas dentro dos sítios e entre os sítios e áreas, mas por velha influência histórica e evolucionista, também classificam as culturas arqueológicas assim estabelecidas em períodos ou etapas, que podem ser locais, regionais, pan-americanas ou universais.³²

Os artefatos indígenas encontrados na região do Vale do Itajaí eram doados, ou vendidos a colecionadores, e são os seguintes: flechas, pontas de flecha, labrete, perfuradores de lábio, lâminas de machado, mãos de pilão, entre outros. Nos artefatos citados, verificam-se técnicas de elaboração indígena, porém os proprietários não identificaram exatamente a sua procedência. Realizamos ainda uma análise comparativa com o trabalho de M. J. Reis, *A Problemática Arqueológica das Estruturas Subterrâneas no Planalto Catarinense*, com defesa em 1980, entre outros estudos sobre o assunto.

Através de uma análise comparativa entre a cultura material Xokleng e Kaingáng que por pertencerem ao mesmo tronco lingüístico, nas primeiras décadas do século XX, eram apontados como parentes muito próximos. O próprio E. de L. e S. Hoerhann, o *pacificador*, trouxe alguns Kaingáng do Paraná para tentar estabelecer contato com os Xokleng. Inicialmente até mesmo o antropólogo J. Henry referiu-se aos Xokleng como Kaingáng de Santa Catarina e A. Métraux utilizava a denominação Kaingáng-Aweikoma, por perceber que existiam diferenças culturais entre eles, ambos os antropólogos realizaram estudos das duas

³² SCHMITZ, P. I. op. cit., p. 55.

etnias. As diferenças, no uso de artefatos semelhantes, reforçam nos dias atuais a diversidade na identidade étnica dessas comunidades. Para Hall Stuart, a etnia é identificada.

...pelas características culturais - língua, religião, costumes, tradição, sentimento de 'lugar' - que são partilhadas por um povo, porém, isto não pode ser entendido em sentido fundacional, o mito de origem além do tempo real, denominado também como ancestralidade. O fato de projetarmos a 'nós próprios' nas identidades culturais, enquanto internalizamos seus significados e valores, tornando-os 'parte de nós', contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. Entende que identidade costura o sujeito à estrutura.³³

Consideramos que os artefatos, confeccionados a partir das matérias-primas obtidas na natureza, passaram a integrar o cotidiano indígena, podendo ser também denominados de cultura material, funcionando como suporte documental impregnados de informações relativas à cultura desses povos. Segundo afirmação de Pedro Paulo Funari: “Os produtos humanos, tem seu caráter material, na medida em que possuem uma existência física exterior ao universo da consciência social – pois a realidade não pode ser alterada pelo pensamento – conduzem a uma assimilação das relações entre os homens como relações naturais, independentes dos próprios agentes sociais”.³⁴

Podemos constatar que os implementos feitos pelas populações indígenas visavam atender às necessidades das atividades cotidianas e interpretar a função que era dada a cada objeto, sendo este o papel do arqueólogo que atualmente utiliza a interdisciplinaridade para a realização de um estudo sistematizado que possibilite uma compreensão mais completa do objeto e sua respectiva função no contexto ao qual estava inserido. Para P. P. Funari: “A possibilidade de interpretação desses indícios explica-se pelo fato de os artefatos serem produto do trabalho humano e, portanto, apresentarem necessariamente duas facetas: têm a função primária (uma utilidade prática) e funções secundárias (empregos secundários)”.³⁵ Podemos dizer, então, que o artefato além de sua utilidade prática tem a função mediadora entre os indivíduos e a *sociedade*, ou seja, o artefato é a materialização da cultura de um povo e instrumento de sociabilidade.

Sabemos que os objetos eram utilizados para a execução das atividades necessárias para a sobrevivência, como a pesca, a caça, a guerra, e para confeccionar outros objetos. Os

³³ STUART, H. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 3ª ed., 1999. p. 12-67.

³⁴ FUNARI, P. P. A. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988. p. 17.

instrumentos, por excelência, dos povos caçadores e coletores eram o arco e a flecha. A análise do material lítico deve levar em conta, segundo A. Kern, que: “Três séries de fatores devem se completar por procedimentos diversos e estimular assim estas diferenças internas: o tempo, o espaço e o ambiente. Em uma tradição que perdurou por mais de seis mil... estes fatores deram origem a inúmeras variações ou fases regionais que ficaram mais ou menos explícitas nos diversos subconjuntos (ou fases)”.³⁶

Os objetos revelam informações referentes ao cotidiano e à relação deles com o meio ambiente, a organização social, a tecnologia empregada, bem como os padrões de comportamentos dentro da sociedade. Vista também como mantenedora de identidade étnica, a cultura material permite encaixar-se nos diversos segmentos da vida, contribuindo ainda para perpetuar os usos e costumes indígenas. Apesar das técnicas de confecção dos objetos ser apontadas nas pesquisas como bastante semelhantes, cada povo, ou grupo étnico, desenvolveu técnicas e objetos próprios, totalmente distintos de outros grupos, que o torna único e diferente dos demais.

Diante da necessidade de adaptação e transformação dos recursos naturais em meios para a sobrevivência, os povos indígenas criaram variados objetos com a finalidade de facilitar a vida, os quais passaram a ser denominados de cultura material. Entre eles, estão: ferramentas, instrumentos, utensílios e ornamentos, com os quais os grupos humanos obtinham o necessário para o dia-a-dia.

Nas pesquisas arqueológicas, foram encontrados vários objetos confeccionados em material lítico, entre eles, várias peças lascadas bifacialmente, que eram usadas para retalhar e cortar, assim como as lâminas de machado. Outras, com lascamento unifacial, serviam para raspar, por exemplo, madeiras, como as utilizadas para a confecção do arco e outros objetos de madeira. Lascas destacadas propositadamente após lascamentos preparatórios eram utilizadas para cortar, raspar, perfurar ou fazer incisões.³⁷

Esses povos utilizavam-se de batedores-trituradores, para fragmentar, triturar e moer os grãos, e o machado era utilizado na derrubada da mata visando à preparação do local onde

³⁵ FUNARI, P. P. op. cit. p. 23.

³⁶ KERN, A. (org.) **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. p.151.

³⁷ NÖTZOLD, A. L. & VIEIRA, E. E. op. cit. p. 17.

seria erguida à aldeia. Esses utensílios eram obtidos nos cursos d'água, através de seixos rolados ou nos afloramentos rochosos. Faziam uso da madeira retirada das florestas para a confecção de pontas de flechas; outro material bastante utilizado era o osso, obtido através da caça e da pesca, porém o material mais abundante encontrado era a pedra devido à sua resistência.³⁸

Os povos pertencentes à Tradição Umbu e Humaitá eram caçadores-coletores e não praticavam a agricultura. Por permanecerem pouco tempo nos locais onde construíam seus acampamentos e estarem sempre se deslocando, obtinham seus alimentos através da caça que era realizada durante o ano inteiro. Para pescar e coletar moluscos, provavelmente, deslocavam-se para as regiões onde se encontravam os rios. No final do verão ou início do outono, retornavam ao planalto para a coleta do pinhão, alimentando-se também de frutos e raízes. A coleta de alimentos nas florestas era uma das alternativas para ampliar a dieta alimentar.³⁹

Os povos caçadores-coletores desenvolveram uma relação estreita com animais, vegetais e astros. Por causa da necessidade de sobrevivência, descobriram soluções para a realização das tarefas diárias que possibilitaram uma série de transformações favoráveis à humanidade. Podemos dizer que esses povos desenvolveram a sabedoria para através da convivência entre humanos e outros seres utilizar a natureza a seu serviço.⁴⁰

No que se refere aos antecedentes dos indígenas de Santa Catarina, Francisco S. Noelli propõe que os Xokleng e Kaingáng seriam “integrantes do conjunto multicultural que define os povos Jê do Brasil central”.⁴¹ F. S. Noelli propõe ainda que “apesar dos registros arqueológicos terem apresentado diferenças significativas que questionem os elementos que distinguem os povos Guarani, Charrua, Minuano, Kaingáng e Xokleng, existe a possibilidade de se detectar futuramente evidências materiais que revelem distintas etnicidades, a exemplo das multivariações verificadas historicamente em nível lingüístico, biológico antropológico e sociológico”.⁴²

³⁸ NÖTZOLD, A. L. & VIEIRA, E. E. op. cit. pp. 13-18.

³⁹ SCHMITZ, op. cit. p.85.

⁴⁰ Id.

⁴¹ NOELLI, F. S. (org.) **Urí e Warí – Estudos Interdisciplinares dos Kaingáng**. Londrina: UEL, 2000. p. 13.

⁴² Ibid., p. 27.

Ao analisarmos a cultura material encontrada durante as prospecções arqueológicas, dos xokleng e kaingáng, podemos constatar que vários objetos são muito semelhantes, porém se diferenciam no uso que cada um dos povos faz deles, portanto um mesmo objeto pode ter vários significados dependendo da etnia. Conforme afirmação de F. A. Silva:

Além da demonstração de os Kaingáng e os Xokleng não serem originários do Sul do Brasil, um conjunto de conclusões importantes obtidas em meados dos anos 60, que nunca foram consideradas pelos arqueólogos, fundamenta os parâmetros que diferenciam os Kaingáng e os Xokleng: 1) Kaingáng e Xokleng são duas línguas distintas [...] 2) são populações biologicamente distintas [...] 3) são culturalmente distintas.⁴³

Partindo dessa afirmação, devemos levar em conta todos esses fatores que distinguem as etnias, e também que os estudos realizados indicam que os Xokleng e Kaingáng disputavam o mesmo território de caça e coleta, associado ao fato de ambos não se reconhecerem com “parentes muito próximos” da maneira indicada pelos autores já citados.

1.2 - Localização e Aspectos Culturais

Os estudos realizados para determinar a localização do território da comunidade Xokleng demonstram que Santa Catarina compunha o seu território histórico e que ocupavam toda a área existente entre o litoral e o planalto que compreende os atuais Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A área geográfica ocupada historicamente pela comunidade Xokleng situa-se, aproximadamente, entre 26° e 29°30' de latitude sul e 50° 30' e 29°30' de longitude este, englobando áreas do litoral, contrafortes da Serra Geral e do Mar e do Planalto Meridional Brasileiro.⁴⁴

Atualmente a Terra Indígena Ibirama possui 14.528 hectares e está situada ao longo dos rios Hercílio e Plate, que formam um dos vales da bacia do rio Itajaí-açu. Localizada entre

⁴³ SILVA, F. A. op cit., p. 31.

⁴⁴ LAVINA, R. op. cit., p. 9.

quatro municípios catarinenses — José Boiteux, Victor Meirelles, Doutor Pedrinho e Itaiópolis. Segundo informações obtidas com os moradores da Terra Indígena, hoje somam aproximadamente 1.800 pessoas.

A Terra Indígena dividiu-se em sete aldeias, sendo elas Palmeirinha, Toldo, Bugio, Figueira, que foram desmembradas dando lugar às aldeias Coqueiro, Sede, esta última também se tratando de um desmembramento, tendo sido criada a aldeia Pavão. Cada aldeia possui um cacique local que dispõe de *autonomia* para decidir sobre determinados assuntos na aldeia, contudo todas estão subordinadas ao cacique geral, com o qual realizam reuniões com certa periodicidade.

No mapa a seguir, podemos observar os locais por onde percorriam o povo Xokleng, ou seja, seu território histórico, onde estabeleciam seus acampamentos de passagem e obtinham o necessário para sobreviverem.

A abrangência do território deve-se ao fato de que eles praticavam o nomadismo estacional, sendo que a permanência e o deslocamento estavam condicionados a reserva alimentar disponível, prática que com a vinda dos colonizadores aos poucos ficou comprometida.

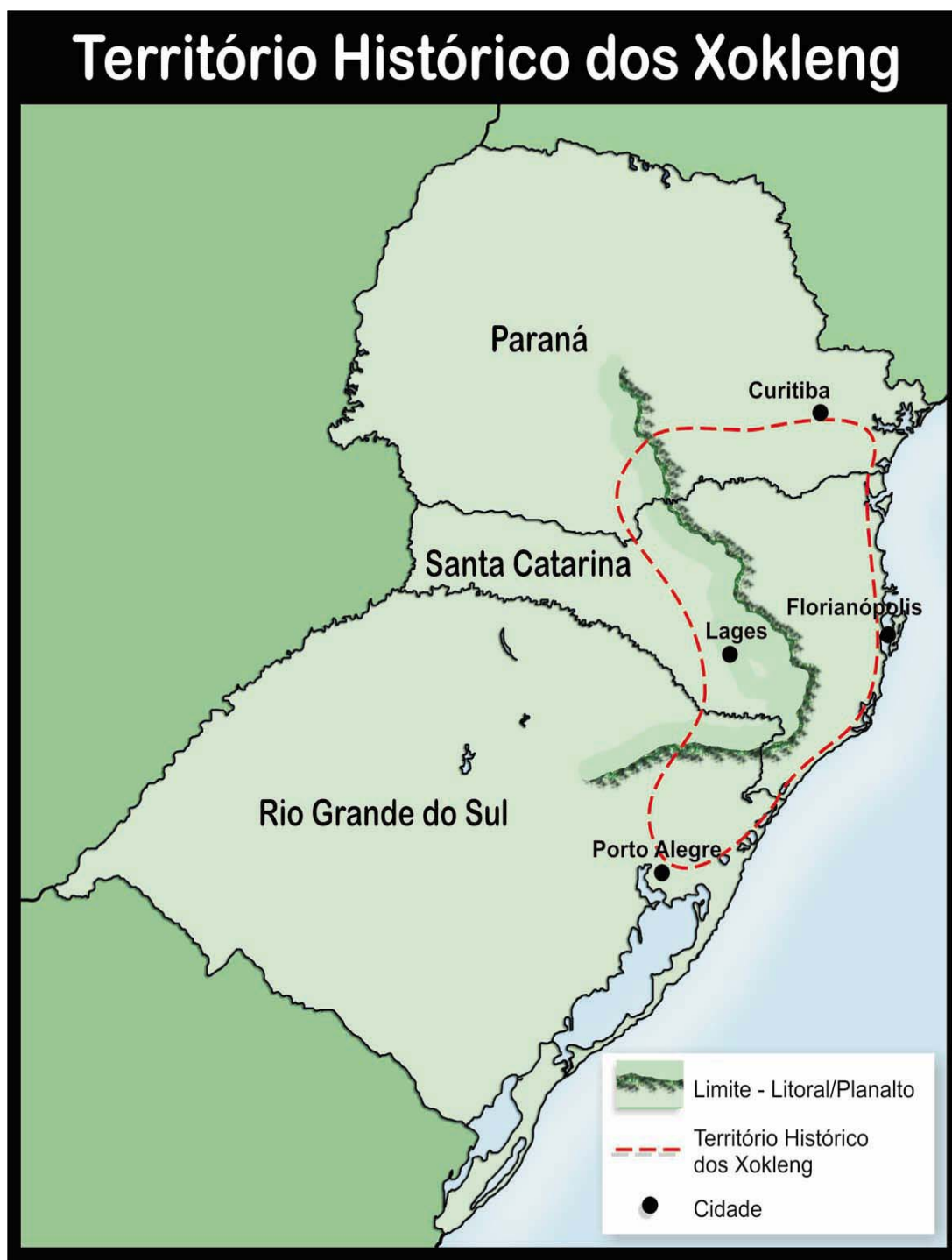


Fig.: 1 - Mapa da Região Sul – Adaptado do mapa do Livro: SANTOS, S. C. dos. **Índios e brancos...** p. 36.

Os estudos realizados sobre os povos indígenas que ocupavam o Vale do Itajaí os denominam de: *Bugres*, Botocudos, Aweikoma, Laklanõ, Xokleng e Kaingáng de Santa Catarina. Estes são os termos empregados por diferentes autores para referirem-se ao grupo que atualmente se localiza na Terra Indígena Ibirama, em Santa Catarina. *Bugre* é um termo

do português empregado pejorativamente para referir-se aos indígenas como: “indivíduo desconfiado, arredio, inculto, grosseiro e rude”.⁴⁵ O termo Botocudo refere-se a um elemento importante, símbolo da identidade Xokleng: o labrete, conferido aos meninos a partir dos dois ou três anos de idade. A perfuração dos lábios era uma importante cerimônia para a comunidade. O significado e origem de Aweikoma, por sua vez, são incertos. G. Urban, citado por Marcela Coelho de Souza, acredita que o termo corresponda à palavra nativa *wãñkômãg*, que designaria a reclusão do viúvo ou da viúva, já S. C. dos Santos afirma de o termo designa o ato sexual. Já o *Laklanõ*, segundo o mesmo autor, teria sido provavelmente o termo usado para se referir à comunidade da T. I.I.⁴⁶

Através desta pesquisa, buscamos conhecer e entender a cultura dessa comunidade, compreendendo-os a partir das atividades de sua vida cotidiana, a qual “não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico, nas práticas cotidianas individuais, ou no coletivo, sendo o indivíduo parte integrante desta cotidianidade.”⁴⁷ Por conseguinte, o entendimento acerca da cultura dos povos indígenas depende do conhecimento de seu cotidiano, da forma como organizavam a vida social e utilizavam os recursos naturais disponíveis.

Ao remetermos essa pesquisa à vida cotidiana na Aldeia Bugio, destacamos o fato de que as estações do ano eram as responsáveis pelo ritmo de permanência e deslocamento para as localidades onde se estabeleciam. Os Xokleng reconheciam três estações que eram: o inverno, representado pelo período muito frio; o verão, representado pelo período muito quente e o outono, representado pelo período em que as folhas das árvores caíam.

Destacamos que as entrevistas realizadas também abrangeram aspectos relacionados à cultura e nortearam nossa pesquisa, na qual procuramos dar ênfase aos rituais, destacando, dentre eles, nascimento, inserção do botoque, caça, rito funerário e luto familiar.

Como na maioria das comunidades indígenas, a escolha do líder estava relacionada às qualidades de guerreiro e caçador, que o indivíduo possuía, e eram apreciadas pelos membros da comunidade, sendo escolhido o que se destacasse nas caçadas e nas guerras. Pelo

⁴⁵ BUARQUE, A. **Dicionário Aurélio**. São Paulo: Nova Fronteira, 1980. p. 295.

⁴⁶ URBAN, G. **Metaphysical community. The interplay of the senses and the intellect**. Austin, University of Texas Press, 1996. pp. 59-62.

⁴⁷ HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p.20.

que podemos constatar, o líder permanecia no poder enquanto continuasse com suas qualidades de guerreiro, no entanto, uma vez impossibilitado de continuar exercendo o poder por questão de idade, tornava-se conselheiro tanto de seu sucessor como da comunidade.

O poder pertence a um só chefe, que dirige os destinos da tribo, e decide, em geral, sobre todos os actos da mesma. Este chefe, pahí, exerce o seu poder enquanto o seu valor como guerreiro destemido e audaz é reconhecido por todos. Em sua ausência, os guerreiros mais experimentados e mais corajosos, tomam a si o mando, exercendo então maior influencia sobre os demais....Um chefe idoso, passa o mando a um guerreiro de qualidades, não perdendo, contudo, a grande influencia que exercia sobre toda a tribo; ao contrario, torna-se então conselheiro da mesma, sendo respeitado e venerado por todos.⁴⁸

Os Xokleng viviam separados em pequenos grupos de caça compostos por 30 a 50 indivíduos, praticavam o nomadismo estacional, logo, deslocavam-se entre o litoral e o planalto, buscando obter sua subsistência, o mesmo ocorrendo conforme as mudanças de estações, quando havia escassez de alimentos. Subiam ou desciam buscando alimentos para a subsistência do grupo e a araucária lhes garantia boa parte de seu equilíbrio alimentar.⁴⁹

É uma tribo que vive essencialmente da caça, e, portanto nomade, sempre em transito pelas florestas á procura e perseguição da mesma. Preferem a anta, não só pelo sabor da sua carne, como pela quantidade da carne. Caçam-na dos seguintes modos: procuram rastro fresco no qual soltam os seus cães, acompanhando-os na carreira até o levante da anta. Orientam-se em seguida da direcção tomada pela mesma, que sempre segue os seus habituaes carreiros, por elles conhecidos, atalham pela floresta, esperando adiante a sua passagem. Atropelada pelos cães, vem a anta em vertiginosa corrida, sendo então atacada e morta a lançassos. Admiravel a segurança do primeiro golpe, que nunca falha, fazendo desmunhecar instantaneamente o animal que é então carregado.⁵⁰

As características físicas dos Xokleng chamavam a atenção, sendo descritos como indivíduos de estatura mediana, porém bastante fortes e resistentes, assim como as mulheres, apesar de sua baixa estatura. Conforme descrição em Anexo de Correspondência de E. de L. e S. Hoerhann enviada para a Direção do Serviço de Proteção ao Índio – (SPI), podemos perceber a forma como o mesmo percebia os homens e mulheres Xokleng, bem como a descrição de algumas de suas características físicas:

O seu physico é muito desenvolvido, dispondo elles de uma resistencia e força musculares extraordinárias.O indio, fôra do matto, principalmente quando vestido jamais dá a impressão do que na realidade elle é... Para poder fazer-se uma ideia

⁴⁸ HOERHANN, E. de L. e S. Anexo de Correspondência escrita em 25 de janeiro de 1921, no Posto Indígena Duque de Caxias, destinada ao chefe do Serviço de Proteção ao Índio – (SPI), Luiz Bueno de Horta Barboza, paginação irregular.

⁴⁹ LAVINA, op. cit p. 52.

⁵⁰ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

exacta, das suas aptidões, é necessario conviver com elles no matto, e acompanhá-los em suas peripecias de caçadas, colheitas de frutas, perfurações de abelheiras e seus multiplos outros affazeres. Estas são as occasiões em que se podem admirar a presteza, acerto e segurança de cada movimento, do qual muitas vezes depende a vida do indio. Verifica-se o mesmo em as mulheres que não obstante sua pequena estatura, são de uma resistência physica fôra do comum. A sua tez apresenta uma côr abronseada escura, que nas mulheres é mais clara. Os cabellos, são negros, grossos e corredios.⁵¹

O estudo dos mitos que compõem a visão de uma determinada etnia, mostra que esse povo se vale destas representações para elaborar sua própria imagem e os vínculos entre ela e os momentos passados, com os quais se identifica. Esses estudos realizados demonstram que há uma relação muito estreita entre o meio natural e sobrenatural. Para L. Vidal e A. L. da Silva:

Mitos são produzidos por culturas específicas e expressam, por vezes dialeticamente, questões próprias aos contextos sociais que lhes deram origem e onde tem vigência. As vivências e as imagens construídas para falar delas são particulares, elaboradas em contextos culturais específicos, mas as questões que tratam os mitos são, porém, essencialmente humanas, por dizerem respeito à própria condição humana no mundo e ultrapassam as particularidades culturais de um povo ou de uma sociedade específica.⁵²

O mito Xokleng de geração do homem continua a ser contado segundo relato traduzido para o idioma português, alguns homens saíram da montanha e outros saíram da água (provavelmente do mar). Esses que saíram da água são os *Vàjeky*. Eles queriam sair e ficaram esperando em baixo da água, para saber a hora certa. A partir desse momento vários personagens surgem e reúnem-se para festejar, esculpindo animais a partir de árvores e troncos, sendo que esses animais tornavam-se reais.⁵³

No estudo de Flávio Wiik o autor afirma que as marcas ou desenhos corporais foram inspirados nos desenhos das peles dos animais. B. G. Ribeiro menciona que “... as manifestações estéticas indígenas são estudadas como sistemas de representação, que procuram explicar como a sociedade pensa a si própria e o mundo que a rodeia, traduzindo essas noções ao próprio sistema cognitivo”.⁵⁴

⁵¹ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

⁵² VIDAL, L. e SILVA, A. L. da. op. cit. p. 327.

⁵³ Id.

⁵⁴ CHISTÓVÃO, M. B. **Exclusão social: a Espiritualidade dos indígenas das florestas subtropicais do Vale do Itajaí – Santa Catarina – Brasil, como ato inclusivo.** Florianópolis: UFSC, 2003. p. 208-213.

Os Xokleng, como muitas outras comunidades indígenas, acreditavam que a vida na terra era dependente do destino dos mortos, porque a sociedade dos vivos é eternamente recriada pelos ancestrais. Os mitos e rituais cultivados na memória dessa comunidade estão relacionados à criação e à estabilidade na Terra, à proteção à vida, bem como separa e encaminha os falecidos à aldeia dos espíritos dos mortos, permitindo assim que está alma possa se reencarnar. B. G. Ribeiro afirma que: “O ritual é uma seqüência estereotipada de atividades, envolvendo gestos, palavras e objetos, desempenhados em local segregado, e se destina a influenciar entidades ou forças pré-naturais em favor de objetivos ou interesses dos atores”.⁵⁵

A partir de estudos coletados A. Métraux, afirma que os Xokleng concebiam o mundo povoado com fantasmas (kupleng) e espíritos (nggiyúdn), de todas as espécies que moravam nas árvores, rochas, montanhas, estrelas, ventos e em grandes e pequenos animais. Para Philippe Laburthe-Tolra e Jean Pierre. Warnier:

Os espíritos manifestam-se freqüentemente sob forma animal, a começar pelos mortos e feiticeiros, que podem aparecer sob forma de pequenos pássaros tutelares, elefantes, feras, etc. Frequentemente um animal considerado “totêmico”⁵⁶ encarna assim o espírito protetor de um grupo (ou de um indivíduo), que observará em relação a ele proibições alimentares, para lhe agradecer por prevenir contra os perigos que o ameçam e trabalhar para eliminá-lo.⁵⁷

Entre os Xokleng, encontrar um espírito era considerado um mau presságio, no entanto alguns podiam ser amistosos e apareciam para oferecer auxílio – eram os guardiões, -, que ajudavam na caça: o caçador dividia a caça com esses espíritos como forma de agradecimento. Os Xokleng partilhavam da crença de que todos os animais possuíam espíritos guardiões que os controlavam e os protegiam. Eles consentiam em dar alguns de seus protegidos para satisfazer as necessidades dos homens.⁵⁸

⁵⁵ RIBEIRO, B. G. **Suma ... Arte Índia**. p. 23.

⁵⁶ Termo com o qual se designava a associação simbólica que, em certos povos e culturas, faz-se entre determinado objeto, ou ser não humano, e determinado grupo, ou classe de pessoas, e que se apresenta como um sistema de práticas e crenças institucionalizadas, cuja característica mais comumente observada é a existência de algum tipo de vínculo entre a espécie natural e um clã exógamo, manifestada na afirmação de que os indivíduos desse clã pertencem àquela espécie, ou têm com ela um ancestral comum, estando por isso obrigados a demonstrar respeito e cumprir certas obrigações para com o totem. BUARQUE, A. **Dicionário...** op. cit., p. 1670.

⁵⁷ LABURTHE-TOLRA, P. e WARNIER, J. P. **Etnologia. Antropologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2. ed. 1999. p. 202.

⁵⁸ MÉTRAUX, A. *The Caingang*. In.: **Handbook of South American Indians**. Washington: J. Steward Ed., 1946. Vol. 1 parte 3, pp. 445-475. Tradução Jacó Cesar Piccolo. p. 445-475.

Podemos constatar que a relação com o meio natural entre as comunidades indígenas vai além da simples utilização dos recursos disponíveis, trata-se de uma relação mítico-religiosa que impõe normas sociais de conduta e utilização dos recursos. Segundo L. Vidal e A. L. da Silva:

Existem sistemas complexos no trato destas relações e que ficam evidentes em campos diversos da vida social, como os rituais, os mitos, os cantos, os ornamentos, a medicina indígena, as crenças, o xamanismo, a noção de pessoa, as doenças, os tabus alimentares e em certas práticas cotidianas... Para os povos indígenas, o conhecimento do ambiente dependia de contatos com o mundo invisível dos espíritos que desempenhavam um papel fundamental na garantia da reprodução da sociedade, da cultura e do ambiente.... Para os indígenas o conhecimento era simultaneamente material e espiritual e os seres humanos geralmente não estavam separados daquilo que os povos não-índios concebem como o mundo natural.⁵⁹

A análise dos mitos e rituais não deve se concentrar somente sobre fatos observáveis empiricamente, mas também sobre o que está implícito, ou seja, situado na estrutura das relações. Segundo Claude Levi-Strauss: “Com efeito, cada dia mais se percebe que para interpretar corretamente os mitos e os ritos é indispensável à identificação precisa das plantas e dos animais de que se faz menção ou que são diretamente utilizados sob a forma de fragmentos ou de despojos”.⁶⁰

Para os indígenas, a terra é considerada a geradora da vida, portanto é um bem coletivo, destinada à satisfação das necessidades de toda a comunidade. Segundo afirmação de Agnes Heller: “... o homem é um ser genérico, já que é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas o representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre a integração (tribo, demos, estamento, classe, nação, humanidade) – bem como, freqüentemente, várias integrações – cuja parte consciente é o homem e na qual se forma sua ‘consciência de nós’”.⁶¹ Nessa perspectiva, todos têm o direito de usufruir o meio, através da caça, pesca, coleta ou mesmo da agricultura, embora o produto do trabalho seja individual, as obrigações existentes entre os indivíduos buscam-lhes garantir o usufruto dos recursos naturais disponíveis. Segundo afirmação de L. Vidal e A. L. da Silva:

Como nas sociedades indígenas não existiam padrões, como a terra era um bem comum ... Todos tinham direitos iguais à terra e aos conhecimentos que permitiam

⁵⁹ VIDAL, L. & SILVA, A. L da. op. cit. p. 206 e 115.

⁶⁰ LÉVI-STRAUSS, C. "A lógica das classificações primitivas". In: **O pensamento selvagem**. Campinas/SP: Papyrus, 1989. Tradução de Tânia Pellegrini. p. 62.

⁶¹ HELLER, A. op. cit. p. 21.

explorar os recursos naturais, produziam o que era necessário para si próprios e para saldar suas necessidades sociais de retribuição que nem sempre era utilizado diretamente nas necessidades básicas, era consumido em festas e rituais, ou seja era socializado, dividido entre todos, e não destinado a criar desigualdade entre os homens ...⁶²

O nascimento simbolizava o momento em que os Xokleng conferiam à criança sua socialização no grupo, ou seja, através desse rito de incorporação, o pai assumia a paternidade, e se reconhecia ao recém-nascido um lugar na sociedade indígena, como homem ou mulher. Para A. Heller: “O homem já nasce inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade”.⁶³

Assim sendo, devemos levar em conta dois aspectos: primeiro, no contexto do mito, ao pensar essa representação percebemos a identificação do contraste entre animais e humanos; segundo, no mesmo contexto, indica que esta dupla diferença é uma questão de parentesco - o contexto sugere que esse parentesco é algo que se inscreve no corpo. Dessa forma: “O nascimento é, cronologicamente, o primeiro dos ritos de passagem que transforma um acontecimento biológico em acontecimento social”.⁶⁴

Para G. Urban citado por M. C. de Souza: “a perfuração do lábio dos meninos e a tatuagem da coxa das meninas, realizados entre 2 a 3 anos de idade, é um momento crucial na construção da pessoa Xokleng: após efetuar a operação, o *pai cerimonial* levanta a criança, o ato define a relação de paternidade cerimonial (a maternidade cerimonial parece associada ao corte do cordão umbilical)”.⁶⁵ Dona Neli Ndilli afirma que a escolha dos *pais cerimoniais* era definida da seguinte forma:

Escolhido é os pais que escolhe né, os pais é que chama aquela mulher, aquela mulher vai atender a mulher né, quando ela vai ganhar neném daí, ela que vai atender ela e é essa mesma que esconde placenta e essa mesma que faz aqueles furo lá né. Não é todas que faz não. Aquela mulher que como se fosse parteira né, como agora que tem parteira, no mato é assim, uma mulher que cuida. Daí, quando ... depois que a mulher tá tudo pronto daí eles vão esconde placenta da criança no mato, eles esconde debaixo de um pau, pau assim que nunca morre né, daí os dois vão junto cantando, eles vão, eles têm um cântico que eles vão cantando e levando pra esconde longe assim né.⁶⁶

⁶² VIDAL, L. & SILVA, A. L da. op. cit., p. 348.

⁶³ HELLER, A. op. cit. p. 18.

⁶⁴ LABURTHER-TOLRA, op. cit. p. 211.

⁶⁵ URBAN, G. op. cit. p. 60-62.

⁶⁶ NDILLI, N. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira**. Em, 24 de setembro de 2002.

Sobre o ritual de iniciação, P. Laburthe-Tolra E J. P. Warnier mencionam em seu estudo que: “A *iniciação* é, em termos gerais, o acesso a um conhecimento que só pode ser transmitido através de um longo processo: iniciação à técnica, aos arcanos de um saber... O rito cria, assim, um ser novo, muitas vezes dotado de um novo nome, e munido de um segredo iniciático cujo objetivo é, sobretudo, assegurar a solidariedade e a submissão sociais”.⁶⁷

Ao pensarmos a cultura como uma condição partilhada pelos seres humanos, do ponto de vista Xokleng depende, entre outras coisas, da criação das relações apropriadas entre pais cerimoniais, pais reais e crianças, na cerimônia coletiva em que os corpos destas últimas são modificados mediante a imposição de tatuagens e tembetá. Para D. N. Ndilli: “Aquele que escondeu o umbigo, a placenta da criança é aquele que é madrinha dela é que faz aquele furinho, assim. Não é todo que faz não, aquela que escondeu o placenta da criança é a madrinha, então é aquele que faz o furo”.⁶⁸

O que diferenciava os Xokleng era uma identidade corporal que não estava dada, mas deveria ser ativamente determinada, através de operações físicas particulares, as quais envolviam a ativação e transformação de um certo número de relações. Estar vivo, ser um de *nós*, os *vivos*, era ter um corpo humano devidamente modificado segundo os padrões da sociedade na qual se estava inserido.

Cabe destacar que, na maioria dos povos indígenas, nesses rituais ligados à gestação e ao nascimento, tanto a criança quanto seus pais eram submetidos ao ritual de passagem. O reconhecimento da gravidez da mulher colocava o pai e a mãe num estado de cuidados especiais, separando-os, de certo modo, pela maneira de se comportarem, dos demais habitantes da aldeia. Ficavam, assim, segregados até que a criança nascesse e os ritos de sua incorporação fossem realizados, momento em que eles eram reintegrados à vida normal, desempenhando um novo papel social: pai e mãe de um novo membro da sociedade que entre os Xokleng concretiza-se com a inserção do botoque.

A escolha dos nomes era geralmente feita pelos próprios pais, assim: - os meninos recebiam o *sobrenome* dos pais e as meninas o da mãe. “Dão elles, às creanças masculinas, com o pre-nome, o de um notavel antepassado ao qual ajuntam como sobre-nome, o nome do

⁶⁷ LABURTHE-TOLRA, P. op. cit. p. 207.

⁶⁸ NDILLI, N. *Entrevista cit.*

pae de sua descendencia. Para a creança do sexo feminino, escolhe a mãe o pre-nome a seu gosto, ficando, como sobre-nome, o nome da mãe e de sua descendencia”.⁶⁹ Devemos ressaltar que a nomeação da criança é o que a tira do anonimato e a insere na comunidade, é o processo através do qual se reconhece à criança o direito de permanecer como membro da mesma.

Devemos salientar que nos artigos publicados sobre a cultura Xokleng, podemos obter grande quantidade de informações sobre a perfuração dos lábios dos meninos e pouquíssimas informações sobre a tatuagem na perna das meninas. Conforme P. Laburthe-Tolra E J. P. Warnier: “Esses rituais estão às vezes ligados à circuncisão dos rapazes e à excisão das moças (...) Muitas vezes são impressas marcas corporais (escarificações, tatuagens, talho em dentes) que têm por efeito inscrever (dolosamente) no corpo a memória da iniciação, marcar na ordem natural um acontecimento cultural”.⁷⁰

O ritual envolve a criança, os pais e os parentes, e simultaneamente a ele ocorre a festa que comemora a inserção do novo membro a família. Para a realização do ritual, o pai da criança sai juntamente com seu cunhado, em busca de caça para alimentar os parentes que participam da cerimônia. A respeito do ritual de nascimentos, R. Lavina afirma cf. J. Henry:

Quando a criança nascia a placenta e o cordão umbilical eram esfregados com ervas e postos em um cesto, que seria colocado ocultamente pelo irmão da mãe dentro de um curso d'água. O irmão da mãe e sua esposa tornavam-se, neste momento, os pais cerimoniais da criança. A seguir os tornozelos da criança eram envolvidos com vinte voltas de cordel, que serão conservados por cerca de duas semanas, quando então a criança receberá seu primeiro alimento cozido.⁷¹

A festa de perfuração dos lábios dos meninos para a inserção do botoque e *tatuagem* na perna das meninas, o ritual mais importante para os Xokleng, já que era responsável pela reunião da maior parte do grupo. Sobre o tembetá, J. Henry afirma que: “Existia uma considerável variação individual na forma dos batoques, e os membros de famílias extensas eram distinguidos pela forma de seus batoques de lábio”.⁷²

⁶⁹ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

⁷⁰ LABURTHE-TOLRA, P. op. cit. p. 207-208.

⁷¹ LAVINA, R. op. cit. p. 67-68.

⁷² HENRY, J. **Jungle People. A Kaingáng Tribe of the Highland or Brazil.** New York, 1964, p.

Os preparativos levavam cerca de um mês.⁷³ A bebida era preparada a partir de uma mistura de mel, água acrescida de suco de xaxim, que a tornava vermelha, fermentando durante o período aproximado de um mês, sendo, então, consumida na festa de perfuração dos lábios. Segundo R. Lavina esclarece cf. J. Henry: “Para a realização do ritual uma grande área é limpa, sendo construídos em sua periferia pequenos abrigos, no centro é acesa uma fogueira em torno da qual os homens iniciam uma dança”.⁷⁴

A preparação da bebida utilizada nos rituais dos Xokleng demandava vários dias até que estivesse realmente pronta para o consumo. Ela podia ser preparada por homens e mulheres, e o seu processo de confecção foi relatado da seguinte forma:

Para estas festas, preparam os botocudos uma bebida, “Móng-ma”, cuja base, como ingrediente principal, é o mel silvestre; requerendo o seu preparo bastante tempo. Por esse motivo, já uma lua antes, subdividem-se os índios tomando cada um a si um *affazer*. Aos pais dos meninos á batizar, cabe a construção dos grandes cochos para o preparo da bebida, verdadeiras obras de menstre, exigindo maxima paciencia e habilidade. Enquanto os pais se ocupam neste serviço, os demais parentes, sahem á procura de mel. Em todas as direções embrenham-se na floresta pequenos grupos de índios que, muito alegres com a proxima festa, sahem contando e galhofando entre sí. Na sua volta, não só trazem mel em abundancia, como também o resultado de sua caça.⁷⁵

O início da festa era marcado por cânticos e danças ao redor da fogueira e ocorria durante toda a madrugada. Para R. Lavina cf. J. Henry: “Durante estas danças era consumida uma grande quantidade de bebida alcoólica, sendo também as crianças obrigadas a beber até a insensibilidade. Para aumentar o efeito da bebida, estas eram ainda sacudidas e arremessadas de uma pessoa para outra. Era nesse estágio que os lábios eram perfurados, sendo introduzido no orificio um pequeno labrete de madeira”.⁷⁶

No dia da festa, no meio deste, era feita uma fogueira, entoando os guerreiros seus canticos, desde alta madrugada. Ao nascer do sol, ornamentam-se com todos os seus emblemas de guerreiros, e, reunidos, executam evoluções pelo terreiro, á roda da grande fogueira. Entram então as mulheres com maracás em ambas as mãos e cantando encetam uma dança, conjuntamente com os guerreiros. Essa dança consiste em uma marcha rythmada compassadamente marcada pelas pancadas surdas da lanças no sólo que são acompanhadas com o chocalhar dos maracás.⁷⁷

⁷³ LAVINA, R. op. cit. p.110.

⁷⁴ Ibid., p. 68.

⁷⁵ HOERHANN, **Anexo...**, paginação irregular.

⁷⁶ LAVINA, R. op. cit. p. 68.

⁷⁷ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo ...**paginação irregular.

Juntamente com o ritual de perfuração dos lábios dos meninos era realizado o ritual das meninas - a inserção de uma marca que, assim como o botoque, tinha a finalidade de identificação da comunidade, a qual as crianças pertenciam. Sabemos que através dessa marca *Korikã*, a menina indígena que foi adotada pelo médico alemão Hugo Gensch e que recebeu o nome de Maria foi reconhecida pela família indígena da qual ela foi afastada pelos bugreiros.

Sobre o ritual de inserção da marca das meninas, Dona N. Ndilli afirma que:

Porque aquilo significa assim, a minha vó tinha dois assim, eu sô muito curiosa, eu gostava de perguntar as coisas, né não sei porque, mas hoje agora é que eu tô contando porque sei agora, aquilo que minha vó me disse, eles bota dois aqui né, dois eles bota um pau assim que nunca apudresse, é não tem cansativo esse pau chama-se pau viola né. Então esse pau, ele é assim, ele é duro, não cansa ele é fininho mas é cumpridinho, assim vai reto não cansa, ele não desce pra baixo, lá ele faz raiz pra lá e pra cá. Então ela disse que eles queima, só que eles faz a dança primeiro, né.⁷⁸

A festa tradicional da perfuração dos lábios dos meninos e da inserção da marca na coxa das meninas, pode ser observada na foto a seguir de 1933. Podemos dizer que, por intermédio da inserção desses símbolos, no corpo da criança, é indicada a existência de “um sistema de significados e valores que comunica a identidade pessoal e social do indivíduo, transformando o próprio corpo no palco simbólico sobre o qual o drama da socialização é encenado”.⁷⁹ Para o pesquisador Anthony Seeger, a inserção de adornos no corpo como era o caso dos Xokleng, exprime a concepção tribal da pessoa humana a categorização social e outras mensagens referentes à ordem social e cósmica. A seguir, podemos ver a realização do ritual em 1933, através de foto obtida no Arquivo Histórico de Rio do Sul.

⁷⁸ NDILLI, N. *Entrevista cit.*

⁷⁹ RIBEIRO, B. G. *Suma ...Arte Índia.*, p.25.



Fig.: 2 – Festa tradicional. Foto de Jules Henry, 1933. (Acervo: Arquivo Público de Rio do Sul).

Para grande parte das culturas indígenas, o processo de socialização das crianças é considerado tarefa de todos, cabendo às mães e aos pais a orientação nas tarefas e comportamentos que a comunidade espera desse novo membro do grupo. Cabe às crianças brincarem e terem sua mãe sempre por perto para protegê-las, sem jamais levantar a voz, brigar ou bater-lhes. Uma boa mãe e um bom pai educam com autoridade, desenvolvendo na criança a atenção e a observação pessoal, bem como a importância da repetição de uma tarefa até a sua plena aprendizagem. Cabe a todos desenvolverem na criança o senso de responsabilidade e o respeito às regras sociais de sua comunidade.

Em suas relações familiares e no próprio grupo, não era possível perceber a existência de sistemas de metades que lhes impunham obrigações sociais, como pode ser constatado entre os Kaingáng que também pertencem ao grupo lingüístico Jê. Formavam os uma única comunidade, composta de diferentes famílias, todas, com iguais direitos e se organizavam em sistemas de clãs, utilizando pinturas corporais que estavam associadas a grupos e a cinco nomes de clãs. Segundo S. C. dos Santos:

Eles possuem um sistema de parentesco que não é a cristalização de obrigações inevitáveis..., mas um plano para agrupar pessoas em grandes classes de idades... Eles apresentam uma tradição mítica que relaciona certo herói cultural com o sistema exógamo de matrimônio à base do que a tribo estava dividida em cinco

grupos, cada um deles associado a uma série de nomes pessoais e um desenho que seus membros usavam para pintar seus corpos. Mas na prática a função das pinturas corporais era exclusivamente mágica.⁸⁰

Não há registro de que houvesse alguma restrição a casamentos de indivíduos de pinturas idênticas. As pinturas além de indicarem a posição social do indivíduo dentro da comunidade possuíam também um caráter mágico-religioso. As informações que foram possíveis de obter são de que as pinturas tinham como única finalidade afastar os *kupleng*, ou seja, os espíritos dos mortos.⁸¹

Através dos estudos de J. Henry e A.Métraux, constatamos que uma das peculiaridades do grupo está no fato dele praticar simultaneamente mais de três tipos de casamentos: a monogamia, a poliandria (casamento de uma mulher com dois ou mais homens), poliginia (casamento de um homem com duas ou mais mulheres) e o *casamento conjunto* (dois ou mais homens coabitando simultaneamente com duas ou mais mulheres).⁸²

Os guerreiros quando adultos recebiam uma identificação e tinham que ser submetidos a um ritual de passagem que determinava o momento em que seriam recebidos entre os guerreiros. E. de L. e Silva Hoerhann afirma que: “Quando adultos, os jovens recebem, como distintivo de guerreiro, uma tatuagem sobre o braço. São dois pontos, em sentido horizontal. À medida que os mesmos saibam fazer valer as suas qualidades de varão, recebem, logo abaixo, mais duas tatuagens, no mesmo sentido. Depois de assim recebidos entre os guerreiros, estão eles aptos para se caçar.”⁸³ Conforme afirma B. G. Ribeiro:

A personalização do corpo – ou significado simbólico dos adornos corporais e mesmo dos órgãos que compõem o corpo demonstram que ocorre uma categorização do corpo que obedece a regras de codificação que presidem o comportamento dos indivíduos, de acordo com os papéis sociais e rituais que esse código visual torna explícito... A introdução a certos comportamentos, provinda de símbolos externos aplicados ao corpo, comportamentos estes voltados à reprodução social, podem ser exemplificados por um símbolo de controle da sexualidade...⁸⁴

A esses guerreiros também era concedido o direito de escolherem suas esposas e geralmente escolhiam as mulheres mais jovens. Podiam escolher também uma segunda

⁸⁰ SANTOS, S. C. dos **Índios e brancos ...** p. 219.

⁸¹ HENRY, J. *Os Índios Kaingang de Santa Catarina, Brasil*. In.: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. Florianópolis: vol.XIII, p. 129, 2º semestre de 1944.

⁸² Id..

⁸³ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo ...** paginação irregular.

⁸⁴ RIBEIRO, B. G. **Arte Índia...** p. 24.

mulher, sendo comum serem as outras mulheres irmãs da primeira esposa, porém, todas tinham os mesmos direitos.⁸⁵

Na cultura tradicional dos Xokleng, como em algumas comunidades indígenas, havia uma divisão de trabalho entre homens e mulheres, as atividades realizadas pelas mulheres eram relacionadas à alimentação e a casa como: cuidar das crianças, fazer o fogo, ajudar na fiação dos tecidos, na confecção da cerâmica e das casas, na coleta do mel, do pinhão e dos frutos.

As casas eram sempre construídas às pressas. Este era teoricamente um serviço feminino, mas, na expectativa da chuva repentina, homens e mulheres colaboravam. As mulheres procuravam as folhas que iriam cobrir a casa, enquanto os homens cortavam e depositavam os galhos que iriam dar sustentação e que eram todos talhados da mesma maneira.⁸⁶

Naturalmente, se uma casa era construída inteiramente por uma mulher, a tendência era de ser mais baixa do que se fosse construída por um homem. As mulheres ligavam os postes inclinados contra os postes de sustentação, de forma que os primeiros pudessem permanecer sobre os últimos, alcançando assim certa altura. A altura da casa era muito mais variável do que a largura.⁸⁷ E. de L. e Silva Hoerhann menciona que

Constróem os botocudos seus acampamentos, com ranchos de varas finas, umas fíncadas ao longo das outras, a pouca distancia, que são vergadas em forma de arco e prezas suas pontas em uma pezada vara horizontal, geralmente fixa em duas arvores na altura de um homem. A forma do tecto é o de abobada, sendo coberto com folhas de coqueiro, caetê ou xaxim; deixam sempre um vão lateral de mais ou menos um metro, sem fechar para que possam observar tambem o que se passa atraz do rancho evitando assim uma possivel surpresa. O fogo sempre é feito sob parte aberta do rancho, zelando continuamente os indios para que não se apague.⁸⁸

Segundo E. de L. e S. Hoerhann, a caça era uma atividade desenvolvida exclusivamente por homens, porém, no caso de ausência dos homens, por motivo de guerra às mulheres podiam realizar caçada a pequenos animais. Desta forma, conforme esse autor: “Na ausência dos guerreiros durante longo tempo, é uso da tribu que as mulheres e com meio de

⁸⁵ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo ...**paginação irregular.

⁸⁶ HENRY, J. **Jungle...** p. 164-165.

⁸⁷ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo ...**paginação irregular.

⁸⁸ Id.

laços e armadilhas com que apanham pequenas caças, para sua alimentação, por não usarem estas nenhuma arma”.⁸⁹

As formas como eram realizadas as caçadas, mostravam-se as mais variadas, entretanto, “a técnica preferida dos Xokleng era perseguir a caça até acuá-la, sendo então abatida à flechada ou, mais raramente, a golpes de lanças ou bordunas”.⁹⁰ A caça além de ser uma das formas de subsistência para a comunidade e para os guerreiros, era uma das maneiras de eles mostrarem sua bravura e suas habilidades, principalmente, quando o animal caçado era a onça.

Com maximo orgulho, contam os guerreiros o numero das onças por elles mortas, o que muito contribue para augmentar o seu valor entre os demais, da tribu. A bravura, consiste em atacar a onça acuada em terra, ocasião essa, a mais perigosa para o caçador. Matam-na então, á flecha e á lança, conforme a posição do felino. Compete então ao bravo caçador, comer o coração de sua victima, repartindo com os demais presentes, o resto da carne.⁹¹

Como regra, um caçador jamais comia a carne que ele abatia, entregava-a a algum companheiro. Quando matavam uma anta, colhiam e cozinhavam o alimento consumido por ela, com o mesmo era feito uma infusão, a qual era passada sobre o animal durante a realização do ritual, que tinha a finalidade de acalmar seu espírito, procurando tranquilizá-lo com palavras amigas para que não prevenisse os demais de serem caçados.⁹² A caça podia ser uma atividade tanto coletiva, sendo normalmente realizada por grupo de parentes, quanto individual, porém era atividade realizada pelos homens.⁹³

A alimentação dos Xokleng variava conforme a necessidade e a disponibilidade de alimentos no local onde se estabeleciam temporariamente. Já que eles não plantavam, viviam somente da caça de animais e da coleta de frutos, mel, insetos e larvas. Devido à “escassez existente de caça nas mattas aqui do sul, obrigou os indios a recorrerem a todos os meios para saciar sua fome, habituaram-se a comer chrysalidas e larvas de toda especie principalmente o assim chamado “coró”, bicho do pau podre”.⁹⁴ Da mesma forma, E. de L. e S. Hoerhann afirma:

⁸⁹ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo ...**paginação irregular.

⁹⁰ LAVINA, R. op. cit. p.60.

⁹¹ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo ...**paginação irregular.

⁹² MÉTRAUX, A. op. cit. p. 445-475.

⁹³ LAVINA, R. op. cit. p. 61.

⁹⁴ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo ...**paginação irregular.

Toma parte saliente na sua alimentação também o mel silvestre, que para elles é indispensavel. Não se pode senão averbar de verdadeiro instincto, ou de mais um sentido, o tino que possuem para descobrir volta e meia, uma abelheira no matto, quasi sempre no alto de grandes arvores. Divisada a colmeia, escalam a arvore pelo systema já descrito com a peia e a laçada, nas quaes se firmam de encontro á arvore. Tem elles assim os braços livres manejando com admiravel segurança e certeza o seu machado de cabo curto. Fendem a madeira exactamente no logar necessario, fazendo uma abertura em forma de perfeito triangulo. Aproveitam a abelheira simplesmente tudo: mel, favo, comendo com muito gosto as chrysalidas; também a cêra é sempre toda recolhida para outros diversos fins.⁹⁵

A preparação dos alimentos era tarefa individual e exclusivamente feminina. Conforme R. Lavina: “As caças podiam ser preparadas de várias maneiras, no caso de animais de meio e grande porte eram assados em uma espécie de “forno subterrâneo”, uma espécie de buraco no solo com duas pedras previamente aquecidas, cobrem-na com folhas de palmeira e colocam pedaços de carne com o couro, cobrem tudo com folhas de palmeira, sendo depois recobertas de terra e uma fogueira. Já os animais de pequeno porte podiam ser assados em espetos”.⁹⁶ Para E. de L. e S. Hoerhann:

Assam a carne fazendo um largo buraco na terra, o qual forram com pedras do rio, fazendo sobre ellas um fogo durante muito tempo; até que as mesmas se tornem rubras de calor. Retiram em seguida os restos do fogo, forrando as pedras, no interior do buraco, com pedaços de madeira e folhas de palmeira, sobre as quaes collocam então os pedaços de carne, com o couro. Cobrem tudo com outra camada de folhas de palmeira, sobre a qual depositam ainda uma espessa camada de terra. Cosinha-se deste modo à carne lentamente, durante mais ou menos 12 horas, sendo notavel o sabor que por este processo adquire.⁹⁷

O processo de coleta do pinhão era uma das tarefas realizadas em conjunto entre homens e mulheres. Inicialmente os homens nas araucárias e retiravam a pinha depois disso, eles e suas esposas recolhiam os frutos. Uma vez colhidos, eram simplesmente tostados ao fogo e triturados em pilões, formando uma massa com a qual preparavam um caldo cozido com água, bem como pequenos bolos, de forma redonda, que eram depois assados sobre brasas.⁹⁸

Para conservar os pinhões, homens e mulheres usavam o seguinte processo: enchiam cestos que eram previamente forrados com folhas de caetê, imersos nas águas de pequenos córregos durante um mês e meio, tornando-se perfeitamente curtidos, conservando suas

⁹⁵ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo ...**paginação irregular.

⁹⁶ LAVINA, R. op. cit. p. 62-63.

⁹⁷ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo ...**paginação irregular.

⁹⁸ Id.

qualidades alimentícias por um longo espaço de tempo. Desses pinhões cortidos, eram feitas as sopas e bolos.⁹⁹

Ao mudarem o acampamento de lugar, as mulheres levavam um pequeno pedaço de madeira que já estava queimando. Os homens não carregavam o fogo, então, se eles precisassem dele para assar pinha, quando estavam com fome, ou para fazer fumaça para espantar as vespas e abelhas perigosas. Não havia qualquer conotação sexual ligada aos aparatos de produção de fogo.¹⁰⁰

Outro ritual importante para os Xokleng era o de cremação dos mortos e luto familiar. As pesquisas realizadas por A. Métraux apontam que, inicialmente cremavam seus mortos, exceto as crianças menores, pois acreditavam que elas retornariam ao ventre da mãe e renasceriam: por isso a nova criança recebia o nome da falecida. Os Xokleng também queimavam juntamente com os mortos seus bens pessoais. Normalmente eram os afilhados que se incumbiam da cremação de seus padrinhos quando morriam.

Os mortos adultos, tanto os homens, como as mulheres, são incinerados, em grandes fogueiras, feitas de madeiras escolhidas com esméro. O mesmo fazem com as crianças, de ambos os sexos, quando puberes; quando pequenas porem, são enterradas. Conjuntamente com o guerreiro, são queimadas todas as suas armas e demais utensílios de seu uso pessoal. Incinerando o corpo, recolhem, no sol seguinte, as cinzas, que depositam num buraco redondo, previamente forrado com cascas e folhas de árvores; sendo então tapado com terra e sobre o qual collocam rachões de madeira, construindo, por cima de tudo um rancho. A morte de um chefe, ou de um guerreiro emerito, é chorada pela tribu inteira, que em uma especie de ladainha, cantam seus feitos durante alguns dias. Salientam então as mulheres nos mesmos cantos as boas qualidades do morto na vida intima da tribu.¹⁰¹

A morte era um relevante fator de ruptura social entre os Xokleng e evocava seu principal ritual: a reclusão do cônjuge sobrevivente. G. Urban observou que os Xokleng, quando em reclusão, deveriam obedecer a restrições alimentares e a uma série de rituais de purificação. Após a cremação do morto o(a) viúvo(a) era afastado(a) da aldeia, visto que a alma do(a) falecido(a) tornava-se um perigo para o cônjuge e para a comunidade. Eles deviam seguir alguns procedimentos para que o espírito do(a) morto(a) seguisse sua *viagem*, conforme pode ser observado no relato de Dona N. Ndilli:

... quando a mulher o homem quando morre, o cunhado dela leva ela longe ou

⁹⁹ LAVINA, R. op. cit. p. 63.

¹⁰⁰ HENRY, J. **Jungle...** p. 163-164.

¹⁰¹ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo ...** paginação irregular.

cunhado dele, né , leva ele longe distância da família, bem distâncnia da família né daí lá ele fica sozinho aí a cunhada dele faz comida pra ele, ela leva comida pronta pra ele né lá ai ele só come lá ele não come com a família nada o mel se é pra tira daí o tio dele, senão o cunhado dele tira, daí a cunhada dele leva pra ele come ele não trabalha, ele não levanta enquanto que todo mundo não levanta ele não levanta né. Então eu me lembro que a minha vó falava pra mim que ela depois, família tem que levanta tudo adiantado à viúva, depois que ele tão fora bem dizer né ela não levanta antes da família, quando tudo tivé levantado daí ela levanta. Conforme ela faz o ritmo dela no mato e no mato que ela tá viúva ela faz em casa também só que ela come junto dali pra eles faze, tira ela, termina com a luta deles, eles vão no mato tira mel separado pra viúvo e separado pra comer em casa né, é tudo separado, já leva a vasilha já tira separado pra não come o que pra faze o “vinho” que é pra tira o viúvo. Daí depois que tá pronto três meses quando termina, conforme o luto da pessoa. Leva três meses, conforme leva seis meses né, quando ele tem aqueles pinguinho assim, tem três, tem seis pinguinho então aquele leva seis meses ou aqueles de conforme eu tava falando né, então leva seis meses. Mas se ele tem pintura cumprida assim só cumprida daí leva três. É conforme a pintura daí leva três meses, mas conforme outro pintura daí é seis.¹⁰²

O retorno do viúvo ou viúva para o convívio na aldeia implicava na realização de um ritual de purificação que consistia no corte dos cabelos e unhas e na realização de cânticos, danças e pinturas corporais envolvendo a comunidade. Ainda sobre o luto familiar, Dona N. Ndilli menciona que:

Aí quando eles vê que tá terminando já, tá quais terminando daí eles vão aprontando o mel, eles tira mel já vão arrumando, tira tudo já vão arrumando, aí despôs eles faz o “vinho”, tira, vai no mato pra tira xaxim bem marrom, eles tira a casca dele ai deixa só talo ai soca bem tira o sumo né ai eles vão botando no vazinha onde é que eles vão faze o “vinho” né ai eles, depois que tá tudo pronto eles vão devolta corta aquele madeira, madeira que não morre, que é o cedro né, que aquele brota né, daí daquele eles tira eles faze bico de cocho bem comprido daí eles enche de mel, ai eles faze água doce coloca tudo ali, aí despôs aquele sumo eles coloca dentro, sumo de xaxim, eles coloca tudo junto ali. Aí despôs eles tira pedra ajunta bastante pedra de ferro né, pedra de ferro eles faze uma coisa assim que protege bem o viúvo pra ele não morre cedo , bem cedo assim ai eles faz fogo, bastante fogo, ai eles coloca aquelas pedra dentro, ai quando tá bem vermelhado dai eles vão colocando naquela água doce que eles prepararam com sumo do xaxim, ai eles vão colocando dentro ai ele vai fervendo, quando acaba de ferver eles tira coloca outro até ele azeda. Daí quando azeda tudo, daí eles pronto, daí ele ferve daí ele já escuma, dá aquela escuma bem branca, ai despôs eles começa tira caeté pra tampa pra não cai mosquito, pra não azara eles né, se cai um mosquito é o sinal que vai morre uma pessoa cedo homem né, homem significa moribundo e mosquito e a mulher significa borboleta, ai pra não faze isso é que ele tampa, tampa bem pra outro dia vê se tá, se já azeda as vezes fica dois, três dia enquanto que ele não azeda eles não tira. Aí só aquele que tá aprontando esse mel pro viúvo é que experimente, fora disso não é outro que experimenta, não é outro.¹⁰³

Ao pensarmos as culturas indígenas, percebemos que elas diferem muito em diversos aspectos, inclusive na forma como concebem o mundo e o meio natural, na forma como se

¹⁰² NDILLI, N. **Entrevista cit.**

¹⁰³ Id.

apropriam dos recursos e fazem uso deles. Sociedades assim comparadas podem diferir fundamentalmente em sua organização da vida social, nas maneiras de definir as relações de parentesco entre outros membros, de regular o casamento e a reprodução, na produção do necessário para a sobrevivência, nas técnicas, nos instrumentos, nos utensílios, nas suas concepções e crenças e em tantos outros aspectos.¹⁰⁴

Diante das diferenças culturais, do conhecimento sobre essas diversas formas de conceber o mundo, somente o conhecimento pode proporcionar o respeito às diferenças, possibilitando a preservação dessas culturas, pois como já foi dito antes “você não preserva aquilo que não conhece”. E no caso da comunidade Xokleng os contatos na tentativa de integrá-los à sociedade envolvente fez com que sua cultura fosse muito alterada.

Os rituais e as práticas cotidianas referentes à cultura tradicional do grupo Xokleng foi presenciado por J. Henry, que publicou artigo sobre o assunto, assim sendo a vivência do grupo pode tornar-se conhecida fora das fronteiras da Terra Indígena. Tais artigos contribuíram para que tomássemos conhecimento da cultura do grupo, pois, como já sabemos, a cultura indígena se transmitia através da oralidade.

O contato e o aldeamento para os Xokleng desencadearam vários problemas, como a proliferação de doenças e o desânimo em relação à mudança na forma de vida, que acabaram ocasionando a morte da maioria dos membros mais idosos do grupo fazendo com que a *prática coletiva* do grupo, anterior ao contato, ficasse comprometida. Atualmente os rituais e mitos que eram cultivados pela comunidade deixaram de ser praticados desde as primeiras décadas do estabelecimento no Posto Indígena, e hoje dificilmente são contados entre eles.

1.3 - Os Xokleng e a Ocupação de seu Território Histórico

Abordamos aspectos relacionados ao processo de colonização na região do Vale do Itajaí, iniciado em meados do século XIX. Através de documentos oficiais, buscamos

¹⁰⁴ SANTOS, J. L. dos. op. cit. p. 38.

compreender a representação dos indígenas, bem como as medidas adotadas pelo Governo Imperial em relação a eles.

Como forma de incentivo para a colonização e visando obter lucros através da ocupação do território brasileiro, o Governo Imperial, em 1850, promulgou a Lei nº 601, que foi regulamentada pelo Decreto nº 1318, de 1854, tendo o mesmo passado a dispor sobre as terras devolutas do Império. A partir de então, iniciou-se a campanha de divulgação que visava instalar no país agricultores livres e estimular a vinda de imigrantes europeus.¹⁰⁵

Além da propaganda, outro fator que contribuiu para a vinda de imigrantes no século XIX estava relacionado ao fato de que a Europa passava por grandes transformações, e as condições de vida das populações européias tinham se tornado muito difícil em várias regiões. Os europeus viam a emigração como alternativa para melhorar sua qualidade de vida.

Devemos salientar que a propaganda divulgada na Europa sobre o Brasil enfatizava um local com grande quantidade de terras disponíveis, férteis e prontas para o plantio, entretanto essas propagandas não mencionavam a existência de indígenas na região, bem como as reais condições dessas terras. Foi nesse contexto, que se instalaram as primeiras companhias colonizadoras na região do Vale do Itajaí, vindas da Alemanha, dando início à ocupação.

Cabe ressaltar que o aumento dos embates entre colonos e indígenas foi intensificado pelo fato das companhias colonizadoras não mencionarem a existência de populações indígenas, ou melhor, desconsiderarem sua presença, pois “com esse silêncio, o Estado procura manter a distância, ignorar, e mesmo sufocar, a questão crucial do sujeito, isto é, dos modos com que o sujeito pensa, deseja, critica, resiste.”¹⁰⁶ Desta forma, essas companhias colonizadoras buscavam aumentar o contingente europeu no território catarinense. Para E. P. Orlandi: “As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras”.¹⁰⁷ Percebemos que não era interesse das companhias colonizadoras informarem, aos colonos, da existência de indígenas, já que essa informação faria com que muitos dos imigrantes desistissem de vir para a região.

¹⁰⁵ NÖTZOLD, A. L. V. & VIEIRA, E. E. op. cit. p.18.

¹⁰⁶ ORLANDI, E. P. **Terra à Vista. Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo**. São Paulo, Cortez, 1990. p. 55-56.

¹⁰⁷ ORLANDI, E. P. **Terra à Vista....**p. 9.

Devido ao modo de vida dos Xokleng, que praticavam o nomadismo, e ao aumento dos colonos estabelecidos no local, o encontro entre ambos foi inevitável. Encontro que fatalmente levaria ao enfrentamento, já que ambos passaram a disputar o mesmo território, do qual, segundo suas concepções, eram donos. O encontro entre diferentes modos de vida acabou gerando um ambiente de disputas, fazendo que surgissem representações criadas pelos colonizadores sobre os indígenas, cujo objetivo era legitimar a ação do Governo Imperial em relação a ocupação do território e necessidade de catequização desses povos para poder serem inseridos na “sociedade civilizada”.

Conforme o contingente europeu aumentava, cresciam também os embates. Foi necessário, então, construir uma representação do indígena de forma que legitimasse as medidas adotadas pelas companhias colonizadoras juntamente com o Governo Imperial. Diz um trecho de correspondência oficial: “É sabido o terror que aos colonos europeus causão os índios bugres, os quaes considerando-os inimigos implacaveis atacão os núcleos de colonização e deixão após si, o roubo, a destruição e a morte”.¹⁰⁸ Percebemos que tais afirmações desconsideravam as culturas indígenas, que não tinha a idéia de propriedade concebida pelos imigrantes e colonos que ocuparam a região. Para os indígenas, tudo o que a natureza oferecia estava à disposição de todos, e, desta forma, os Xokleng passaram a ser considerados ladrões. Por meio desse fragmento de texto, percebemos ainda de que forma o Xokleng era representado em instâncias públicas. Luiz Ricardo Michaelson Centurião menciona que: “Há um ‘roubo’ de liberdade por meio do qual se nega ao sujeito, à legitimidade de auto-definir-se, de auto-atribuir-se características que, agora, passam a ser dadas pela consciência do outro. Ou seja, o sujeito fica em suspenso em seu ser, pelo seu olhar da consciência objetivante do outro”.¹⁰⁹

Nos relatos oficiais, constatou-se grande número de registros sobre os ataques praticados pelos indígenas, que ocorriam devido ao fato dos de eles não terem a noção de *propriedade* como os colonos, o que o povo Xokleng queria era *apoderar-se* dos objetos de ferro, tecidos, entre outros. Os indígenas viviam em um sistema cultural diferente da

¹⁰⁸ **Correspondência do Presidente da Província para o Ministério da Agricultura. 28 de setembro de 1875.**

¹⁰⁹ CENTURIÃO, L. R. M. **Identidade, indivíduo & gupos sociais.** Curitiba: Juruá, 2002. p. 17.

sociedade envolvente, baseado na coletividade¹¹⁰, não tinham a concepção de limites territoriais e de separação do *meu* e do *teu*, a terra era considerada um bem comum a todos e, portanto, todos podiam usufruí-la.¹¹¹

Constatamos que as representações sobre os indígenas eram atribuídas, segundo os interesses de quem exercia o poder, neste caso específico, do Governo Imperial e das companhias colonizadoras. De acordo com Roger Chartier: “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”.¹¹² Podemos perceber que havia interesse por parte das autoridades oficiais e companhias colonizadoras na representação negativa dos indígenas de forma que legitimasse as práticas de violência contra os mesmos.

Em 1836, o Governo Imperial criou a *Companhia de Pedestres*, cujo principal objetivo era atuar nas áreas de conflito, protegendo tropeiros e colonos. Essa *Companhia de Pedestres* atuou até 1879, porém, já em 1877, passaram a atuar os *Batedores de Mato* e em seguida os *Bugreiros*. Diferente da configuração da *Companhia de Pedestres*, que era de evitar os conflitos, os *Batedores de Mato* e *Bugreiros* tinham a função de *afugentar*¹¹³ os indígenas, sendo *afugentar* um termo utilizado nos documentos oficiais para referir-se ao extermínio praticado contra os indígenas.

A foto a seguir, mostra um grupo de *Bugreiros* que fazia incursões nas matas em busca dos indígenas. Os *Bugreiros* foram responsáveis pelo extermínio de grande parte da população Xokleng durante o período de colonização, pois atacavam os acampamentos indígenas durante a noite facilitando o elemento surpresa e dificultando a reação dos mesmos.

¹¹⁰ Convém salientar, entretanto, que eram considerados objetos de uso pessoal os adornos, armas para a guerra e instrumentos sacralizados, e que cada indivíduo era 'dono' dos seus pertences.

¹¹¹ NÖTZOLD, A. L. V. & VIEIRA, E. E. op. cit.pp.18-28.

¹¹² CHARTIER, R. A **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Lisboa, 1990. p. 17

¹¹³ NÖTZOLD, A. L. V. & VIEIRA, E. E. op. cit.pp.18-28.



Fig.: 3 – Grupo de bugreiros. Foto provável de E. Hoerhann. (Acervo: Arquivo Público de Rio do Sul).

A catequese era vista como forma de manutenção do discurso, que apontava para a necessidade de *civilizar* os indígenas, sendo que nos documentos oficiais descreviam a conduta dos missionários como trabalho de *catequização e civilização* dos indígenas. Em 1875, na correspondência oficial do Presidente da Província para o Ministério da Agricultura, foi declara: “A cathechese porem para prduzir effeitos vantajosos deve ser exercida por sacerdotes possuidos de inteira abnegação e do verdadeiro espirito evangelico de caridade...”.¹¹⁴ Podemos perceber que o objetivo da atuação dos missionários era a mediação no contato com os indígenas, visando à ocupação de suas terras por parte dos colonizadores.

Os missionários não conseguiam estabelecer contato com os Xokleng, e com o objetivo de viabilizar os trabalhos, nas correspondências, enfatizava a necessidade de contratação de “individuos conhecedores da lingoa dos selvagens, e habituados a conviver

¹¹⁴ **Correspondência do Presidente da Província para o Ministério da Agricultura.** 28 de setembro de 1875.

com elles, [...] Estes individuos contractados mediante uma retribuição, servirão de interpretes e procurarão attrahir á civilisação aquelles selvagens; e se conseguissem bom resultado de seos esforços constituindo aldeamentos, conviria arbitra-lhes um avultado prêmio”.¹¹⁵ No entanto, mesmo com a contratação de intérpretes, os contatos não foram estabelecidos. Primeiro pelo fato de que foram contratados Kaingáng ou Coroados para o trabalho e, em segundo, porque os Xokleng continuavam resistindo a qualquer tentativa de aproximação por parte dos missionários e intérpretes.

Outro fator utilizado como estratégia para contactar com os indígenas foi a oferta de presentes, tendo a esse respeito o Presidente da Província afirma do que “seria conveniente consignar uma quantia a compra de instrumentos e de objectos curiosos para serem offertados aos indigenas, os quaes os tem apreço como é geralmente sabido”¹¹⁶, principalmente objetos de metal que eram os mais cobiçados por esses povos.

Dentro desse contexto, onde as diferenças são enfatizadas através do conflito, cada grupo constrói representações sobre o outro a partir de suas experiências de vida, sendo que apenas as representações construídas do ponto de vista do dominador são divulgadas. Para R. Chartier: “Essa construção discursiva remete portanto necessariamente às posições e às propriedades sociais objetivas, exteriores ao discurso, que caracterizam os diferentes grupos, comunidades ou classes que constituem o mundo social”.¹¹⁷ O mesmo autor enfatiza ainda que: “As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”.¹¹⁸

Percebemos que, diante das medidas adotadas pelo Governo Imperial e companhias colonizadoras, a imagem do indígena era sustentada por argumentações buscadas em um passado remoto, cujo objetivo era o de estabelecer diferenças culturais de superioridade ou inferioridade. De acordo com E. P. Orlandi: “O discurso das descobertas sempre desenvolveu sentidos na direção do colonizador para o colonizado, produz um processo discursivo no qual

¹¹⁵ **Correspondência do Presidente...**

¹¹⁶ Id.

¹¹⁷ CHARTIER, R. A História Hoje... p. 106

¹¹⁸ CHARTIER, R. **A História Cultural...** op. cit. p. 17.

não é o que vem de fora que é o inimigo. Ele não é um invasor, é um descobridor. Isso resulta em que é o deslocamento *interno* que pode ser visto como invasão.¹¹⁹

Devemos ressaltar ainda que o indígena foi excluído do contexto cultural no processo de colonização. Podemos perceber, através das práticas adotadas, que o objetivo do Governo Imperial e das Companhias Colonizadoras pode ser definido como um processo de *apagamento* do indígena no contexto social, pois para os colonizadores, eles eram considerados como empecilho para o desenvolvimento do progresso e da civilização.

A experiência vivida pelos indígenas após o início da colonização é definida da seguinte forma por E. P. Orlandi: “A ciência torna o índio observável, legível; o indigenismo o torna administrável; a catequese o torna assimilável. Diríamos, pois, que a compreensão amansa o conceito índio, a pacificação ‘amansa’ o índio como corpo e a conversão ‘amansa’ o índio como espírito, como alma. Essa ‘domesticação’ representa o processo pelo qual ele deixa de funcionar, com sua identidade, na constituição da consciência nacional”.¹²⁰

A partir da realização dos XVI - Congresso de Americanistas em Viena passou a ser destinadas terras reservadas para as comunidades indígenas e as tentativas de fixá-los nessas reservas para que pudessem ser evitados os enfrentamentos com os colonos. O estabelecimento das comunidades indígenas nessas reservas fatalmente levaria a modificações no sistema de vida desses povos, haja vista a intensificação do contato gerado pela ocupação sistemática do território.

1.4 - As conseqüências do contato

O contato com a sociedade envolvente alterou a organização social dos Xokleng, restando como alternativa a resistência ao contato ou a adaptação à nova forma de vida. Após seu estabelecimento no Posto Indígena Duque de Caxias eles passaram de nômades caçadores e coletores a sedentários e agrícolas. Atraídos para o Posto, estabeleceu-se uma relação de

¹¹⁹ ORLANDI, E. P. **Terra a vista...** p. 238.

¹²⁰ Ibid., p. 57.

dependência, decorrente da falta de conhecimento capaz de criar um sistema autônomo que pudesse garantir a sobrevivência desses indígenas dentro do sistema regional.¹²¹

Com a instalação dos indígenas no Posto Indígena, as consequências dessa nova maneira de viver sedentária agravada pelo contato com a sociedade envolvente foram ocasionando mudanças em sua dieta alimentar, visto que quando E. de L. e S. Hoerhann constituiu o posto de atração, já tinha em torno do local, uma roça de milho, de feijão e de batata,¹²² restringindo-se assim as alternativas alimentares.¹²³

As incursões foram gradativamente sendo abandonadas, assim como a realização de vários rituais, como o de perfuração do lábio inferior dos jovens para inserção do tembetá, a tatuagem das pernas das meninas, a cremação dos mortos. Esta interferência direta na cultura tradicional dos Xokleng causou grande desmotivação pela vida, além do desespero pela perda de parentes e incertezas com relação ao futuro.¹²⁴

Percebemos que, após a sua fixação no posto, o contato tornou-se inevitável e os Xokleng foram abandonando diversos aspectos de sua cultura tradicional, incorporando vários aspectos da sociedade envolvente e sem muitas alternativas foram forçados a se adaptarem à nova forma de vida.¹²⁵

No Posto, a produção agrícola baseava-se no cultivo do milho, feijão e aipim e a alimentação dos indígenas passou a ser garantida através do cultivo de produtos agrícolas, aumentando ainda seus rendimentos com a extração do palmito e exploração de madeira que existia na reserva. Outra alternativa encontrada pelos Xokleng para aumentar sua renda foi o arrendamento de suas terras a colonos que pagavam com uma parte do que produziam. O arrendamento das terras para cultivo por parte de colonos acabou por gerar conflitos, já que eles estabeleceram suas residências em terras indígenas, fazendo o pagamento ao chefe do

¹²¹ NÖTZOLD, A. L. V. e VIEIRA, E. E. op. cit. p. 25.

¹²² SANTOS, S. C. dos. **Entrevista concedida a Rafael C. de Lima e Silva Hoerhann.** Florianópolis, agosto de 1999.

¹²³ NÖTZOLD, A. L. V. e VIEIRA, E. E. op. cit. p.35

¹²⁴ Ibid., p.36

¹²⁵ Id.

posto. Esses conflitos com os posseiros que lutavam para permanecer em suas benfeitorias e os indígenas.¹²⁶

A população indígena tem ao longo de sua história de contato interétnico enfrentado inúmeras dificuldades que se somam ao seu cotidiano, com um processo contínuo de abandono, não obstante as lutas desiguais que sempre travaram e continuam travando para preservar seu território, cultura, práticas religiosas e projetos de vida.

Em 1990, a comunidade indígena ocupou o canteiro de obras da Barragem Norte e só saiu em 1992, depois que o Governo reformulou o protocolo de intenções firmado em 1981. Esse protocolo foi reformulado, ficando acertado que seriam construídas 188 casas, instalada a rede trifásica de energia, construído campo de futebol, as igrejas, as escolas e as estradas.¹²⁷ Em dezembro de 1992, iniciaram-se as obras de construção das casas, prevendo-se a construção inicial de 25 casas.

Por ocasião do II Fórum de Debate das Questões Indígenas, realizado em 26 de abril de 2000, as lideranças afirmaram que: das 188 casas, foram construídas somente 132, ficando várias famílias sem receber suas residências. Segundo João Adão de Almeida: “É uma reclamação que estou fazendo aqui, enquanto que Blumenau esta bem, durante o tempo de enchente, em 82 eu fiz um levantamento e nós estávamos com 15 mortes proveniente da Barragem, uns morreram afogados, quando baixou a água vem à epidemia, mata o resto das nossas crianças”.¹²⁸ E também:

A Barragem trouxe inúmeras desgraças sobre nós. Perdemos a melhor parte de nossas terras, com isso veio a fome e as doenças. Perdemos a harmonia de nossas comunidades, pois a Barragem dividiu nosso povo, e fez desaparecer muitas coisas de nossa cultura. Nossas comunidades vivem hoje empobrecidas e conseguem sobreviver com intensas dificuldades. Mas nós nunca desistiremos de lutar para que devolvam nossas terras e nos paguem por todos os prejuízos que nos causaram.¹²⁹

¹²⁶ NÖTZOLD, A. L. V. e VIEIRA, E. E. op. cit., p. 38.

¹²⁷ SANTA CATARINA, Jornal. Blumenau, 29/10/1994, p. 3.

¹²⁸ **II Fórum de Debates das Questões Indígenas de Santa Catarina.** Transcrição realizada por A. L. V. Nötzold. Adão, representante das lideranças Xokleng.

¹²⁹ **I Fórum de Debates das Questões Indígenas de Santa Catarina,** realizado nos dias 22 e 23 de abril de 1999, Reivindicações apresentadas pelas lideranças Indígenas.

Diante das diversas manifestações feitas pela comunidade Xokleng reivindicando a redemarcação de sua Terra, em maio de 2000, a FUNAI atendeu o pedido da população indígena, elevando a Terra Indígena de 14 mil hectares para 37 mil. Esta situação gerou grande polêmica, o maior problema era o que fazer com as famílias de posseiros que moravam no local há mais de 50 anos.¹³⁰ Porém, essa decisão não foi definitiva, os advogados que representam as prefeituras de Vitor Meireles, Itaiópolis e Doutor Pedrinho, anunciaram que iriam recorrer da decisão, entretanto o parecer final só seria dado pelo então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso.¹³¹

Em outubro de 2000, lideranças e comunidade enviaram uma carta solicitando ao Presidente Fernando Henrique Cardoso que intercedesse pela comunidade Xokleng para que sua Terra fosse redemarcada. Devemos ressaltar que a comunidade tem uma ligação muito forte com seu território, que não é somente um bem imóvel, mas símbolo de unidade social que permite que sua cultura permaneça viva. Na carta a comunidade afirma que:

Queremos afirmar que somente estamos reivindicando aquilo que nos é direito, conforme a C F em seu Artigo 231 e parágrafo, e somente estamos usufruindo daquilo que consideramos pertencer a nosso povo. Durante mais de 50 anos roubaram toda a nossa mata nativa que cobria nossa terra original, acabaram como pinheiro que com seu fruto nos alimentava, em seu lugar encheram de Pinus, que além de enfraquecer a terra não permite a reprodução da fauna...¹³²

Na falta de condições de tirar da natureza o que necessitam para sobreviver, os indígenas vão para as cidades em busca de trabalho que lhes assegure o necessário à sobrevivência. Desta forma, novas práticas deverão ser adotadas pelo Poder Público, juntamente com a ação das universidades e Organizações Não-Governamentais no sentido de viabilizarem situações de auto-sustentabilidade para as comunidades indígenas, evitando-se, sempre que possível, a interferência em seu modo de viver e práticas cotidianas.¹³³

Atualmente a população indígena não tem recursos capazes de garantir sua sobrevivência; sem alternativas um grande contingente abandona as aldeias em que vive e vai em busca de trabalho em outros locais. O preconceito e a própria dificuldade para conseguir

¹³⁰ PEREIRA, Orlando. **A NOTÍCIA**. Blumenau, 16-5-2000, p. A8.

¹³¹ Ibid., 17-5-2000, p. A8.

¹³² Cópia da carta escrita pelas lideranças em nome da comunidade Xokleng, enviada ao Presidente Fernando Henrique Cardoso em, 11 de outubro de 2000.

emprego, que é um problema enfrentado inclusive pela sociedade do entorno deixa o indígena à margem da sociedade, acabando sem perspectivas para o futuro.

Passaram-se vários anos de contato e algumas pessoas continuam vendo o indígena de forma preconceituosa, como baderneiros e consumistas. Segundo reportagem publicada no Jornal A Notícia, na década de 90, o cacique na época João Patté, afirmou que “os brancos são os responsáveis pela má reputação dos Xokleng, pois incentivam o consumismo e depois ficam afirmando que os índios gastam todo o dinheiro à toa...., também fazem generalizações a partir de atitudes isoladas de alguns índios e esquecem que os índios, têm as mesmas necessidades que o homem branco”.¹³⁴ Já está na hora da sociedade envolvente vê-los de outra forma, aprendendo a conhecê-los e respeitá-los.

¹³³ NÖTZOLD, A. L. V. e VIEIRA, E. E. op. cit. p. 46.

¹³⁴ BUENO, N. A NOTÍCIA. Joinville, [199..].

2 - CULTURA MATERIAL

2.1 - Alguns Aspectos sobre Cultura Material

O objetivo, ao propor este estudo, era perceber como essas comunidades concebiam o meio natural, através da confecção dos objetos que eram utilizados em seu cotidiano e que hoje são definidos como artesanato. Assim, para B. G. Ribeiro: “o papel fundamental do artesanato – seu valor absoluto: testemunhar a vida, dar peso, importância, felicidade, ao cotidiano, seja pela eficácia mágica atribuída aos objetos rituais e de adorno, seja pela própria utilidade intrínseca das peças destinadas à facilitação do existir.”¹³⁵

Procuramos dar ênfase à produção da cultura material Xokleng, através de estudos já existentes e com o auxílio das entrevistas realizadas descrever o processo de confecção do artesanato dessa comunidade que:

Cumpre, por isso, três funções elementares: a de diferenciar o mundo dos homens, regidos pela conduta cultural que se constrói a si mesma, do mundo dos bichos, comandado por impulsos inatos, inevitáveis e incontroláveis. A diferenciar aquela comunidade étnica de todas as outras, proporcionando um espelho em que ela se vê e se contrasta com a imagem etnocêntrica que tem de outros povos. Cumpre, ainda, a função geral de dar aos homens coragem e alegria de viver, num mundo cheio de perigos, mas pode ser melhorado pela ação dos homens.¹³⁶

Entendemos cultura como algo dinâmico, ou seja, como um conjunto de idéias, concepções e significados, sempre reelaborados, ao longo do tempo, dependendo do grau de contato, voluntário ou involuntário, com povos de culturas diferentes. O enfoque dado à cultura material tem como base a afirmação feita por B. G. Ribeiro:

... formas que remetem a referentes que lhe são exteriores: sistemas de organização social, mitos, papéis rituais. Trata-se, portanto, da exteriorização material das idéias e conceitos que podem ser decodificados, ou melhor, interpretados segundo o contexto cultural em que se inserem. Em outras palavras, trata-se de estudar o conjunto de parafernália que identifica o indivíduo e o grupo como uma linguagem visual, um código, uma iconografia.¹³⁷

¹³⁵ RIBEIRO, B. G. **O artesanato....** p. 147.

¹³⁶ RIBEIRO, B. G. **Arte Índia....** p. 31.

¹³⁷ Ibid., p. 15.

Os objetos produzidos a partir da transformação de matéria-prima existente no meio natural, utilizando esses recursos disponíveis, são nesse contexto definidos como a cultura material de um povo que, por intermédio da fabricação de ferramentas, instrumentos, utensílios e ornamentos um grupo humano busca facilitar sua sobrevivência. Deste modo: “...Toda sociedade projeta-se no espaço em que vive e nos objetos que usa, na própria visão do mundo e juntamente escreve as imagens que há de si mesma: reflete-se, reconta-se (repete-se).”¹³⁸

Embora a humanidade tenha criado objetos bastante semelhantes, cada povo, ou grupo étnico, com seu jeito de viver, inteligência e criatividade, tem desenvolvido tendências próprias, objetos e técnicas totalmente distintas de outros grupos, porque “... cada grupo humano ao instalar-se em um território, concentra os seus esforços para estabelecer com este, uma série de pactos com a finalidade de resgatar os bens essenciais e conseguir um acordo, de modo geral não somente de ordem material, mas também cultural e metafísico.”¹³⁹ Assim, a diversidade se faz presente, pois cada povo se constrói, através de sua unidade política, econômica e religiosa, bem como de sua língua e forma de sociabilidade, a sua especificidade, o que torna único e diferente dos demais. Para B. G. Ribeiro:

Mais do que nos instrumentos, é nessa habilidade que se assenta sua capacidade de atuar sobre as matérias com que trabalham, para forçá-las a assumir a força do modelo que têm na mente. Nessas bases é que se produzem e reproduzem as armas, os objetos e os utensílios operativos com que os índios fazem a guerra, caçam e pescam e coletam produtos nativos, cultivam suas roças, preparam e cozinham alimentos, transportam a si mesmos e a seus bens através de terras e de águas.¹⁴⁰

A cultura material é o único fenômeno cultural codificado duas vezes: uma na mente do artesão e a outra na forma física do objeto.¹⁴¹ Para B. G. Ribeiro: “Nas culturas pré-letradas ou proto-letradas, o símbolo artístico se torna o fato; isto é, ele representa, define e manifesta, simultaneamente, seus referentes. Nessas culturas, os objetos de arte e os eventos são meios de resgatar a informação, em lugar dos livros”.¹⁴² Os objetos estéticos são inteligíveis pelos significados, pelas analogias entre seus diferentes domínios, bem como pela sua capacidade de contextualizar, de conferir significação cultural, por ser um assunto

¹³⁸ VINACCIA, G. et. al. **Anais/Fórum Internacional Design e Diversidade Cultural**. Florianópolis: SENAI/LBDI, 1995. p. 41.

¹³⁹ Id.

¹⁴⁰ RIBEIRO, B. G. **Arte Índia...** p. 33.

¹⁴¹ RIBEIRO, B. G. **Tecnologia...** p. 15.

¹⁴² RIBEIRO, B. G. **Arte Índia...** p. 26.

pertinente à cultura na qual está inserida. Ou seja, o que queremos enfatizar é que a “arte é um fenômeno universal que afeta todas as pessoas, todas as sociedades e todas as culturas”.¹⁴³

Devemos destacar que as comunidades indígenas não separavam nos objetos produzidos por eles, a beleza e a utilidade, o objeto era considerado bonito e útil, por ter sido feito segundo as normas da comunidade, bem como não havia distinção entre quem confeccionava ou não os objetos, apesar de considerarem isso um trabalho artístico, pois:

O artista índio não se sabe artista, nem a comunidade para a qual ele cria sabe o que significa isto que nós consideramos objeto artístico. O criador indígena é tão somente um homem igual aos outros, obrigado, como todos, às tarefas de subsistência da família, de participação nas durezas e nas alegrias da vida e de desempenho dos papéis sociais prescritos de membro da comunidade. É, porém, um homem mais inteiro, porque, além de fazer o que todos fazem, faz algumas coisas notoriamente melhor que todos.¹⁴⁴

Para as comunidades indígenas os objetos deveriam atender de forma satisfatória às funções para as quais foram criados, ou seja, deveriam atender aos padrões de funcionalidade determinados pela comunidade, já que para esses indivíduos o objeto belo era aquele feito dentro dos padrões propostos pela comunidade:

Uma flecha, por exemplo, deve atender a grande número de requisitos físicos de dimensões proporcionais, de equilíbrio, de peso e de torção adequada da emplumação, para imprimir em seu movimento a rotação necessária para que ela cumpra sua função prática. Qualquer fuga dessa pauta põe a perder a flecha como instrumento eficaz de caça e, assim desarma a tribo que se decide a improvisar nessa matéria. Esse imperativo tecnológico se estende a todas as demais criações culturais, inclusive às artísticas, tão intimamente associada à produção corrente, emprestando-lhe um conservadorismo evidente.¹⁴⁵

A produção da cultura material está diretamente ligada ao conhecimento tecnológico, à adaptação ao meio natural e à forma de concepção do mundo para as comunidades indígenas. Os vários objetos inseridos no cotidiano dessas comunidades têm a função de garantir a sobrevivência e além de expressar as concepções das mesmas, representam-nas e as identificam. Ainda para B. G. Ribeiro: “O que se deseja enfatizar aqui é que a cultura material, em suas manifestações simbólicas, ajuda a discernir as ‘representações coletivas’ apontando para a reprodução social. Por isso, são símbolos visíveis de identidade étnica,

¹⁴³ GRUPIONI, L. D. B. (org.). **Índios no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 2000. p. 83.

¹⁴⁴ RIBEIRO, B. G. **Arte Índia...** p. 30.

¹⁴⁵ Id.

entendida esta em sua definição mais simples: os fatores raciais, culturais, etc. que unem uma comunidade para contratá-la de outra.”¹⁴⁶

A cultura material é suporte de várias informações que estão impressas em cada uma das peças, capaz de expressar várias questões a respeito da estrutura da sociedade que produziu o objeto. Devemos levar em conta também o fato de que a cultura material é percebida, atualmente, como mantenedora de identidade étnica, permitindo encaixar-se nos diversos segmentos da vida e contribuindo ainda para o fortalecimento da cultura indígena, ainda que com alterações. Atualmente os objetos confeccionados pelos Xokleng desempenham um papel importante para suprir as necessidades criadas pela situação de contato. É através da comercialização do artesanato que eles obtêm os gêneros alimentícios, já que não podem mais viver da caça e da coleta de alimentos, assim como o vestuário, os medicamentos, entre outros.

Para B. G. Ribeiro: “a arte indígena deve ser situada no seu contexto cultural e temporal... deve-se admitir como realidade irretorquível a motivação indígena de produzir bens artesanais para troca por bens industriais e, até mesmo, bens suntuários, assim como a existência de um público comprador nacional e internacional, cada vez mais interessado na aquisição de produtos artesanais indígenas”.¹⁴⁷ Além desses, existem vários outros fatores que interferem na produção artesanal e que variam de comunidade para comunidade conforme o grau de aculturação e interação com a população do entorno, que devem ser levados em conta ao se pensar no artesanato indígena. Da mesma forma, conforme afirma B. G. Ribeiro: “É de se salientar, contudo, que a destinação mercantil não só salvou, em vários casos, o artesanato de diversas tribos, como reforçou sua identidade étnica”.¹⁴⁸ A mesma autora menciona ainda que:

... o artesanato não é em primeiro plano uma forma de trabalhadores sobreviverem, mas uma “arte”, uma “arte popular”, a ser preservada em suas formas mais “puras”. Esta maneira de visualizar o problema pode levar a uma busca incansável de artesãos “puros”, “originais”, e nesta procura da *tradição* “autêntica” leva ao esquecimento do significado sociológico das relações sociais e culturais que formam um universo mais amplo. Os trabalhadores artesãos estão organizados através de seu trabalho, onde materializam-se e reproduzem-se formas particulares de concepções

¹⁴⁶ RIBEIRO, B. G. **O artesanato...** p. 25.

¹⁴⁷ Ibid., p. 12.

¹⁴⁸ Ibid., p. 13.

de mundo, mais ricas em seus significados simbólicos do que sua maior ou menor autenticidade.¹⁴⁹

Devemos ressaltar que nenhuma cultura pode ser *preservada* em sua forma *original* ou *pura*, primeiro porque nenhuma sociedade vive completamente isolada. Segundo, pelo fato de que a própria cultura é dinâmica, e, portanto, em constante modificação mesmo não estando em contato com outras culturas.

Há que se destacar o fato de que a cultura material Xokleng é confeccionada atualmente num contexto onde o contato com a população do entorno é bastante forte e significativa no cotidiano dessa comunidade. A confecção desses objetos está enfocados em duas finalidades básicas: primeiro, a comercialização e, em segundo, a manutenção da identidade étnica do grupo. B. G. Ribeiro esclarece ainda que: “Outro aspecto a ser realçado é de que a produção artesanal para o mercado proporciona ao índio a oportunidade de exercer uma atividade a que está habituado e que faz parte do seu patrimônio cultural; inibe a sua saída da comunidade para alugar sua força de trabalho como trabalhador braçal, coletor de especiarias, caçador ou pescador;...”¹⁵⁰ Porém, entre os Xokleng, a comercialização dos artefatos é bastante restrita.

Para a produção da cultura material foi necessário que as comunidades indígenas desenvolvessem técnicas que lhes permitissem usufruir dos recursos disponíveis no meio natural, bem como, para a confecção de instrumentos e utensílios que garantissem sua sobrevivência conforme veremos a seguir.

2.2- Tecnologia Indígena e Relação com o meio natural

Os homens aprenderam a superar os obstáculos do meio natural, criando diversos utensílios e implementos, aproveitando as matérias-primas, que se encontram na natureza, com as quais são confeccionados objetos utilizados no cotidiano da comunidade, tais como,

¹⁴⁹ RIBEIRO, B. G. **O artesanato...** p. 49.

¹⁵⁰ Ibid. p. 14.

cestaria, armas, moradias, machados de pedra, arco e flecha, adornos e outros, ao processo de confecção desses utensílios denominamos de tecnologia.

Devemos levar em conta os sistemas de produção de objetos que remetem às tradições características de cada comunidade, na qual se percebe a especificidade de sua identidade e que expressam os modos de viver, pensar e agir compartilhados pelo grupo.¹⁵¹ Segundo B. G. Ribeiro: “O artesanato indígena tem conteúdos de ordem ecológica, tecnoeconômica, estética e estilística, ritual-religiosa, educativa-socializadora, de interação com tribos vizinhas, através do sistema de trocas, que devem ser levados em conta”.¹⁵²

A partir dos estudos realizados sobre os Xokleng, podemos perceber que, assim como algumas comunidades indígenas, eles concebiam uma relação de dependência em relação ao meio natural, o que contribuía para a utilização dos recursos naturais de forma a preservar a floresta. Para essas comunidades, a sobrevivência dos indivíduos e a manutenção da vida em sociedade, no que se refere à obtenção dos alimentos e à proteção contra doenças, dependiam das relações com os espíritos da floresta. Os indígenas desenvolveram mecanismos que lhes permitiram uma integração harmônica e ao mesmo tempo dinâmica com o meio ambiente e regulavam a exploração destes recursos naturais. E esses fatores asseguraram às sociedades indígenas boas condições de saúde, de alimentação e de sobrevivência.¹⁵³

A produção de qualquer objeto está submetida ao meio interno e externo. O meio externo, climático, geológico, animal e vegetal, e o meio interno, a cultura da sociedade, ou seja, a relação dos indivíduos com o objeto, pois cada povo atribui o seu significado ao objeto. É preciso considerarmos o fato de que “a humanidade sobrevive e se adaptará sempre às crises graças a este ‘equipamento’ eficaz, livre e criativo que é o ‘cérebro-mão’, a ‘ferramenta’ ou instrumento diretamente ligado a um cérebro-vivo-sensível-inteligente como não pode ser nenhum outro sistema mecânico ou circuito eletrônico.”¹⁵⁴

¹⁵¹ GRAY, A. O impacto da conservação da sociodiversidade sobre os povos indígenas. In.: **A Temática Indígena na Escola...** op. cit. p. 111-113.

¹⁵² RIBEIRO, B. G. **O artesanato ...** p. 12.

¹⁵³ VIDAL, op. cit. p. 346.

¹⁵⁴ RIBEIRO, B.G. **O artesanato ...**p. 174.

Através da variedade de objetos criados por essas comunidades podemos perceber a forma como elas “assimilavam o meio, utilizando os recursos disponíveis imprimindo nele a sua marca”.¹⁵⁵ Para essas comunidades, não existia a separação entre beleza e utilidade, ou seja, todo objeto era “bonito e bom porque foi feito segundo às regras da cultura”¹⁵⁶, não havia entre eles a produção da *arte pela arte*, todo objeto tinha uma função utilitária dentro do cotidiano da comunidade. Ressaltamos ainda que “no campo estético, artesanato e arte não têm uma linha divisória. É o estilo, é a originalidade, é o jeito pessoal, a sensibilidade, a inteligência, a sabedoria adquirida na profissão, a dignidade pessoal, enfim a personalidade e todo o envolvimento que se transferem ao produto de suas mãos”.¹⁵⁷

Como podemos constatar, era por meio da cultura material que as comunidades indígenas consumiam os produtos do meio natural, “... seus membros consomem a madeira com a ajuda de um machado; a carne, com a ajuda de uma flecha...”¹⁵⁸, armazenam água, mel e pinhão com ajuda de cestos, sendo todos esses objetos eram confeccionados à partir de matérias-primas extraídas desse mesmo meio. Ou seja, o meio que fornece os produtos necessários a sobrevivência dos indivíduos é o mesmo que fornece a matéria-prima necessária para confecção de ferramentas e instrumentos necessários para a utilização dos recursos naturais disponíveis indispensáveis à sobrevivência dessas comunidades.

Por intermédio da confecção dos objetos os Xokleng expressam as suas idéias e concepções em suas relações com o *mundo real*, ao qual eles tiveram que se adaptar, podemos citar como exemplo os objetos que não faziam parte dos objetos confeccionados anteriormente pelos Xokleng e que passaram a ser confeccionados para fins comerciais. Então, é possível dizermos que o poder simbólico dos objetos produzidos pelos variados grupos étnicos, trata de um poder de construção da realidade que tende a estabelecer o sentido do mundo, em particular do mundo social.¹⁵⁹

Quando pensamos na tecnologia utilizada na confecção dos objetos da cultura material do grupo, devemos levar em conta alguns fatores que estão diretamente ligados à produção dos objetos que são: os recursos naturais disponíveis, as técnicas de produção, a

¹⁵⁵ RIBEIRO, B.G. **O artesanato** ...p. 174..

¹⁵⁶ VIDAL, L. & SILVA, A. L. da op. cit. p. 373-374.

¹⁵⁷ RIBEIRO, B. G. **O artesanato**.... p. 175.

¹⁵⁸ VIDAL, L. & SILVA, A. L. da op. cit. p. 371.

¹⁵⁹ BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 9.

utilidade e a finalidade dos objetos e dos instrumentos confeccionados, assim como os elementos de ordem simbólica e religiosa. O sistema de produção de objetos é resultado de uma história que remete às tradições características do grupo nas quais estão impressas sua marca e sua especificidade de identidade, que expressam modos de viver, pensar e agir, compartilhados pelo grupo no momento da confecção desse trabalho.¹⁶⁰

Após o início da ação dos não-indígenas através do processo de colonização, que se intensificou a partir de 1976, com o início da construção da barragem Norte, os Xokleng tiveram que se adaptar a uma nova forma de vida e à limitação de espaços territoriais bem menores do que estavam acostumadas a utilizar. Ao pensar a questão ambiental, percebemos que os indígenas enfrentaram sérias dificuldades devido à perda do território. Para as comunidades indígenas, o território era fonte permanente de socialização, e os aspectos sobrenaturais da floresta, dos rios ou das montanhas, acerca do encontro com espíritos na mata, determinavam como deveriam se conduzir no desempenho de suas tarefas diárias.¹⁶¹ B. G. Ribeiro afirma que:

A necessidade de sobrevivência é, na maioria das vezes, mais forte que as aspirações de beleza e outros fatores transcendentais, quando as exigências primárias não são sistematicamente atendidas. É verdade também que a necessidade é uma das potencialidades da natureza humana, criadora da cultura autêntica e autóctone, exatamente pelo fato de corresponder às soluções do homem em relação ao seu meio.¹⁶²

Devemos salientar que o território não era apenas a fonte da subsistência, mas também lugar onde os indígenas construíam sua realidade social e simbólica. O território é um referencial de unidade para os membros dessas comunidades, principalmente o local onde realizavam seus rituais e enterravam seus mortos. E atualmente a descendência familiar e o pertencimento à terra são os aspectos que mantêm viva a coesão grupal, a que se reproduz na organização social do grupo e por meio dela. A noção de unidade é indissociável do espaço coletivamente habitado e acha-se socialmente ordenada por uma rede de relações por onde circulam as idéias identitárias.

¹⁶⁰ VIDAL, L. & SILVA, A. L. da. op. cit.p.370-371.

¹⁶¹ Id.

2.3- Os Xokleng e sua Cultura Material

Propomo-nos a estudar a cultura material do grupo Xokleng pelo significado da mesma para o grupo, o que possibilita sua identificação através de uma linguagem visual.¹⁶³ O estudo dos objetos, da cultura material do grupo Xokleng, representada aqui pelas cestarias, cerâmica, armas (arcos, flechas, lanças), pilões e mão de pilão, além de adornos e objetos ritualísticos, tem como perspectiva perceber a reelaboração desses objetos ocorrida após o contato mais intenso com os colonos, europeus e nacionais.

Ao referir-se aos objetos da cultura material dos Xokleng, Eduardo Hoerhann menciona que havia uma preocupação com a questão estética dos mesmos. Desta forma:

Verifica-se já a manifestação de gosto artístico entre os botocudos, no esmerado enfeite dos trançados á roda do encastoado das suas lanças, na confecção de suas flechas e nos embellezamentos com que enfeitam o trançado dos seus pequenos cestos impermeáveis, para o uso interno dos seus ranchos. Nota-se também nos enfeites de cores diferentes em desenhos lineares e nas franjas de suas tangas, bem como em varios outros enfeites que adornam multiplos outros objectos de seu uso, com desenhos entalhados ou feitos a fogo.¹⁶⁴

Entre as comunidades indígenas, a confecção dos artefatos, para utilização no dia-a-dia, era tarefa realizada por praticamente todos na aldeia. Até mesmo as crianças eram incentivadas a confeccionar seus próprios arcos, flechas e brinquedos. Os Xokleng, assim como algumas comunidades indígenas, produziam objetos que associavam beleza e finalidades utilitárias dentro do contexto de seu cotidiano. Com relação às mudanças no que se refere à forma de perceber o artesanato, constatamos que:

... a presença da cultura e do criador, coexistindo em uma mesma peça – com toda a força que desce da síntese entre beleza e utilidade, que os faz densos e ricos, como significados, pertencem na verdade a um tempo pretérito, ao tempo anterior ao cisma que separou utilidade e beleza; mas é imperioso naturalizá-los no universo da importância do econômico, para tentar conservar, através da valorização, toda a beleza do cotidiano e a relação realmente mágica do homem com os objetos que lhe explicam a cultura.¹⁶⁵

¹⁶² RIBEIRO, B. G. **O artesanato ...** p. 167.

¹⁶³ RIBEIRO, B. G. **Tecnologia Indígena...** p. 15.

¹⁶⁴ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

¹⁶⁵ RIBEIRO, B. G. **O artesanato ...** p. 147.

Com a colonização e a interferência no sistema cultural, os Xokleng tiveram que se adaptar à nova forma de vida e sua cultura material passou a ser confeccionada e utilizada de forma diferenciada. O artesanato atualmente serve como fonte de renda e como símbolo de identidade étnica. Para B. G. Ribeiro: "Há portanto um papel social e um papel econômico a ser desempenhado pelo artesanato na sociedade contemporânea"¹⁶⁶. Portanto, através do mesmo definem seu cotidiano e constroem por categorias próprias, sua identidade. B. G. Ribeiro menciona:

A perda de relações com o seu meio, suas referências culturais e o engajamento em cultura exótica sem conscientização e integração assimilada tem como gravíssima consequência a perda da identidade de sua cultura autêntica, criando confusão, aviltamento do homem, privação de sentido da realidade, alienação, enfim a nação perde a sua alma e torna-se facilmente manipulável por interesses estranhos.¹⁶⁷

A influência da sociedade envolvente sobre os povos indígenas pode ser constatada nas peças artesanais. Nos últimos anos, segundo os técnicos da FUNAI ocorreu uma queda na qualidade dos artesanatos indígenas, caracterizada pela mudança de algumas matérias-primas, e de uso de outros tipos processos de tingimento para confecção dos objetos¹⁶⁸. Este processo coincide com o avanço dos colonos sobre os territórios indígenas e tem provocado modificações ambientais, privando-os das matéria-primas necessárias à produção da sua arte. Além disso, os baixos investimentos nas áreas de educação, saúde e atividades produtivas, deixaram as sociedades indígenas mais suscetíveis às influências dos não-indígenas, e dependentes dos benefícios do Estado.

Pelo estudo do cotidiano dos Xokleng percebemos a forma como a comunidade repassa o conhecimento adquirido e reelaborado para as crianças sobre o artesanato, o seu processo de confecção e que valor o mesmo passou a adquirir nesse novo contexto. Conforme afirma B. G. Ribeiro:

A tradição que deve ser vista no artesanato é o conjunto de práticas sociais e culturais materialmente presentes e que se reproduzem através do trabalho dos chamados artesãos. Estas formas de produção material permitem, através de uma observação mais interna do que as acima apontadas, a descoberta de categorias sociais plenas de significados e que permitem o acesso à particularidade do tipo de realidade artesanal que se pretende estudar.¹⁶⁹

¹⁶⁶ RIBEIRO, B. G. **O artesanato...** p. 143.

¹⁶⁷ Ibid., p. 167.

¹⁶⁸ Ibid., pp. 20-23.

¹⁶⁹ Ibid., p.50

Ressaltamos que o conceito de cultura material que empregamos neste estudo, é que não se trata apenas de simples objetos materiais, mas que um mundo de significados faz parte deles como sua própria substância. Tratam-se de objetos materiais, sim, mas também de idéias, ou seja, são produtos culturais indígenas, não somente coisas, pois neles se cristalizam o seu todo cultural e as idéias de sua sociedade. Concordamos com B. G. Ribeiro, quando afirma que:

... as obras artesanais são significantes que, a par de outros, nos permitem leitura da cultura tradicional, e testemunham as modificações a que tal cultura foi e está sendo submetida pela inclusão de significados que antes lhe eram estranhos e que a ela se incorporaram, a partir do momento em que, passando pelo referencial de um subsistema, nele emergem transformados e assimilados.¹⁷⁰

Na cultura material, alguns povos indígenas também expressam sua visão do mundo e, quase sempre, cumprem uma função utilitária no cotidiano da comunidade. As pesquisas realizadas sobre a cultura material demonstram que se trata de um valioso meio de comunicação de valores sociais, morais e étnicos. Os objetos da cultura material desempenham hoje um papel importante na garantia da satisfação de necessidades criadas pela situação de contato dos povos indígenas com a sociedade nacional, sendo produzida para uso imediato. Para B. G. Ribeiro: “A produção artística é um reflexo das condições sociais que inibem ou estimulam o seu desenvolvimento”.¹⁷¹

Através do estudo realizado percebemos que os indígenas concebem a arte como forma de identificação. Consideram que são percebidos como indígenas por saberem confeccionar os objetos que eram confeccionados por seus pais, avós, etc.

Atualmente são confeccionadas tangas, chocalhos, cocares, colares, arcos e flechas, que se destinavam geralmente às festas do Dia do Índio e para à comercialização em eventos promovidos sobre a cultura indígena. Trata-se de uma pequena produção que é destinada ao comércio, bem como nas escolas, onde: “nós hoje começamos a trabalhar com o arco e flecha, colar e tamos fazendo cocar e tanga, e contando pras criança como era no início”.¹⁷²

O que queremos enfatizar neste estudo é o fato de que os objetos confeccionados pelas comunidades indígenas, mesmo depois de estarem fora de seu meio, com modificações

¹⁷⁰ RIBEIRO, B. G. **O artesanato** ... p. 134-135.

¹⁷¹ Ibid. p. 23.

decorrentes do contato e da necessidade de adaptação às quais tiveram que se submeter, ou mesmo colocados em locais para a venda, emitem ecos de sua origem e da identidade a qual pertencem. Ainda que hoje esses elementos tenham sido reelaborados tanto em termos de técnicas de produção, quanto em relação ao significado atualmente a eles atribuídos, os objetos ainda representam símbolos de identidade étnica.

2.3.1- Uso pessoal: enfeites, adornos e outros

Definimos, como objetos de uso pessoal, os objetos confeccionados para uso individual. Esses objetos baseavam-se quase que exclusivamente em enfeites e adornos para a ornamentação do corpo do indivíduo, ou possuíam alguma outra finalidade. Entre eles se encontram peças de vestuário, mantas, colares, cocares, tipóia-trançada e tembetá.

As mulheres Xokleng confeccionavam tecido para uso pessoal, sendo essa uma das atividades desempenhadas exclusivamente pelas mulheres e procediam da seguinte forma: com pequenos *cacetetes*, batiam nas plantas (fibra de urtiga brava), de todos os lados, até que ficassem inteiramente desprovidas de folhas e dos maiores espinhos. Feito isso, davam pequenos talhos no caule, pouco acima das raízes, descascando-o em tiras longitudinais.¹⁷³

Reunem estas tiras em um grande atado, que é collocado n' agua, durante um certo tempo. Retiram-no mais tarde, para batero atado, fortemente, entre dois paos, até que restem unicamente as fibras, sem as partes lenhosas. É repetido esse processo mais vezes, sendo por fim a fibra secca e depois fiada com as mãos, o que executam, sobre a coxa núam envolvendo em seguida o fio obtido. Constróem então, uma especie de tear, muito primitivo, que se compõe de duas varas fixadas na terra obliquamente, sendo prezas nestas, duas outras varas horizontalmente. Sentadas sobre os pés, deante deste tear, traçam ellas, com relativa facilidade, os fios que nelle prenderam de diferentes maneiras.¹⁷⁴

A informação atual sobre essa manta, é de que ela, assim como outros objetos, deixaram de ser confeccionados, porém já existe um projeto que vem sendo desenvolvido pela comunidade Xokleng, na Escola Vanhecu Patté, que busca revitalizar sua cultura retomando

¹⁷² SILVA, C. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira**. Balneário Camboriú, 12 de Agosto de 2003.

¹⁷³ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

¹⁷⁴ Id.

a confecção de objetos que deixaram de ser produzidos, como nesse caso. Conforme depoimento do professor Claudenir Silva, “... a gente tá fazendo um trabalho pra mostra pra criança como é que as índias faziam, que nós vamos reviver aquela história ali, através desse artesanato”.¹⁷⁵

A preocupação entre os Xokleng com a ornamentação do corpo, através da utilização de enfeites e adornos, pode ser constatada por intermédio do fato de que os guerreiros tinham sua própria *vestimenta* que se compunha do cocar utilizado nos momentos de festa, bem como uma espécie de cinto feito com vários cordões, que era amarrado à cintura e envolvia o pênis. Há informações de que tais cintos eram símbolos de masculinidade, e os meninos os recebiam de seus pais logo após o ritual de perfuração dos lábios.

A *vestimenta* dos guerreiros compõe-se de vários cordões-tangas, que usam á guisa de cintos e que representam mais um enfeite do que verdadeiramente tangas. Estes cordões, “maséma”, trançam-nos de duas qualidades uns, de côr escura, são feitos com fibra da casca do cipó imbé, outros brancos, de fibras de palmeira. Os mesmos cordões de fibra de palmeira, usam-nos também, fortemente ligados, acima dos tornozelos.¹⁷⁶

Essas tangas eram tecidas com a fibra de uma certa espécie de urtiga brava e ornadas com desenhos lineares que de preferência eram de cor vermelha ou azul.¹⁷⁷ “Em ocasiões de festas, fazem os guerreiros cocares de penas de “Cocolina” (sic), ligando as penas entre si por meio de um trançado de embiras finas. Com estes ornamentos na cabeça, rosto e peitos pintados com estrias vermelhas e negras, os homens tomavam por ocasião das festas, um aspecto de grande imponência”.¹⁷⁸

A seguir podemos ver a saia e o cocar que foram confeccionados pela Dona N. Ndilli, ambos foram produzidos com embira um dos principais materiais utilizados para a confecção dos objetos artísticos utilizados pela comunidade.

¹⁷⁵ SILVA, C. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira**. Balneário Camboriú, 12 de Agosto de 2003.

¹⁷⁶ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

¹⁷⁷ Id.

¹⁷⁸ Id.



Fig.: 4 – Saia e cocar confeccionados atualmente. Foto de Vieira, E. E., outubro de 2003.

Referindo-se ao trabalho de revitalização da cultura Xokleng e ao ensino para a confecção dos objetos de uso pessoal, a depoente menciona que: “A saia e cocar, tudo eu aprendi, assim de lá atrás, daí aquele que eu aprendi quando eu era criança volto tudo, né. Agora o mesmo trabalho que os meus avô, meus pai fazia, aquele agora se sai, que eles vão ocupa fazendo, que aquele trabalho tá voltando tudo de volta, né”.¹⁷⁹

Os colares também eram ornamentos bastante apreciados pelos Xokleng, que os usavam diariamente, todavia, em períodos de festa, aumentavam o número destes enfeites, assim como o uso de como também usavam outros ornamentos. Conforme afirma E. de L. e

¹⁷⁹ NDILLI, N. **Entrevista cit.**

S. Hoerhann: “Ornamentam-se com colares, que antes da pacificação, confeccionavam de diversas sementes, dentes e garras de variados animais, casco de pequenos veados e de antinhas”.¹⁸⁰ Sobre a confecção dos colares, atualmente, o processo ocorre da seguinte forma: “... o colar ele é simples sabe, ele é usado sementes nativas sabe, semente nativa e dentro dele hoje não existe, né, nós tamos fazendo, mas esse colar aqui é feito de linha de indústria como se diz, mas os índios antigamente eles faziam as suas próprias linhas ...”.¹⁸¹

A seguir, podemos ver o colar tradicional que era confeccionado com sementes, bem como dentes e garras de animais, que foram sendo excluídos dos materiais de confecção devido a escassez de caça ocasionada pela ocupação do território catarinense:



Fig. 5: Colar tradicional. Foto de A. L. V. Nötzold, Rio do Sul, 1999. (Acervo: Sr. Victor Jensen).

As mulheres tinham a função de preparar os alimentos e cuidar das crianças e quando saíam da aldeia, por qualquer motivo ou necessidade, deviam levá-las consigo. Para isso, as crianças de colo eram presas em uma faixa trançada, confeccionada pelas mulheres, e usadas a tiracolo, inclusive no momento do deslocamento dos acampamentos, quando elas

¹⁸⁰ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

¹⁸¹ SILVA, C. **Entrevista cit.**

carregavam as crianças juntamente com o cesto-cargueiro.

Tipóia trançada tramam porém, uma faixa de oito centímetros de largura, unida na ponta com um nó especial, correção, afim de encurta-la como se faça necessário, no transporte das crianças, Com estas faixas, trançadas de embira, as vezes em duas cores, carregam as mulheres seus filhos às costas, prendendo a faixa ora na testa, ora no alto da cabeça. Por esse processo, carregam os botocudos, tudo, sempre firmando o peso na cabeça e fazendo-o descansar sobre as costas.¹⁸²

Entre os Xokleng, observou-se o uso do labrete, tratando-se de um adorno de uso exclusivamente masculino, confeccionado geralmente em madeira, ossos de cervídeos¹⁸³, ou gado. A variação das formas, segundo J. Henry estava relacionada à filiação dos indivíduos com suas famílias extensas. B. G. Ribeiro afirma a respeito que: “Tornou-se costume chamar tembetá todo o objeto duro e inflexível que os índios se introduzem no furo artificial do beijo inferior, com exceção do botoque. O tembetá, quanto sabemos até agora era privilégio exclusivo do sexo masculino. Em geral a sua forma e a espécie de material (osso, concha, pedra, resina endurecida e madeira) variam conforme a idade do portador”.¹⁸⁴ Dona Kondine Camblém afirma que: “Aquele eles usa pra identifica a qual tribo pertence, né, é pra identifica”.¹⁸⁵

O tembetá ou labrete consistia em duas formas básicas: uma com haste reta e base oval e outra com haste serrilhada e base também oval, ambas podiam medir 8 centímetros de comprimento, podendo apresentar pirogravura¹⁸⁶. O perfurador de lábios era feito de madeira endurecida ao fogo ou feitos de bambu e a terminação destes perfuradores era em ponta afiada.¹⁸⁷

Entre as etnias pertencentes ao tronco-lingüístico Jê, podemos perceber uma preocupação com a questão estética do corpo, que vai além do simples cuidado com o corpo, constatado pela pintura corporal, bem como através da utilização de adornos como: uso do labrete, colares, cocares entre outros.

¹⁸² HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

¹⁸³ São espécime de cervídeos, animais mamíferos que tem o casco partido em duas unhas, os machos têm chifres, que caem periodicamente. São os veados. BUARQUE, A. **Dicionário...** op cit. p. 392.

¹⁸⁴ RIBEIRO, B. G. **Dicionário ...** p. 183.

¹⁸⁵ CAMBLÉM, K. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira**. Terra Indígena Ibirama. José Boiteux, 12 de Abril de 2003.

¹⁸⁶ Arte de desenhar ou gravar em madeira, com pontas incandescentes. BUARQUE, A. **Dicionário...** op cit. 1326.

¹⁸⁷ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

A foto a seguir mostra o perfurador de lábios e coxa e o tembetá que eram utilizados pelos Xokleng no momento do ritual.

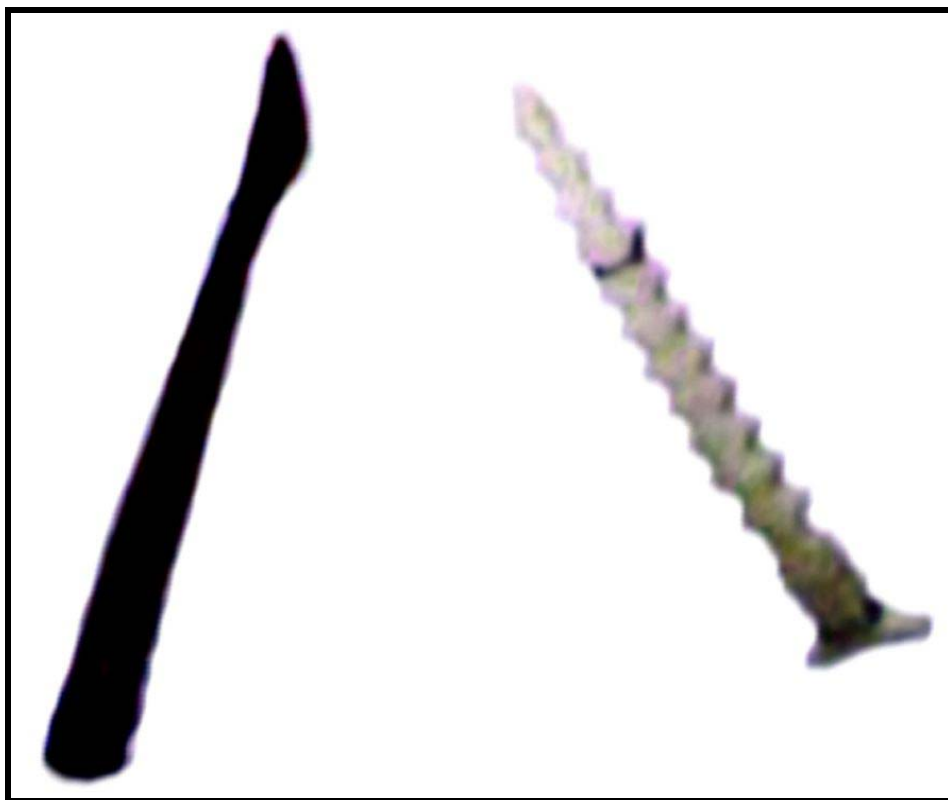


Fig.: 6 – Perfurador dos lábios, e o tembetá. Foto de A. L. V. Nötzold, 1999. (Acervo: Sr. Victor Jensen).

2.3.2- Doméstico e de trabalho

Para a sistematização do estudo desses objetos, utilizamos como critério sua funcionalidade no cotidiano da comunidade. São instrumentos que possuem diversas funções, desde os afazeres domésticos, até as atividades que abrangem a aldeia, a mata e outros locais por ocasião dos deslocamentos. Identificamos como objetos de uso doméstico os utensílios que guarnecem a habitação, bem como a aldeia indígena, confeccionados para serem usados no preparo e armazenamento dos alimentos.

A utilização dos objetos domésticos eram atributos femininos, já com relação à sua confecção, nem todos os objetos eram confeccionados pelas mulheres, sendo que em algumas comunidades tal fabricação era realizada pelos homens e a utilização dos ornamentos feitos pelas mulheres, em outras, ainda, ambos podiam participar desta atividade. As técnicas de manufatura empregadas eram simples e compreendiam tecelagem, trançado, cerâmica, trabalhos em madeira e outros. Os materiais utilizados para produzi-los baseavam-se em fibras vegetais, madeira, argila.

Os Xokleng, por terem sido nômades, permaneciam um curto período nos locais onde paravam, assim, seus utensílios domésticos eram simples e muitos eram abandonados nos acampamentos devido à impossibilidade de carregarem muito peso. Os objetos de uso doméstico dividem-se em objetos para processamento, armazenagem, transporte, bem como para outras finalidades e compõem-se de, cestaria, pilões, mão de pilão, machados, instrumentos de corte e cerâmica.

A cestaria é definida como um conjunto de objetos - cestos-recipientes, cestos-coadores, cestos-cargueiros - , entre outros, que são obtidos através da técnica de trançado de elementos vegetais, flexíveis ou semi-rígidos, destinados ao transporte de carga, armazenagem de alimentos, receptáculo, tamis ou coador. Variam em tamanho, forma, decoração, técnica de manufatura, mas obedecem basicamente às exigências ditadas pela funcionalidade.¹⁸⁸

A cestaria tinha várias finalidades que variavam conforme o tamanho e a confecção. A atividade era realizada pelos homens. Em outras etnias, podemos perceber que há um valor simbólico na confecção e utilização desses utensílios, além de sua funcionalidade, garante a casa. Entre os Baniua, por exemplo, “dominar a arte da cestaria é uma espécie de ritual de passagem, só os homens fazem; as mulheres usam. Ele só se torna homem quando aprende a fazer; ela vira mulher quando recebe uma peça de presente de um rapaz”.¹⁸⁹ Já entre os Xokleng não foi possível constatar se existia algum outro valor agregado à função utilitária.

O cesto-cargueiro, por exemplo, um dos objetos de grande importância na economia dos grupos indígenas, principalmente, para os grupos nômades, apresentava tamanhos e

¹⁸⁸ RIBEIRO, B. G. **Dicionário...** p. 60.

formatos variados, tinham alças e muitas vezes cordéis para amarração da carga. As mulheres ficavam incumbidas de carregar os cestos-cargueiros, bem como os demais instrumentos, para que os homens pudessem ficar com as mãos livres no caso de encontrarem algum animal feroz como a onça, por isso iam à frente abrindo caminho.

Carregam ellas durante semanas consecutivas em suas peregrinações pela floresta, enormes cestos com carga de grande peso; montando ainda sobre os mesmos, quasi sempre, uma creança. Além disso tudo, levam as mãos, objetos pesados como machados, panellas de ferro, etc., etc. – São ellas por dizer, os verdadeiros cargueiros da tribu, carregando os guerreiros carga, unicamente quando longe das mulheres.¹⁹⁰

Os cestos eram geralmente “utilizados para o transporte de lenha, mel, frutos, água e outros apetrechos por ocasião dos deslocamentos”,¹⁹¹ além de servirem para o armazenamento do pinhão, e os pequenos eram utilizados para diversos fins, como: vasilhas para guardar alimentos, como espécie de canecas para tomar água e o *mong-ma* (bebida fermentada) por ocasião das festas. Cada homem fazia sua cesta vedada com cera, partindo da necessidade de uso desse objeto. As cestas maiores, de carregar carga às vezes eram produzidas por mais homens, um pouco antes de saírem para a coleta das pinhas. Para E. de L. e S. Hoerhann:

Os seus grandes cestos, “Kán-nha”, para carga, bem como os menores, encerados, para agua, e os pequenos também encerados, para diversos fins, são todos trançados de taquara mansa, variando apenas a largura e a grossura, em que as racham. Servem-se dos cestos maiores, encerados, para o transporte de mel e da agua representando por conseguinte, uma especie de “balde”. Os cestos pequenos, também impermeáveis, servem-lhes como vasilha, especie de caneca, para agua e para tomar “mong-ma”, por ocasião de suas festas.¹⁹²

Do ponto de vista do uso, há basicamente dois tipos de cestas, aquelas que são usadas para guardar líquidos, vedadas com cera de abelha, e aquelas usadas para carregar alguma carga e não são revestidas, ambas feitas a partir da tala do bambu. Elas são confeccionadas muito cuidadosamente, e, embora não sejam ornamentadas, existem bons exemplos de cestaria. Elas são produzidas em uma mesma forma, mas com variedade de tamanho, desde uma pequena como um copo, até uma tão grande quanto um galão, e utilizadas para o carregamento de água e mel.¹⁹³ Em entrevista, D. N. Ndilli informa que:

¹⁸⁹ MARTINELLI, P. **Índios do balaio. Como uma cesta de 2000 anos está revitalizando a cultura baniua.** Revista da Folha, 16 de abril, 2000. P. 8.

¹⁹⁰ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

¹⁹¹ RIBEIRO, B. G. **Tecnologia...** p. 97.

¹⁹² HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

¹⁹³ HENRY, J. **Jungle...** p. 171.

Os índio, eles tem três significado de balaio. Tem pra guarda mel e tem pra fazer mudança e tem pra toma água. Eles tem um balainho, betumado com cera, pra fazer água doce, assim essas coisa, aquele é caneca deles. Tem outro grandão assim que eles fazem, aquele pra bota mel né, mas também é tudo betumado com cera, esse já vi papai fazer. A cera eles tira do mato, do mato mesmo eles tira é cera que tira mel. E outro pra carrega as coisa, assim quando eles fazem mudança né, daí eles fazem balaio assim, daí coloca tudo quanto é..., eles tem um balaio pra levar ... pra carrega fazer mudança, eles bota tudo dentro, bota nas costas, bota alça, bota na cabeça e sai andando.¹⁹⁴

A foto a seguir, mostra um dos cestos impermeabilizados que eram confeccionados e utilizados pelos Xokleng como recipientes para guardar mel, água e outros líquidos, bem como eram confeccionados em tamanhos menores e serviam como recipientes (copos) para beber água ou bebida fermentada preparada em ocasiões de festas.



Fig.: 7 – Cesto tradicional dos Xokleng. Foto de E. E. Vieira, 12 de setembro de 2003.

Em relação ao material utilizado na confecção dos cestos, Dona N. Ndilli comenta que: “ O material é com taquara do mato né, não com bambu ... com taquara e com lambidor: ele é tem um tipo taquara assim, só que ele é redondo assim, aí se aquilo a pessoa não conhece passa dele, ele arranha, ele lambe tudo assim né, tira até o coró da gente e é duído,

¹⁹⁴ NDILLI, N. *Entrevista cit...*

eles faze cá quele. ... Porque ele é mole ele não quebra né, é duro eles faze com aquele, agora o bambu já não”.¹⁹⁵

Os cestos compõem os objetos que atualmente são dificilmente produzidos. Existem entre os Xokleng algumas pessoas que ainda confeccionam esses utensílios para carregar lenha e alguns alimentos, mas são poucos que ainda o fazem. Com relação aos cestos impermeabilizados, a dificuldade em fabricá-los aumenta, devido ao fato de que a cera utilizada para sua impermeabilização era a cera da abelha, matéria-prima difícil de ser encontrada na Terra Indígena. Hoje esses indígenas confeccionam cestos de taquara, mesmo material utilizados antes, mas fazem somente por encomenda e para ensinar as crianças na escola. Sobre a confecção dos cestos, Dona N. Ndilli afirma que:

É agora se eu quero faze, eu vou faze pra vende, eu tenho uns balainho em casa, mas aqueles é só pra mostra né, que eu fazia do meu trabalho, até tenho quatro, cinco balaio, balainho pequeno eu tenho né tenho lá em casa pra mostra assim né, mas não pra usa assim as vezes bota alguma coisa assim leve né, mas guarda sempre no seco pra não estragar. Faz tempo que eu tenho esse balaio.¹⁹⁶

Entre os Xokleng, não foi possível constatar a existência de algum valor simbólico na cestaria, como existe entre os Baniua, por exemplo, que confeccionam a cestaria com forma de animais; ou como os Tucano que na confecção dos cestos constroem a organização social de sua comunidade.

Na tecnologia utilizada para o processamento de alimentos, encontramos utensílios para moer, como os pilões, confeccionados de árvores caídas ou derrubadas, sendo geralmente simples pedaços de tronco com uma cavidade, com tamanhos pequenos e normalmente abandonados nos acampamentos durante as mudanças. As mãos de pilão eram confeccionadas, tanto de madeira quanto de pedra polida, e utilizadas no preparo de alimentos, geralmente, para moer os grãos do pinhão torrados para fazer pães, entre outros alimentos.¹⁹⁷

As bases de pilão eram feitas quando necessárias, através da queda de alguma árvore, ou por árvores que são especialmente derrubadas para algum propósito. Às vezes, uma base não era nada mais do que um buraco num tronco caído. Estas bases não eram geralmente

¹⁹⁵ NDILLI, N. **Entrevista cit.**

¹⁹⁶ Id.

¹⁹⁷ LAVINA, R. op. cit. p. 73-74.

transportadas, mas simplesmente deixadas para trás no acampamento deserto. Pequenos pilões eram feitos para elas, de pedaços de madeira, mas pilões de pedras polidas eram também feitos até recentemente.¹⁹⁸

A seguir podemos observar um pilão confeccionado pela mãe de Nañdia Patté uma das moradoras da Aldeia Bugio:



Fig.: 8 – Pilão. Foto de E. E. Vieira, José Boiteux – Aldeia Bugio, 12 de setembro de 2003. (Foto no Acervo: LABHIN – Laboratório de História Indígena).

Os Xokleng confeccionavam pinças, trabalho realizado pelos homens, que eram empregadas para manipulação de alimentos e objetos no fogo. O material mais utilizado para essa confecção a taquara, porém poderia ser feita com bambu ou cutia¹⁹⁹. A técnica utilizada

¹⁹⁸ HENRY, J. *Jungle...* p. 170.

¹⁹⁹ O termo faz referência a uma árvore rutácea. HOLANDA, A. B. de H. . op. cit. p. 346.

para isso, aquecer a madeira, sendo esfregada cera no local da dobradura, permitindo que a madeira fosse dobrada lentamente sem que fosse quebrada.²⁰⁰

Para a obtenção do fogo, os Xokleng utilizavam a técnica de fricção. Para a realização usavam o *pau-ignífero*, que consistia em um pedaço de madeira mole, firmado pelos pés, com um orifício no centro, no qual é inserida a extremidade de uma vareta de madeira dura (canela branca), da qual, através da fricção, obtinham o fogo.²⁰¹

O que foi possível saber a respeito da cerâmica é que os objetos eram confeccionados através de técnicas simples, sendo a matéria-prima utilizada basicamente o barro cozido ou a argila. A fabricação da cerâmica era uma atividade quase que exclusivamente feminina. Eram feitos pequenos vasilhames em forma de meia calota, ou cônicos de cor preta, tendo vários tamanhos, geralmente utilizados para o armazenamento, preparo e cozimento de sua comida.²⁰² Segundo B. G. Ribeiro: “a cerâmica atendia a estas funções culinárias e de armazenagem não possuíam forma altamente decorada ou elaborada”.²⁰³

No que se refere à confecção da cerâmica, o processo consistia em um *ritual* que iniciava com a coleta do material, neste caso, a argila, que deveria ser retirada do local indicado pelo arco-íris. De acordo com E. de L. e S. Hoerhann: “É evidente que, para a factura destes objetos, necessitam elles de um barro especial; e acreditam os botocudos, que o arco-íris, é o indicador destas jazidas de barro especial, e, por essa crença antiga, denominam-no de ‘Kukron-ndouma’, (flecha da panella), entendendo-se, a que indica o lugar em que se encontra barro proprio para a cerâmica”.²⁰⁴

Em algumas comunidades indígenas, a cerâmica confeccionada pelas mulheres, e entre os Xokleng estudos realizados afirmam que era a única atividade em que elas realizavam todo o processo, desde a coleta da argila, até o cozimento dos recipientes. Entre os Waurá, o aprendizado da cerâmica começa na reclusão pubertária, que funciona como a primeira *escola da panela*, sendo a transmissão de conhecimentos artísticos a partir das relações de natureza consangüínea, ou seja, as meninas aprendem a confeccionar a cerâmica

²⁰⁰ LAVINA, R. op. cit.. p. 75.

²⁰¹ Ibid., p. 74.

²⁰² LAVINA, R. op. cit.. p. 76-77.

²⁰³ RIBEIRO, B. G. *Suma ...* op. cit. p. 237.

²⁰⁴ HOERHANN, E. de L. e S. *Anexo...* paginação irregular.

com suas mãos. É uma atividade desempenhada pelas mulheres, os homens nem mesmo sabem modelar ou pintar as panelas.²⁰⁵

Ao referir-se ao processo de confecção da cerâmica, ensinado por sua avó, Dona N. Ndilli menciona:

... a cerâmica, de argila né a gente tira no mato né, na lagoa, aí eu fazia como minha vó fazia. Minha vó fazia toda a mistura, ela faz mistura com barro branco com carvão, mas não é todo o carvão que eles usa né eles tem típico que eles usa carvão de talo de coqueiro, eles fazia né então aquele que ocupava, moía bem, queimava, moía bem, bem miudinho e misturava com o barro, daí fazia massa bem, pra ele fica firme, depois a gente fazia o vaso conforme a gente quer né, daí ele já pega cor fica de outra cor né, não é pintura que a gente faz, é com tinta do mato mesmo que a gente tira né, tem três tipo que a gente faz, faze pintura... pintura as veze é tudo com carvão.²⁰⁶

Além do cuidado na escolha do local para a retirada do material utilizado na confecção dos objetos de cerâmica, segundo a depoente, era necessário cuidar para que não passassem crianças no local, onde se estava secando a cerâmica, pois os Xokleng acreditavam que se houvesse barulho poderia *assustar* o barro e o mesmo quebraria durante o cozimento, inutilizando o recipiente.

Constatamos que alguns aspectos foram alterados a partir do contato com os colonizadores. Há por parte da comunidade Xokleng estudos que objetivam a retomada na confecção da cerâmica que não era mais produzida. Hoje as técnicas empregadas diferem um pouco da forma tradicional, principalmente o seu cozimento, que agora acontece no fogão e não mais em fornos, ou fogueiras feitas especialmente para essa finalidade. Sobre as mudanças que ocorreram na cerâmica, Dona N. Ndilli afirma que: “é hoje eles faz tudo pequenininho assim, né. Hoje se eu fizer, eu vou queima assim no forno, se quiser queima bem no forno e deixa lá, se quebra quebro e se sobra algum inteiro, ai pega quando tá frio”.²⁰⁷

Existe um projeto realizado na Faculdade Regional de Blumenau – (FURB) pela professora Paloma Rosa Lisana Hernandez, que busca retomar a confecção da cerâmica, realizando trabalhos nas escolas indígenas, juntamente com as pessoas da comunidade. É um trabalho que faz parte das disciplinas da escola e através das quais os alunos são avaliados

²⁰⁵ BARCELOS NETO, A. **Arte, Estética e Cosmologia entre os Índios Waurá da Amazônia Meridional**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Florianópolis: UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, 1999. p. 80-110.

²⁰⁶ NDILLI, N. **Entrevista cit.**

também, desde o interesse em aprender as técnicas, até o resultado final do trabalho. Conforme o depoimento do Professor José Ndilli:

... o trabalho de cerâmica que é realizado, né, também ele entra como um trabalho de artes, daí avalia também o aluno a participação dele, o interesse, vê qual é o tipo de cerâmica que ele tenta fazê, né, o material que ele quer fazer, um prato ou uma xícara, então a gente vê o interesse da própria criança em querer aprender as coisas que eram feitas antigamente com a cerâmica.²⁰⁸

Devemos ressaltar que, apesar do projeto realizado pela FURB, não há uma continuidade em todas as escolas do ensino dessa técnica. É o caso da Escola Vanhecu Patté, que pretende inserir o aprendizado da cerâmica, que ainda não faz parte dos trabalhos de Artes ensinados pelos professores.

Através da foto a seguir, a cerâmica Xokleng na atualidade, são confeccionados para a comercialização.



Fig.: 9 – Cerâmica. Foto de E. E. Vieira, 12 de setembro de 2003. (Foto no Acervo: LABHIN – Laboratório de História Indígena, UFSC).

²⁰⁷ Id.

²⁰⁸ NDILLI, J. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira**. Terra Indígena Ibirama. José Boiteux, 12 de Abril de 2003.

2.3.3 – Instrumentos de caça e de guerra

Destinadas ao ataque e defesa dos Xokleng, as armas compunham utensílios de suma importância para essas comunidades. Eram confeccionadas para garantia das necessidades básicas de sobrevivência, pois era com elas que obtinham grande parte de seus alimentos, e por não pescarem, a principal fonte de alimentação era associada à caça e à coleta de frutos. Além dessa, as armas eram utilizadas em momentos de guerra com o intuito de prover a defesa individual e da comunidade, sendo compostas por arcos e flechas, lanças, boleadeira e bordunas. Segundo afirma E. de L. e S. Hoerhann:

As armas dos botocudos, compõe-se do arco ‘vôio’, sempre feito da elastica e rija cabiuna, “Catangára”, da mesma família ... do ipe, o “pão d’arco” dos portugueses, por ser usada para este fim, por todas as tribus do nosso litoral (Tupis, Guaranys). As fechas, são de trez especies: as de guerra, com lamina de aço, as de caça com ponta de uma rija madeira, farpada unilateralmente, e, finalmente os virotes, para a caça exclusiva de passaros, ocasionando a morte pelo choque, e não por ferimento aberto.²⁰⁹

As lanças, tipo de arma perfurante de emprego manual arremessadas com a mão, são bastante confundidas com as flechas²¹⁰, eram utilizadas tanto para a caça quanto para a guerra, possuíam uma lâmina de trinta a quarenta centímetros de comprimento por dez a doze de largura, sendo afixadas em uma haste decorada com cestaria junto ao engate da lâmina. Anterior ao contato as lâminas eram feitas de pontas de pedra, sendo que após o contato o metal foi introduzido tanto nas lanças, quanto em outras armas.²¹¹

A seguir, podemos ver a lança que era confeccionada pelos Xokleng, em período anterior a utilização das lâminas de ferro.



Fig.: 10 – Lança tradicional dos Xokleng. Foto de A. L. V. Nötzold, 1999. (Acervo: Sr. Victor Jensen).

²⁰⁹ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

²¹⁰ RIBEIRO, B. G. **Dicionário...** p. 233.

²¹¹ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

Para confeccionar a lâmina de metal dessa arma, era usado um simples pedaço de ferro trabalhado, aquecido por dias, martelado com pedras e então limado com uma navalha afiada. A forma peculiar da lâmina sugere que a lança dos Xokleng era utilizada principalmente para bater e não para apunhalar, sendo a arma menos utilizada por eles.²¹²



Fig.: 11 – Lança dos Xokleng. Foto de A. L.V. Nötzold, 1999. (Acervo: Arquivo Público de Rio do Sul).

A confecção das armas apresenta elementos que foram a ela integrados, a partir do contato com os colonizadores, e um deles pode ser representado pelo uso dos metais na fabricação de pontas de flechas e lanças. Não é possível datar precisamente o período em que eles tiveram contato com os metais, por se tratar de um povo nômade; o deslocamento provavelmente os colocou em contato com o metal antes mesmo do início da colonização de seu território histórico.

Compondo as armas usadas pelos Xokleng, encontramos ainda as bordunas, confeccionadas de madeiras pesadas, “... usadas nas guerras ou caças à pequena distância”²¹³, no entanto, as informações fornecidas pelos estudos realizados indicam que se tratava de uma arma usada principalmente para o ataque e defesa, mais precisamente para a guerra. Em depoimento sobre a cultura material, o Sr. Alfredo Patté menciona que a borduna é um tipo de

²¹² HENRY, J. *Jungle...* p. 168.

²¹³ RIBEIRO, B. G. *Dicionário...* p. 218.

cabo de lança, mas sem ponta, feita de madeira pesada.²¹⁴

A palavra “borduna é um termo genérico atribuído à todas as armas contundentes feitas de madeira dura usadas para bordoar. Eventualmente as de ponta aguçada servem como cavadeiras,...ou como bengala para andanças em regiões acidentadas... É levada nas investidas guerreiras. Clava, maça, porrete e cacete são empregados como sinônimos de borduna.”²¹⁵ Entre os Xavante, o uso da borduna está simbolicamente ligado à questão da virilidade, ao poder agressivo, tendo dupla função masculina, de provedor da unidade doméstica e de guerreiro.²¹⁶

Sobre esse instrumento E. de L. e S. Hoerhann menciona que: “Enfeitavam estas clavas, assim como as lanças, com desenhos lineares, á fogo, sendo que as ultimas, no engaste da lâmina na haste, com um belo trançado feito de duas côres. Entra para o rol de suas armas, também o “Kóuan”, clava de 1,50 centímetros de comprimento, cujo cabo é roliço, sendo a parte restante, talhada em losango crescente, até a extremidade, e cujas quinas, são sobremodo agudas.”²¹⁷

Outra arma também utilizada pelos Xokleng era a boleadeira, usada nas caçadas e na guerra, tinha como finalidade imobilizar o animal ou inimigo. Era composta de uma corda com três pontas, sendo fixada uma bola de pedra nas extremidades. Porém, não existem muitas informações sobre a confecção e utilização dessa arma.

Descrevendo o processo de confecção dos arcos, R. Lavina baseado em J. Henry comenta que eram desbastados com machado e as pontas ou extremidades apontadas com faca. Mediam cerca de dois metros e possuíam as extremidades levemente curvadas com cordéis de embira enrolados, para a fixação do encordoamento; as cordas dos arcos eram confeccionadas de fibra de urtiga.²¹⁸

“Catangára”, da mesma família ... do ipe, o “páo d’arco” dos portugueses, por ser usada para este fim, por todas as tribus do nosso litoral (Tupis, Guaranys). As fechas, são de trez especies: as de guerra, com lamina de aço, as de caça com ponta de uma rija madeira, farpada unilateralmente, e, finalmente os virotes, para a caça

²¹⁴ PATTÉ, A. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira**. Terra Indígena Ibirama – Aldeia Bugiu – José Boiteux, 22 de setembro de 2003.

²¹⁵ RIBEIRO, B. G. **Dicionário...** p. 218.

²¹⁶ RIBEIRO, B. G. **Tecnologia...** p. 121.

²¹⁷ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

²¹⁸ LAVINA, R. op. cit. p. 77.

exclusiva de passaros, ocasionando a morte pelo choque, e não por ferimento aberto.²¹⁹

As flechas eram feitas de hastes de taquara e suas pontas variavam segundo sua utilidade. As flechas com pontas de ferro eram usadas para a guerra e as com pontas-virote para caçar aves. Além dessas, existiam também as com ponta líticas, existindo poucas informações sobre as mesmas. Sobre o processo de confecção do arco e flecha, a depoente afirma que:

É madeira que eles usa é imbuía, gabiruna, né, uma madeira dura. Gabiruna é uma madeira dura que não que não apudresse. É gabiruna é cutia também eles usa, cutia aquele também eles usa pau cutia pra flecha...Com a mema madeira eles queima bem pra ele fica levinho, sequinho, né, pra fica afiado, daí eles esquentam bem no fogo, assim eles vão fazendo, fazendo fogo bem pertinho, daí eles vão esquentando assim, né. Vão esquentando e vão fazendo. É assim, eles bota cera aqui.²²⁰

A realização de uma análise sobre os arcos e flechas confeccionados pelo grupo torna-se uma tarefa difícil, devido ao fato de haver arcos e flechas de diversos tamanhos; os pequenos provavelmente eram confeccionados para as crianças ou para caças de menor porte, por isso a diversidade nos tamanhos. A respeito da finalidade dos arcos e flechas, Dona N. Ndilli comenta que: “Há tem tipo, tem de todo tipo. Tem pra caça, tem pra dança também, pra guerra também”.²²¹

A foto a seguir, mostra as flechas tradicionais que eram utilizados pelos Xokleng, podemos ver duas flechas com pontas de pedra e uma com ponta de metal.



²¹⁹ HOERHANN, E. de L. e S. Anexo... paginação irregular.

Fig.: 12 – Flechas tradicionais. Foto de A. L.V. Nötzold, 1999. (Acervo: Sr. Victor Jensen).

As flechas Xokleng era confeccionada com, um tipo de corpo e três tipos de pontas: a ponta de ferro para o tapir, o cervo e o macaco, a ponta de madeira afiada para atividades menores e uma ponta menos afiada para os pássaros. O corpo das flechas era feito com bambus que são cortados ainda verdes, aquecidos e trabalhados para adquirirem a forma. As pontas dessas flechas são endurecidas no fogo. Quando as pontas estão prontas são encaixadas no corpo e fixadas no lugar com cipó, firmemente amarradas na junção do corpo e da cabeça da flecha. Então todo o conjunto era encerado e polido.²²⁰

O arco e flechas que são confeccionados atualmente podem ser vistos na foto a seguir:



Fig.: 13 – Arco e flecha. Foto de E. E. Vieira, 12 de setembro de 2003. (Foto no Acervo: LABHIN – Laboratório de História Indígena).

²²⁰ NDILLI, N. **Entrevista cit.**

²²¹ Id.

Os arcos e flechas hoje são confeccionados para a comercialização, ou como *brinquedo* para as crianças treinarem o tiro. Ao referir-se à forma como os indígenas percebem esses objetos, atualmente, o depoente afirma que: “...por exemplo, os arco hoje ele é um artesanato, né, mas antigamente o artesanato, o arco e flecha era usado pra caça era uma arma ...”.²²³ Observamos que muitos dos Xokleng associam os objetos confeccionados ao termo artesanato por serem confeccionados em tamanhos bem menores do que o real e por serem comercializados.

2.3.4- Ritualísticos

Os objetos ritualísticos confeccionados pelas comunidades indígenas possuem muitas vezes, conteúdos de natureza social e simbólica muito maior que qualquer outro artefato. Para B. G. Ribeiro: “No objeto ritual, tudo é simbólico. No caso do instrumento musical, por exemplo, o são: a forma, a matéria-prima, o som. Todos esses elementos e, sobretudo, os eventos em que se produz à música implicam em ‘teias de significados’”.²²⁴ A autora ressalta ainda que “... em cada contexto seu manuseio obedece a uma técnica operacional que lhe confere sentido e ‘eficácia simbólica’. O maracá é o principal objeto ritual do arsenal magico-religioso do xamã. Como objeto, faz parte do elenco dos produtos materiais da cultura; porém não pode ser isolado dos outros domínios: do ritual, do xamanismo.”.²²⁵

O autor R. Lavina faz referência ao maracá, ou chocalho utilizado durante os rituais de morte, confeccionado pelos homens. O maracá era feito de cabaça madura, seca ao sol por aproximadamente uma semana, sendo retirada as sementes e deixada na água por um ou dois dias. Depois era feita uma limpeza interna, após nova secagem ao sol, assim como outro orifício no lado oposto ao aberto anteriormente sendo encaixado nele uma vara de bambu; antes da fixação definitiva dessa vara eram colocadas sementes de caeté.²²⁶

²²² HENRY, J. *Jungle ...* p. 169.

²²³ SILVA, C. *Entrevista cit.*

²²⁴ RIBEIRO, B. G. *Arte Índia...* p. 22

²²⁵ Id.

²²⁶ LAVINA, R. op. cit. p. 85.

O mesmo autor, ainda, referindo-se ao processo de confecção do chocalho globular menciona que: “a haste é inserida de maneira a uma ponta projetar-se na parte superior, sendo fixada com cordéis encerados. A decoração é feita com anéis de penas amarrados com casca de imbé, podendo possuir longos cordéis fixados ao longo do cabo para o transporte”.²²⁷

Em depoimento sobre a confecção do maracá, Dona N. Ndilli esclarece que: “é uma baga que a gente planta né, depois de seca daí a gente tira. Aquele é assim, depois de seco, a gente tira, fura de um lado né, aonde é que tira, que tem aquelas aonde ele fica no barão, a gente arranca aquele, a gente fura e bota essas baguinha dentro aqui, ai aquele semente agente tira, tira tudo e bota outro semente, outro semente branca agente coloca”.²²⁸ Era utilizado no momento dos rituais de perfuração dos lábios dos meninos e tatuagem na perna das meninas e também no ritual de cremação dos mortos.

Na foto a seguir podemos ver um chocalho confeccionado atualmente na Terra Indígena Ibirama:



Fig.: 14 – Chocalho globular. Foto de E. E. Vieira, 12 de setembro de 2003. (Foto no Acervo: LABHIN – Laboratório de História Indígena).

²²⁷ LAVINA, R. op. cit. p. 85.

Um fator relevante a ser colocado é o fato de que na maioria das comunidades indígenas, determinados instrumentos musicais são restritos aos homens, podendo haver restrições também quanto ao uso, conforme a faixa de idade. De um modo geral, somente os adultos tocam certos instrumentos, adolescentes tocam outros, as mulheres cantam certas canções, homens maduros e velhos outras.²²⁹

Já entre os Xokleng, as informações obtidas através de depoimento de Dona N. Ndilli e outros entrevistados indicam que “... a finalidade dele é também pra faze, assim o som mais forte. Então esse aqui a gente usa pra muitas coisas, ele usa, como assim pra dança, pro luto. Esse de dentro a gente usa pra dança do luto, entendeu”.²³⁰ O maracá trata-se de um instrumento musical que era usado nos rituais e em momentos de festas.

O maracá era muito enfeitado e sua haste coberta de uma trança feita em cruz, com fibras pretas de casca de imbé-mirim. O chocalho, em seu engaste era cercado de pelos e penas multicores, sendo o *porongo* lavrado com múltiplos desenhos, repetindo-se, em cima, na extremidade da haste, os mesmos enfeites encaixados.²³¹ Entre os Kaingáng, o maracá é um objeto tipicamente masculino, sendo confeccionado e utilizado somente por homens. Já entre os Kayapó, ele “simboliza o centro do mundo,... eles consideram-se parte integrante do mundo circular e vêem o processo do universo e da vida como ciclo, os ciclos do tempo ecológico e estrutural que determinam e acompanham a vida e as atividades humanas”.²³²

Para o preparo da bebida fermentada, consumida durante os rituais, os Xokleng faziam uma espécie de cocho²³³, de madeira de cedro. O tamanho dos cochos variava, dependendo da aldeia e do número de pessoas. Sua profundidade dependia do tamanho da árvore.

Escolhem, para isto, grossos troncos de velhos cedros que são derrubados e atorados no comprimento de um metro e cinquenta, a dois metros. Depois descascam-nos convenientemente, abrindo, em seguida, uma fenda longitudinal de dezoito a vinte centímetros de largura, pela qual escavam o troco completamente, deixando-o inteiramente ôco, com paredes lateraes de trez a quatro centímetros sómente de espessura; tendo as cabeças do cocho, a espessura de oito a dez centímetros.

²²⁸ NIDILI, N. **Entrevista cit.**

²²⁹ RIBEIRO, B. G. **Arte Índia...** p. 25-26.

²³⁰ NDILI, N. **Entrevista cit.**

²³¹ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

²³² VIDAL, L. & SILVA, A. L. da. **op. cit.** p.386.

²³³ O cocho era uma espécie de recipiente que os Xokleng usavam para o preparo da bebida fermentada.

Servem-se, para este trabalho, além do fogo, de uma espécie de formões, que antigamente eram feitos de pedra, e que hoje os fazem de ferro.²³⁴

A fim de se fazer o cocho, um cedro era derrubado e uma seção cortada. Poderia ser necessário cortar-se outra, até que finalmente se achasse uma tora perfeita. Então, esta era removida até o acampamento, e como era impossível para apenas um homem transportá-la, era necessária a cooperação de todos.²³⁵

Quando a tora chegava no acampamento, alguém ia trabalhá-la com um machado. Ele marcava a forma da abertura e começava a cortá-la firmemente até não mais conseguir ir mais profundamente. Quando ele ficava cansado, outro assumia o trabalho, e esse processo só terminava quando o cocho estava oco. Então, era feito fogo no seu interior, com bambu seco, para limpá-lo, e depois o carvão era raspado. Para protegê-lo contra vazamento, uma cera era bem aquecida e esfregada sobre as pontas do cocho. As pontas eram também aquecidas a fim de fazer a cera agir. Quando o cocho era finalizado um buraco raso era escavado para acomodá-lo.²³⁶ A partir desse momento, era iniciada a fabricação da bebida, que levava vários dias no seu preparo, devido ao processo de fermentação.

Os ornamentos segundo a afirmação de J. Henry, eram feitos pelas mulheres e usados na cerimônia de perfuração dos lábios dos meninos e tatuagem na perna das meninas. Os ornamentos da *dança Lu*²³⁷ eram feitos de pequenos objetos de cestaria, fixos na ponta dos postes de aproximadamente 2,5 m. de tamanho e fixos na área de dança. Assim que as festividades começavam, os postes eram elevados de seus buracos e carregados ao redor nos ombros dos homens. Esses objetos de mais ou menos oito polegadas de tamanho, eram seguros nas mãos.²³⁸ Não há informações sobre a continuidade na confecção desses ornamentos entre os Xokleng.

Sobre a confecção dos objetos da cultura material Xokleng, atualmente percebemos que técnicas utilizadas para produzi-la diferem das técnicas anteriormente empregadas, haja vista o fato de, por exemplo, as armas não serem mais usadas para a guerra ou mesmo para a caça, associada à questão da dificuldade em encontrar alguns tipos de matéria-prima.

²³⁴ HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo...** paginação irregular.

²³⁵ HENRY, J. **Jungle...** p. 171.

²³⁶ Id.

²³⁷ A *dança Lu*, era realizada no velório das crianças menores.

²³⁸ HENRY, J. **Jungle...** p. 171

3 - REELABORAÇÃO E SIMBOLISMO

3.1 – Aspectos Gerais

No presente capítulo, procuramos apresentar um panorama geral sobre a situação da arte entre os Xokleng. Para a elaboração do mesmo, tomamos como referencial as entrevistas realizadas com membros dessa comunidade concentradas na Aldeia Bugio, sendo faixa etária dos entrevistados de 20 a 70 anos. Juntamente com as entrevistas, aplicamos um questionário com os membros da Aldeia objetivando mapear na área, quem confecciona os objetos de arte e qual finalidade lhe é atribuída.

Optamos por utilizar neste momento o termo *arte* pela definição que lhe é dada, como a “capacidade que tem o ser humano de pôr em prática uma idéia, valendo-se da faculdade de dominar a matéria”²³⁹, pois consideramos que arte nesse contexto é o produto da vivência da comunidade Xokleng.

A arte pode ser percebida também como a “... atividade que supõe a criação de sensações ou de estados de espírito, de caráter estético, carregados de vivência pessoal profunda, podendo suscitar em outrem o desejo de prolongamento ou renovação”.²⁴⁰ Partindo deste pressuposto, aqui utilizamos a definição de arte, não como *arte pela arte*, mas como objetos artísticos que representam um sistema identitário, através do qual os membros dessa comunidades buscam diferenciar-se da sociedade envolvente, bem como expressam o desejo de fortalecimento da cultura.

A seguir veremos o mapa de localização da T. I. I. e Localização da Aldeia Bugio.

²³⁹ BUARQUE, A. **Dicionário...** p.177.

Mapa de Santa Catarina: localização da Terra Indígena Ibirama

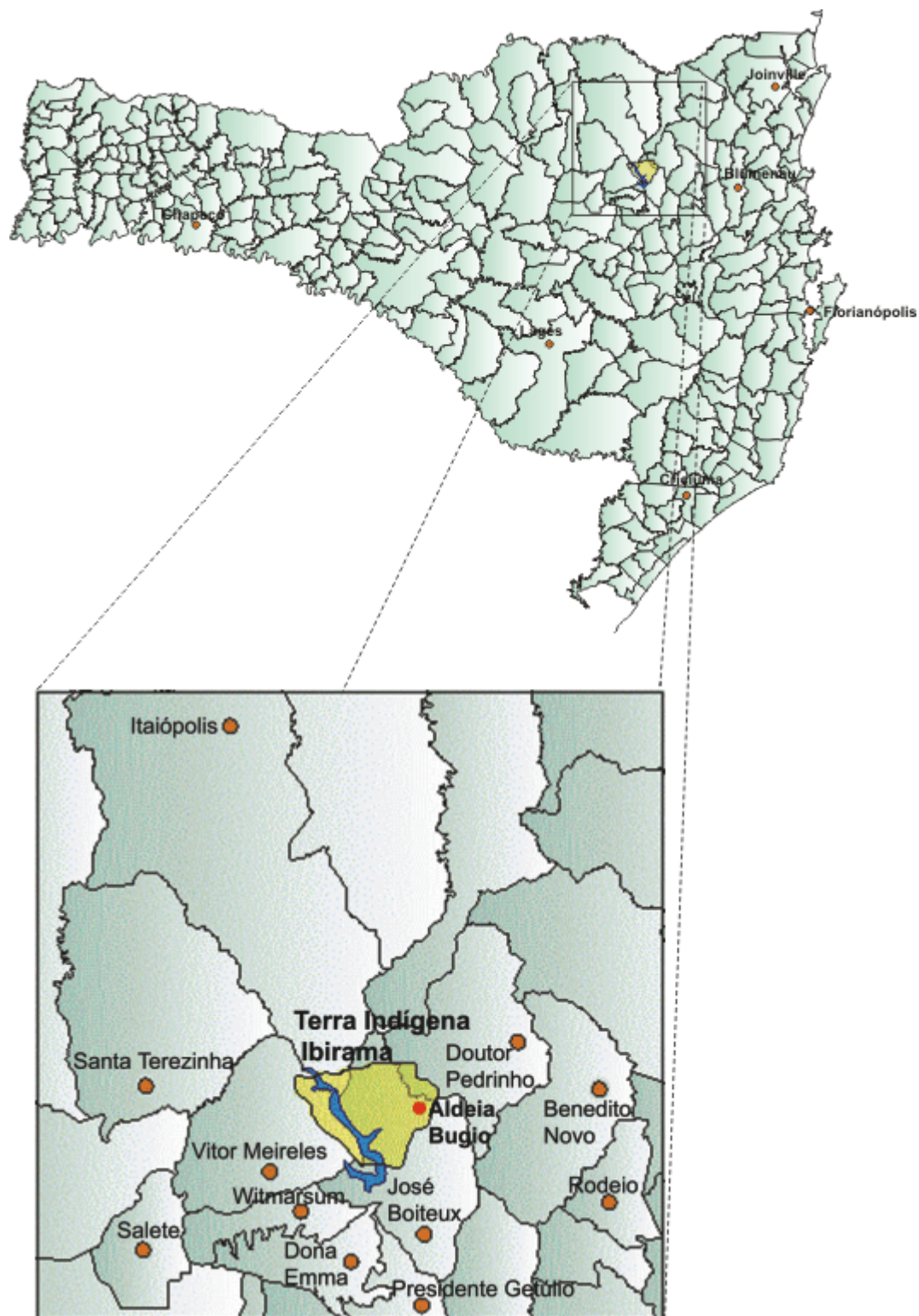


Fig.: 15 – Mapa de Santa Catarina – Localização da Aldeia Bugio. Adaptado do mapa interativo da CIASC.

A sistematização desta pesquisa deu-se também, por meio de nossa participação no Curso para Professores que atuam nas Escolas Indígenas, realizado na cidade de Balneário Camboriú, no período de 11 a 15 de agosto de 2003, no qual aproveitamos a oportunidade para entrevistar os professores Xokleng, sobre a situação da educação, com enfoque no ensino da arte indígena.

Antes de iniciarmos a questão do ensino da arte propriamente dita, é necessário comentarmos sobre a formação da Aldeia Bugio, local onde concentramos nossa pesquisa. A Aldeia Bugio surgiu em 1979, no município de José Boiteux, com a ida de algumas famílias para o local. Nessa época, a madeireira Beri havia ali se estabelecido e se dizia dona da região, por esse motivo surgiram vários conflitos com essa empresa e somente em 1982 a FUNAI reconheceu a região como terras indígenas e conseqüentemente a Aldeia Bugio.²⁴¹

Atualmente vivem na aldeia aproximadamente 73 famílias, segundo indicação que tivemos do Coordenador da Escola Vanhecu Patté, Simeão Priprá, entretanto, não conseguimos entrevistar todos os moradores, devido ao fato de não se encontrarem em casa por trabalharem ou estarem fora da Aldeia.

Na Aldeia Bugio, foram feitas entrevistas individuais, bem como levantamento sobre a confecção do artesanato com 30 famílias, sendo possível percebermos que o número de moradores em cada residência variava de 2 a 9 pessoas, em algumas casas identificamos a existência de 3 gerações (pais, filhos e netos). Há que se destacar que é comum entre as comunidades indígenas os avós criarem os netos, o que pode ser constatado nas entrevistas realizadas, nas quais os depoentes mencionam terem sido criados pelos avós.

Constatamos que, das famílias entrevistadas, aproximadamente 60% delas não confeccionam mais a arte indígena. Ou seja, das 30 famílias entrevistadas, 16 famílias não confeccionam. As causas apontadas pelos depoentes variam, dentre elas, as mais freqüentes são: a dificuldade para venda e o fato de muitos trabalharem fora da aldeia. Entretanto, mencionam que as crianças estão aprendendo na escola sobre a arte de seu povo.

²⁴¹ Conversa informal com Sr. Olímpio da Silva Nunc-Fôoro.

Outro fator observado, através das entrevistas, é o casamento inter-étnico, no qual a esposa é de outra etnia. Sabemos que, nas comunidades indígenas, as mulheres são as *mantenedoras* da cultura, portanto, são elas as responsáveis por passar parte da cultura da comunidade para os filhos, ficando essa questão comprometida quando a mulher é de uma etnia diferente.

O enfoque de nossa pesquisa é justamente destacar a importância no ensino da arte na aldeia e na escola, não apenas como um instrumento didático e pedagógico, mas como símbolo identitário²⁴², como instrumento, ou elemento que reforça a cultura.

Neste capítulo, procuramos apresentar uma síntese sobre a questão educacional nas comunidades indígenas, de forma geral, depois voltando para a realidade da comunidade Xokleng na Aldeia Bugio. Buscamos ainda, apresentar um panorama sobre a situação atual na aldeia acerca da confecção dos objetos de arte, dando ênfase à opinião dos seus membros sobre a confecção e utilização dos mesmos no cotidiano e no contexto escolar.

3.2 – A História da Educação e os Xokleng

Inicialmente nos remetemos à forma como ocorria o processo educacional nas comunidades indígenas, segundo sua cultura tradicional, bem como apresentamos de que forma se dá esse processo atualmente e qual a sua importância para a comunidade.

Anteriormente ao estabelecimento dos colonizadores, o processo educacional das comunidades indígenas era realizado exclusivamente por intermédio da prática e da oralidade. Ao mesmo tempo em que os pais realizavam suas atividades, dentro da aldeia, ensinavam os filhos. O processo educacional, ou seja, o repasse de conhecimento ocorria naturalmente e a vida da criança indígena era “um contínuo aprendizado das regras em sociedade”.²⁴³ Esses conhecimentos eram produzidos com a experiência e a vivência.

²⁴² Objeto que representa uma comunidade com relativa homogeneidade cultural e lingüística, compartilhando história e origem comuns.

²⁴³ TAUKEANE, D. **A história da educação escolar entre os Kurâ-Bakairi**. Cuiabá: Governo do Mato Grosso, DAMATTA – Produtos Agropecuários LTDA, 1999. p. 78.

As crianças viviam no meio dos adultos, observando, imitando alguns de seus atos e praticando jogos e brincadeiras que contribuíam com o seu desenvolvimento cognitivo. Desde cedo, eram incentivadas a realizar tarefas como transportar água, confeccionar seus arcos e flechas, seus brinquedos, entre outras atividades. Para A. L. V. Nötzold: “A educação é relacionada nesse contexto, com as atividades do dia a dia, onde as experiências são aproveitadas para as atividades cotidianas.”²⁴⁴ Tais atividades iniciadas desde cedo constituíam-se no aprendizado que perpassava toda a sua vida.

As crianças eram conduzidas no convívio social a compartilharem seus bens e a participarem da vida coletiva da comunidade. Segundo afirma A. L. V. Nötzold sobre a educação dos Tupinambá²⁴⁵: “Os meninos eram ensinados a atirar com arcos e flechas ao alvo e depois pássaros ... Já os ensinamentos das meninas eram relativos às atividades domésticas como fiar o algodão e fazer o serviço da casa ...”²⁴⁶ Geralmente as etapas do aprendizado das crianças eram consolidadas pelos ‘rituais de passagem’, que se caracterizavam por “períodos intensos de formação”²⁴⁷, que contribuíam para a formação do indivíduo e passagem para a vida adulta. Quando adultos, os membros dessas comunidades somente adquiriam a condição de conselheiros quando atingiam determinada idade e não podiam mais realizar atividades que dependessem de seu vigor físico.

As comunidades indígenas no seu cotidiano criaram meios próprios para produzir e transmitir os conhecimentos necessários que lhes proporcionassem a garantia da sobrevivência e a preservação da própria cultura. Com relação às leis, “os Tupinambá respeitavam as regras fixadas entre eles, onde encontramos a resposta para a ordem que era mantida na tribo, com a obediência e o respeito em relação aos demais ...”²⁴⁸. Podemos observar que, apesar dos conhecimentos e normas de conduta, anteriormente, serem passados somente através da oralidade, e por serem comunidades baseadas no direito consuetudinário, os conhecimentos e as normas eram geralmente respeitadas, e as crianças e jovens aprendiam tudo o que era necessário para desempenharem seu papel no interior da comunidade.

²⁴⁴ NÖTZOLD, A. L. V. Os tupinambá: a educação e o processo socializador. In.: **Anais do IV Encontro de Pesquisadores do Ensino de História**. Ijuí: UNIJUÍ, 1999. p. 393.

²⁴⁵ Etnia indígena que vivia no Brasil, pertencente ao troco lingüístico tupi-guarani e que foi extinta na segunda metade do século XVI, através do contato e conflito com os colonizadores, sendo as informações obtidas sobre sua cultura registradas pelos viajantes franceses que estiveram no Brasil.

²⁴⁶ Ibid., p. 397.

²⁴⁷ TAUKANE, D. op. cit. p. 87.

²⁴⁸ NÖTZOLD, A. L. V. Os tupinambá... p.397

A instituição escolar foi inserida no contexto das comunidades indígenas a partir da colonização, no Posto Indígena Duque de Caxias, em 1940, com dois professores, sendo um deles o indígena Lino Nunfôro. A atuação do professor Lino na escola foi até 1966, quando houve divisão das séries em dois turnos, então ele ficou com a 2ª e 3ª séries no período matutino e outra professora assumiu a 1ª série no período vespertino. Porém, em 1968, com a mudança do encarregado do Posto, a escola passou a ser apenas um setor destinado a permitir o assalariamento de algumas pessoas indicadas pelo novo encarregado, já que aquelas que passaram a exercer a função de professores não tinham comprometimento com a educação Xokleng.²⁴⁹

Ao observarmos a educação destinada às populações indígenas, percebemos que a mesma sempre esteve voltada para a *integração* dessas comunidades à sociedade envolvente, havendo, portanto, uma negação da diversidade cultural. Essa educação sempre esteve sob a responsabilidade de órgãos governamentais como a FUNAI, criada em 1967, sendo usada como instrumento de dominação. A partir da década de 1970, surgiram movimentos indígenas no Brasil que passaram a defender o ensino bilíngüe nas escolas.²⁵⁰

Destacamos que o ensino indígena bilíngüe e diferenciado passou a ser regulamentado por leis, dando suporte legal e possibilitando às comunidades reivindicarem uma educação voltada para sua cultura e realidade. Dentre estas bases legais, estão a Constituição Federal de 1988, a Lei 9.394/96 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional – (LDB) e a Constituição Estadual de Santa Catarina de 1989.²⁵¹ Essas Leis foram criadas com o intuito de garantir às comunidades indígenas o ensino bilíngüe, diferenciado e intercultural.

Há que se destacar que, somente com a promulgação da Constituição Federal de 1988, foram reconhecidos às comunidades indígenas o direito e o respeito à diversidade, através dos artigos 210, 215 e 231.

O Artigo 210 da Constituição Federal de 1988 estabelece que “serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais. Já o artigo 215 da Constituição Federal de 1988 no parágrafo 1º define como dever do

²⁴⁹ SANTOS, S. C. dos. **Índios e Brancos...** p. 277.

²⁵⁰ VIDAL, L. & SILVA, A. da. op. cit. p. 152.

²⁵¹ GRUPIONI, L. D. B. (org.) **As leis e a educação escolar indígena: Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001. p. 9-72.

Estado a proteção das manifestações culturais indígenas. E o artigo 231 onde: são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os bens.²⁵²

Como a discussão sobre a diversidade cultural passou a ser reconhecida a partir da Constituição Federal de 1988, e passou-se a repensar a educação voltada para as comunidades indígenas, a própria LDB, teve que ser reformulada para abranger a história e cultura desses povos. A LDB, Lei nº 9.394 que foi aprovada pelo Congresso Nacional, em 17 de dezembro de 1996, e promulgada em 20 de dezembro do mesmo ano²⁵³, oportuniza a educação bilíngüe por meio dos artigos 78 e 79.

O artigo 78 prevê que o Sistema de Ensino da União, em colaboração com agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa para oferta de educação escolar bilíngüe e intercultural aos povos indígenas...

Inciso I – proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; valorização de suas línguas e ciências.

O artigo 79 que prevê que a União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

Inciso I fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena.²⁵⁴

Em Santa Catarina, com a identificação das três etnias, Xokleng, Kaingáng e Guarani a reformulação da Constituição do Estado, em 1989, estabeleceu:

O artigo 164 § 2º: O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

O artigo 192: O Estado respeitará e fará respeitar em seu território, os direitos, bens materiais, crenças e tradições e todas as garantias conferidas aos índios na Constituição Federal.

Parágrafo único: O Estado assegurará às comunidades indígenas nativas, de seu território, proteção, assistência social, técnica e de saúde, sem interferir em seus hábitos, crenças e costumes.²⁵⁵

²⁵² GRUPIONI, L. D. B. (org.) *As leis...* p. 16.

²⁵³ GRUPIONI, L. D. B. (org.) *As leis...* p. 21.

²⁵⁴ Ibid. p. 23.

²⁵⁵ NÖTZOLD, A. L. V. *Nosso Vizinho Kaingáng*. Florianópolis: Imprensa Universitária, 2003. p.

Se existem, hoje, leis muito favoráveis quanto ao reconhecimento da necessidade de uma educação específica, diferenciada e intercultural, para as populações indígenas, foi devido ao esforço das próprias comunidades, que lutaram para que os direitos adquiridos através da Constituição Federal de 1988 fossem colocados em prática. Sabemos que a luta pelo ensino bilíngüe, diferenciado e de qualidade é uma luta constante.

Entre as reivindicações iniciadas na década de 70 e a sua implantação a partir da Constituição Federal de 1988, houve uma espera de quase 30 anos. Hoje a escola representa para os indígenas a possibilidade de aprenderem os conhecimentos de que necessitam para o relacionamento com a sociedade envolvente e para que continuem sobrevivendo ao contato, que é intenso e inevitável.

Durante o II Fórum de Debates das Questões Indígenas de Santa Catarina,²⁵⁶ as lideranças Xokleng fizeram suas reivindicações e solicitaram melhorias no sistema educacional para que o mesmo tenha maior eficiência. Reclamaram também sobre os direitos assegurados pela Constituição Federal de 1988, que garante às comunidades indígenas o direito à alteridade, ao uso de suas línguas maternas e a processos próprios de aprendizagem, com um ensino diferenciado, bilíngüe e intercultural. Ou seja, os Xokleng reivindicam “uma educação mais dentro da comunidade, mais próxima da população... no ensino primário tem o ensino bilíngüe, porque faz parte da cultura, mas o próprio ensino bilíngüe só ensina ler, falar, não ensina praticar”.²⁵⁷

A luta pelo ensino diferenciado se deu ao ser constatada a grande dificuldade dos alunos indígenas em aprenderem através dos métodos da escola tradicional. Outro fator que também contribuiu para a luta dos Xokleng pela Escola diferenciada para a comunidade, foi o fato de que não havendo estabelecimentos escolares na Terra Indígena, as crianças tinham que freqüentar as não-indígenas, sendo bastante discriminadas. Para as lideranças indígenas,

... as criança por exemplo que estão estudando fora da reserva, elas estão sendo assim... mais é... pisoteado pela própria sociedade, eles estão oprimindo, apertando, ... procurando; tirando até a própria cultura da comunidade indígena, então nós achamos que na comunidade indígena de José Boiteux, deveria Ter assim, como base da solução desta questão, nós... criarmos uma, por exemplo uma educação mais

²⁵⁶ Fórum realizado em Florianópolis/SC, em 26/04/2000. Promoção: Governo do Estado de Santa Catarina – Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania - Diretoria de Justiça e Cidadania - Conselho Estadual dos Povos Indígenas.

²⁵⁷ NÖTZOLD, A. L. V. & VIEIRA, E. E. op. cit. p. 40.

dentro da comunidade, que ficasse mais próximo da população, porque se começarem, eles, saírem mais pra o interior da sociedade eles vão perdendo sua própria cultura, seu próprio idioma, mesmo que no ensino inicial, no primário eles têm o ensino bilíngüe também porque faz parte da cultura ...²⁵⁸

O trabalho dos professores, em conjunto com a comunidade, tem procurado sanar os problemas, bem como buscar o fortalecimento da cultura, mesmo com falta de verbas e estruturas adequadas para a realização das aulas. Para Dina Patté,

...a educação devagarinho tá se melhorando, não como a gente pretendia que deveria ser melhor, pelos direitos que a gente entende que tem, direito de ser, ... os nossos filhos, as nossas crianças, de ser educado de uma maneira mais civilizada, mais eficaz, não lesando assim as próprias culturas das nossas crianças, nós tamos achando assim que deveria ser mais, estudado melhor a parte da educação, assim,
...²⁵⁹

Na realidade, a educação diferenciada e intercultural apresenta várias deficiências, pois, apesar de ensinar a ler e a escrever, os membros da comunidade ressentem-se da falta da prática do idioma, visto que várias tradições são passadas dentro da tradição oral, não existindo a transcrição destes ensinamentos. “Muitas culturas da comunidade indígena ela é contida de prática, por exemplo, de pai para filho, por exemplo a parte da música que o índio, o cântico do índio, isso é só de pai pra filho, porque não tem letra, não se pode escrever ela, o vocabulário é curto, não tem meio de interpretar essa música ...,eu como líder acho que deveria estudar melhor e ver um meio como preservar essa cultura”.²⁶⁰

Com o objetivo de reestruturar o sistema educacional, os alunos possuem o direito do ensino regular de aulas bilíngües, cujo objetivo é fazer com que aprendam sua língua e cultura. Para a realização dessas aulas foi criada a cartilha *Nosso idioma reviveu*, ou, no idioma Xokleng *AG VE TE KAGLEL MU*²⁶¹, organizada por Namblá Gakran, um dos líderes do grupo. A cartilha foi escrita por professores e alunos e tem por objetivo servir como material didático. Trata-se de um trabalho, resultado de um processo de resgate da língua e cultura Xokleng que vem sendo realizado pela comunidade com o auxílio e incentivos dos mais idosos.²⁶²

A foto a seguir, mostra a cartilha elaborada por eles.

²⁵⁸ PATTÉ, D. vice-cacique - Xokleng em sua fala por ocasião do **II Fórum de Debates das Questões Indígenas de Santa Catarina**. Transcrição realizada por Ana Lúcia Vulfe Nötzold.

²⁵⁹ PATTÉ, D. op. cit.

²⁶⁰ NÖTZOLD, A. L. V. & VIEIRA, E. E. op. cit. p. 40.

²⁶¹ GAKRAN, N. (org). *Ag ve te kágel um. Nosso idioma reviveu*. COMIN-IECLB.

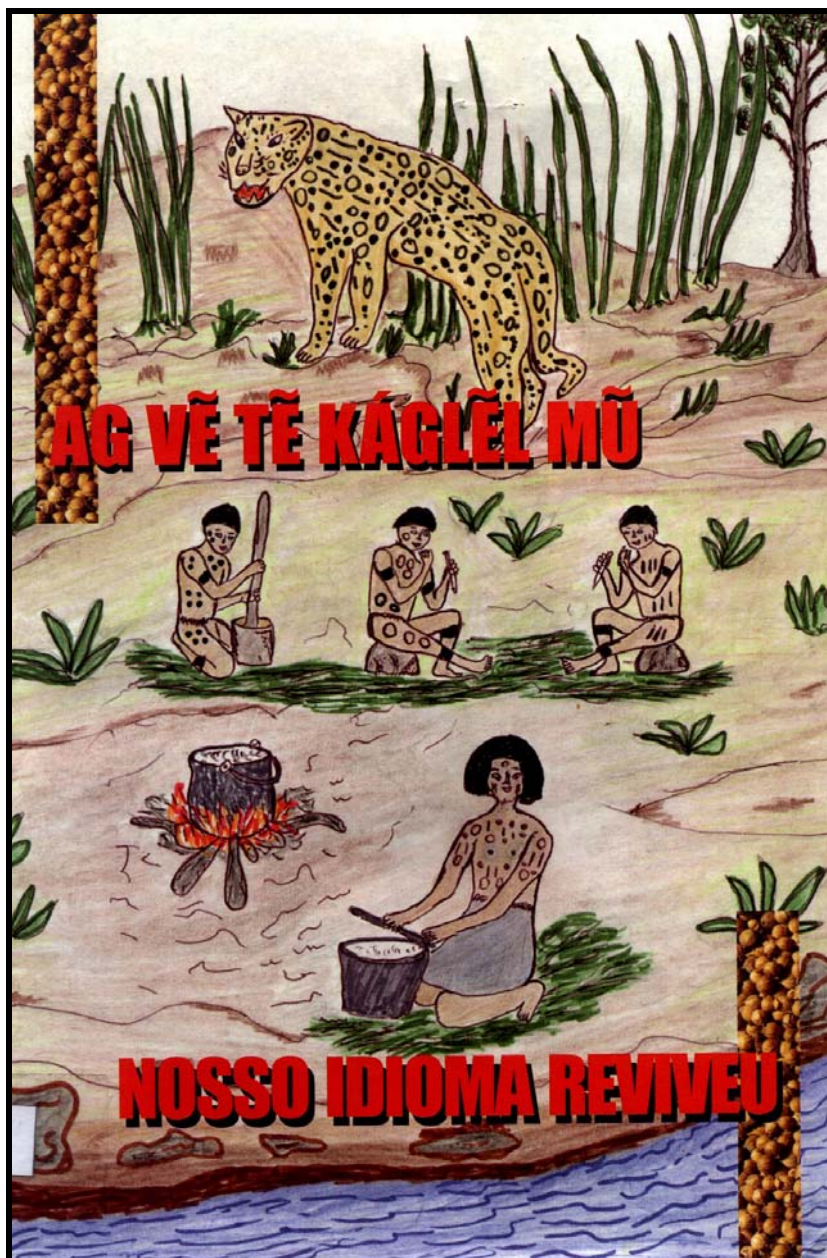


Fig.: 16 – Cartilha. Imagem de E. E. Vieira, 23 de setembro de 2003.

O processo de elaboração desse material ocorreu através de um trabalho em conjunto entre professores e alunos, em que os textos foram escritos e ilustrados por alunos sob orientação de seus mestres e retratam tradições orais sobre os animais que habitavam a

²⁶² NÖTZOLD, A. L. V. & VIEIRA, E. E. op. cit. p. 41.

reserva. Segundo a pastora Clede Markus, em entrevista concedida à Maria do Carmo e Nilson Cesar:

A questão da mudança de pensamento com relação ao indígena...deriva da participação da sociedade envolvente, inclusive cidades vizinhas a Ibirama e do trabalho de pessoas como a professora Miriam Jost, no sentido de informar, na escola, o valor do índio e fazer com que todos interajam nessa conquista da cidadania.²⁶³

Os cursos de capacitação para professores indígenas, realizados através do Núcleo de Educação Indígena - NEI/SC, propõem a integração das populações indígenas na administração de sua cultura, procurando proporcionar-lhes acesso ao ensino diferenciado, cujos principais objetivos são: a manutenção de seus hábitos e a *desconstrução* da imagem historicamente distorcida do indígena, até então sob o enfoque de uma visão preconceituosa.²⁶⁴

Hoje a Terra Indígena possui oito escolas distribuídas nas sete aldeias: Vanhecu Patté, Duque de Caxias, Voia Criri, Có Ngrô Nrê-Schindn Mangcnonã, Jangô Priprá, Luiza Meiring Nunc-Nofôontro, localizadas no município de José Boiteux, e as escolas Basílio Priprá e Covi Patté, em Vitor Meireles. Além dessas escolas, há também a escola João Bonelli que atende a comunidade indígena, e os alunos indígenas representam 80% do total. Para Rodrigues P. Reis: “Hoje a João Bonelli está com 360 à 370 alunos, quer dizer aproximadamente, eu não sei o número correto e disso aí de 75 a 80% são indígenas”.²⁶⁵ Por esse motivo, a escola também adotou como método pedagógico o ensino bilíngüe das escolas indígenas. O ensino médio foi iniciado este ano na Escola Vanhecu Patté e conta com 103 alunos.

A foto a seguir, mostra a Escola de Ensino Fundamental e Médio Vanhecu Patté onde foi iniciado neste ano o ensino médio:

²⁶³ GOULART, M. do C. R. K. e FRAGA, N. **Vale dos Índios...** p. 144-145.

²⁶⁴ NÖTZOLD, A. L. V. & VIEIRA, E. E. op. cit. p. 42.

²⁶⁵ REIS, R. P. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira.** Balneário Camboriú, 13 de agosto de 2003.



Fig.: 17 – Escola de Ensino Fundamental e Médio Vanhecu Patté. Foto de E. E. Vieira, 23 de setembro de 2003. (Foto no Acervo: LABHIN – Laboratório de História Indígena).

A educação tornou-se uma possibilidade concreta para o reconhecimento das comunidades indígenas de sua etnia, como um dos elementos constitutivos da dinâmica social, que possibilita a percepção e o respeito à diversidade cultural e se reflete no respectivo processo educacional. Isso significa que o pertencimento étnico em processo concorre na constituição de sujeitos e de grupos, assim os laços de pertencimento étnico têm sido reforçados pela educação através da valorização de sua cultura. É por intermédio da educação que a etnicidade está sendo negociada, afirmada e reforçada, desde cedo na escola. Segundo afirma o professor R. P. Reis:

É na educação que nós tamos puxando e mostrando pra eles, até com os alunos, né. Porque é raro hoje a gente fala com alguma criança e ela diz que não são índia, então isso antes era bastante, se falava da criança índia ela não aceitava, até as vezes por imposição de alguns pais. Hoje não, hoje nós vemos isso diferente, a gente chega numa sala de aula e aquele que é índio concorda, aceita numa boa e fica contente por ser índio.²⁶⁶

²⁶⁶ REIS, R. P. **Entrevista cit.**

Atualmente a maioria das crianças freqüenta a escola, porém, parte dos conhecimentos são passados pela oralidade, através dos mais idosos da comunidade. Por meio da conquista da educação formal as sociedades indígenas colocaram em prática suas próprias maneiras de produzir e transmitir os conhecimentos necessários à realização do trabalho que garanta a sobrevivência da comunidade e a preservação das tradições culturais.

Constatamos que os trabalhos dos mais velhos nas escolas indígenas, são de suma importância, relatando aos alunos a história de seu povo, sua cultura, buscando reforçar a valorização do *ser indígena*. Sobre o ensino do artesanato na escola, a professora Alair Patté menciona que:

... nós estamos revitalizando a nossa cultura, estamos em busca, resgatando, porque tanto foi importante, como está sendo importante agora, você me perguntou sobre o artesanato eu não faço artesanato, mas nós temos professor de artesanato, inclusive na minha aldeia onde eu trabalho, este ano nós estamos em construção, está quase pronto o salão comunitário onde vai trabalhar, onde professores de artesanato vão trabalhar. E isso está muito presente no nosso dia, eu não sei porque não aprendi, mas pratico isso na escola porque o professor Nildo ele faz esse artesanato.²⁶⁷

O que podemos constatar através dos trabalhos realizados pelo Senhor Alfredo e Dona Melissa ,os dois mais velhos da Aldeia, que são professores de Artes na Escola Vanhecu Patté, é que no conjunto das narrativas coletadas o sentimento de identidade está interligado à experiência vivida, compartilhada e à consciência que dela se adquire. Portanto, acompanhando os percursos da memória ao longo do tempo e da história, podemos ver que os relatos são validados de duas maneiras: uma em função dos interesses em jogo, outra vinculada às práticas sociais.

Para os Xokleng, a educação diferenciada e bilíngüe serve para “... sempre mantê viva a cultura, a tradição que é mais importante, né, pra Reserva, né, acho que pra todos os indígenas, né, acho que pra todos nós tudo isso é importante”.²⁶⁸

Os indígenas enquanto sujeitos do processo escolar elaboram e interferem na construção de significados que propiciam fortalecimento da cultura e valorização da etnia. Segundo Miguel G. Arroyo para que se “reflita ao mesmo tempo a complexa diversidade de identidades, grupos, etnias, gênero, diversidade demarcada não apenas por relações de perda,

²⁶⁷ PATTE, A. Entrevista concedida a Edna Elza Vieira. Balneário Camboriú, 11 de agosto de 2003.

²⁶⁸ SILVA, C. Entrevista cit.

de exclusão, de preconceito e discriminação, mas demarcada por processos ricos de afirmação de identidades, valores, vivências, cultura”.²⁶⁹ Para M. Pollak:

... a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade individual. Quando a memória e a identidade trabalham por si só, isso corresponde àquilo que eu chamaria de conjunturas ou períodos calmos, em que diminui a preocupação com a memória e a identidade. Se compararmos, por exemplo, países que são Estados nacionais há muitos séculos, com Estados nacionais recentes, veremos que a preocupação com a identidade e a memória toma feições bem diferentes nos dois casos. Poderíamos tomar como objeto de análise a correlação, em períodos de longa duração, entre a rearrumação das relações entre países em momentos de crise ou de guerra, e a crise da memória e do sentimento de identidade coletiva que freqüentemente precede, acompanha ou sucede esses momentos.²⁷⁰

Constatamos que, a partir das adaptações e mudanças pelas quais passaram, a escola tornou-se para os indígenas o local no qual adquirem ou reforça o conhecimento sobre a cultura de seu povo, permitindo preservá-la ou revitalizá-la, pois é através da organização social e das práticas sociais que o grupo realiza esse processo. Verifica-se a tensão entre *continuidade* e *mudança*, porém persiste a convicção de que constituem uma comunidade à parte, diferente da sociedade envolvente.

3.3 – A arte Indígena: em casa e na escola

No presente momento, procuramos enfatizar a questão da importância da arte indígena no contexto escolar que, juntamente com o ensino bilíngüe, vem contribuindo para o fortalecimento da cultura Xokleng. Conforme afirma B. G. Ribeiro:

As relações do homem diante do universo podem ser colocadas em três categorias fundamentais: o pensar, o fazer e o agir; o campo da ciência, da arte e da moral. A arte, nesse conceito genérico, abriga todo o fazer visando a melhor maneira possível para a perfeição de seu objeto e inclui o fazer do artesão, do operário, do técnico operador. As regras d’arte, o saber fazer, são o fundamento do *métier* e da proficiência artesanal.²⁷¹

²⁶⁹ ARROYO, M. G. Prefácio. In DAYRELL, J. (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996, p. 7.

²⁷⁰ POLLAK, M. *Memória e Identidade*... p. 207.

²⁷¹ RIBEIRO, B. G. **O artesanato**... p. 178

Nas entrevistas realizadas com professores, que ensinam o artesanato, e membros da comunidade, buscamos enfocar através da memória o que representa esse ensino para essa comunidade, portanto, o sistema de objetos configura-se como um recurso pedagógico para uma compreensão rápida e direta de contextos. Ou seja, percebemos a cultura material como um “símbolo que tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado”.²⁷²

A identidade étnica, ou seja, a crença na idéia de origem comum, de uma mesma ascendência, de compartilhar de uma mesma história e símbolos, são fatores que reforçam a identidade étnica e são direitos hoje garantidos por lei através da Constituição Federal de 1988. O autor Giulio Vinaccia reforça que:

A delimitação dos confins, a organização e orientação, a divisão entre zonas de resistência e de cultivo, o respeito à áreas deixadas sem cultivo, o reconhecimento de direitos especiais dos habitantes primitivos, detentores de um saber que permitiu-lhes sobreviver sobre esta terra, a convicção de que nenhum objeto da natureza é casual ou neutro, mas sim forma e substância de uma mensagem que deve ser interpretada, impõe soluções que, em conjunto, fornecem uma eficiente chave de leitura para o conhecimento das estruturas analisadas....²⁷³

O estudo do cotidiano Xokleng visa perceber os símbolos e as formas, com as quais o indivíduo “participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade”.²⁷⁴ Sobre o processo de confecção do artesanato, o professor de Artes C. Silva menciona:

E ali o artesanato ele não é só fabricado ali, dizendo praz crianças como é que ele faz o artesanato sabe, mas isso ali a partir do momento em que você por exemplo faz um flecha, então através daquela flecha você tem que conta uma história, uma história real que existiu, né. Porque o índio fazia aquela flecha, aquele colar, porque existiu aquele colar, quem fabricava esses colar, então ele é contado, então dessa maneira que tá se revivendo. As criança lá já tão aprendendo já, conhecendo sua própria identidade.²⁷⁵

Podemos dizer que a educação é um elemento constituinte das práticas sociais, e, ao mesmo tempo, as práticas sociais vão constituindo a reconfiguração étnica. Entendemos que tanto o gênero quanto o étnico perpassam os símbolos da sociedade, suas normas, sua educação, sua organização social, bem como, a educação é o suporte da etnicidade.

²⁷² RIBEIRO, B. G. *Arte Índia....* p. 18.

²⁷³ VINACCIA, G. op. cit p. 41.

²⁷⁴ HELLER, A. op. cit. p. 17.

²⁷⁵ SILVA, C. *Entrevista cit.*

Dona N. Ndilli, uma Xokleng que ensinava os alunos, comenta sobre o desejo que tinha em ensinar a confeccionar a arte indígena e como iniciou sua experiência:

Daí quando é 1998, quando uma branca que veio quis fazer trabalho lá com os índio né, daí ela pediu pra mim fazer, dá força pros índio, pros aluno né, porque os aluno, os índio grande já tava perdendo já a nossa cultura né de trabalho. Aí sempre me interessava de fazer, até pedia pra Deus se um dia que Deus me desse oportunidade de poder trabalhar com a comunidade, né com artesanato, porque eu sei de muitas coisas desde do mato que eles faziam, que papai fazia eu aprendi e aquele eu apliquei, que hoje tem algum que agora tão sabendo fazer né. Tem muitos aluno comecei com 22 alunos, primeiro ano né.²⁷⁶

Com relação à importância no aprendizado da arte, os entrevistados afirmam que os aspectos que os identificam como indígenas, são: o uso da língua e o domínio na confecção dos objetos, conforme pode ser observado no depoimento a seguir:

A gente ensina eles, pra eles não perde o nosso uso, a nossa cultura, nós temos trazendo de volta a nossa cultura, daí que nós temos dando aula pra eles aprender. Porque as vezes se a gente não ensinando nossos filhos e netos, as vezes um dia um branco, assim de fora vão perguntar se eles são índio, como eles vão dizer que são índio se eles não sabem fazer. Eles vão perguntar o que eles sabem, né, o que eles sabem de índio, daí eles não vão saber responder, daí agora nós temos trazendo a nossa cultura de volta.²⁷⁷

As sociedades indígenas têm seus próprios meios de produzir e transmitir os conhecimentos necessários à realização do trabalho que garanta a sobrevivência da comunidade e a preservação das tradições culturais assim como têm códigos jurídicos e sociais que norteiam o comportamento individual e grupal. Segundo B. G. Ribeiro: “O artesanato é, pois, a via mais apropriada para uma educação adequada no mesmo sentido do movimento pedagógico da educação através da arte que tem se mostrado mais eficaz para a percepção de certos valores e desenvolvimento harmônico da personalidade dos educandos”.

278

A foto a seguir mostra o Senhor A. Patté e Dona M. Priprá professores de Artes na Escola Vanhecu Patté ensinando as crianças das séries iniciais a confeccionar artesanato:

²⁷⁶ NDILLI, N. **Entrevista cit.**

²⁷⁷ Id.

²⁷⁸ RIBEIRO, B. G. **O artesão...** p. 178.



Fig.: 18 – Senhor A. Patté e Dona M. Priprá ensinando a confeccionar o artesanato. Foto de E. E. Vieira, 24 de setembro de 2003.

A professora Xokleng, A. Patté, fala sobre a importância da educação para sua comunidade:

A importância do artesanato na escola, até inclusive a gente foi atrás e pediu a GEREI²⁷⁹ e estamos pedindo para que o MEC contrate professores, porque é importante para nós a nossa cultura, essa é a nossa cultura né, pratica o artesanato mesmo aprendendo a arte do branco, nós aprende a nossa porque nós não sabemos, as criança não sabe, mas eles precisam aprender, porque não adianta agente tá ensinando só na escrita e no fala se não pratica, então é muito importante pra nós as criança aprende, as nossas criança aprende a fazer. Tece o balaio, tece a flecha né e o colar e tem muita arte que o índio faz e as nossas criança não sabe, e é importante pra nós também porque nós podemos trabalhar com esse artesanato né.²⁸⁰

Com a confecção do artesanato, há uma possibilidade desses objetos permanecerem em uso nesse novo contexto da comunidade. Dona N. Ndilli fala com orgulho da neta que aprendeu a usar o arco e flecha:

²⁷⁹ GEREI – Gerência Regional de Educação Infantil.

²⁸⁰ PATTÉ, A. *Entrevista cit.*

É eles faz praz criança brinca, pra treina, mas só que é mais piqueno. É pra eles treina, ainda é usado. Pra eles treina. Esses tempo eles foram fazer encontro as criança lá em Chapecó... Daí foi só minha neta, os meus neto foram. Daí diz que a minha neta ganhou no atiro, tiro de arco diz que ela ganhou. Por que ela treinava, né, as mulher também treinam, então ela treinava aqueles poquinho que ela aí, brincava e foi começo acostuma, aí quando eles foi pra fazer encontro lá, festinha das criança, lá dos alunos ela foi deu, atiro não sei se no cesto, não o que eles colocaram lá, né, fizeram lá, daí ela atiro, daí acerto. Daí ela tiro primeiro lugar, no tiro.²⁸¹

Ao pensarmos a arte indígena no contexto atual, não podemos desconsiderar o fato de que ela não é percebida pelos membros dessas comunidades somente como um símbolo identitário, mas também como uma fonte de renda, no caso específico dos Xokleng, e para muitos, a única fonte de renda. Devemos considerar que a produção de arte indígena para a comercialização é um tema bastante polêmico. Há os que defendem a idéia de que a comercialização descaracteriza os objetos e, portanto, deve-se evitar a comercialização, pelo menos dos objetos ritualísticos. Assim para L. Vidal e A. L. da Silva, “a venda desse tipo de artefato pode afetar diretamente o sistema interno de significação dos objetos e das relações que expressam. Outro fator apontado é a questão da utilização da matéria-prima escassa”²⁸², sendo que hoje existem em muitas Terra Indígenas projetos desenvolvidos por universidades, cujo objetivo principal é a conscientização para a preservação, bem como o reflorestamento dessas áreas.

As matérias-primas utilizadas atualmente para a confecção dos objetos são variadas fibra de urtiga brava (material difícil de ser encontrado nesses dias), para confecção de saias, sendo mais freqüente hoje se confeccionar as mesmas com embira. São usadas também madeiras identificadas pelos indígenas como gabiruna, taquara e cedro, para confecção de arcos, flechas e lanças. Para os colares são colhidas sementes *nativas* e outros enfeites feitos à base de madeira. Os chocalhos globulares são feitos com *semente da cuieira*²⁸³, madeira, embira e penas. Os enfeites utilizados nos arcos e flechas, são à base de penas que podem ser naturais, ou às vezes tingidas com colorantes artificiais. E ainda são usados trançados de embira nos arcos, nas lanças e nos chocalhos.

²⁸¹ NDILLI, N. **Entrevista cit.**

²⁸² VIDAL, L. & SILVA, A. L. da. op. cit. p. 398.

²⁸³ Árvore baixa, da família das bignoniáceas (*Crescentia cujete*), de caule tortuoso, flores solitárias, grandes, esverdeadas ou amarelo-pálidas, com estrias roxas, a qual fornece madeira castanho-amarelada, dura e forte, própria para marcenaria, e cujo fruto, baga, é usada como vasilhas, cuias e instrumentos musicais. BUARQUE, A. **Dicionário...** op. cit., p. 510.

Atualmente, os Xokleng que estão em contato permanente com a sociedade envolvente, utilizam-se de outros padrões para a confecção de seus artefatos e buscam confeccionar objetos de interesse da sociedade em geral para poder comercializá-los. Assim sendo, mesmo os objetos que eram no passado considerados sagrados e de usos ritualísticos, hoje, são feitos para serem vendidos. Dessa forma, o que percebemos é que a confecção de tais objetos, muitas vezes, restringem-se às festas promovidas na Terra Indígena, com o intuito de envolver todas as aldeias, bem como de revitalizar a cultura e de passar para as novas gerações a história de seu povo.

Após a realização do mapeamento, podemos perceber que uma parcela muito pequena dos moradores da Aldeia Bugio ainda confecciona o artesanato, alguns até conhecem o processo, entretanto não o fazem por terem dificuldades para vender. Os objetos mais produzidos para venda são: os arcos e flechas, os chocalhos globulares e os colares. Já as saias de embira são feitas para uso nas festas promovidas na Terra Indígena, ou em eventos para os quais são convidados em Universidades, entretanto a confecção para essa finalidade não impede a sua comercialização, caso apareça alguém interessado.

Outro fator bastante importante foi a mudança na cultura material promovida através do contato com a população nacional e também com membros de outras etnias que provocaram a miscigenação. Contudo, devemos considerar que através da etnicidade os Xokleng selecionaram certos traços culturais dos quais se apoderaram para transformar em critérios de identificação com o grupo étnico.²⁸⁴ Devemos salientar que, apesar de terem modificado seu modo de vida devido à necessidade de adaptar-se, essa comunidade, como muitas outras, luta pelo reconhecimento, respeito e valorização que vem acontecendo gradativamente.

Consideramos que a comercialização não pode ser percebida somente sob o enfoque negativo, haja vista a possibilidade de fortalecimento da cultura. Entre os pontos positivos para a comercialização, destacam-se: primeiro, por ser a única fonte alternativa de renda para muitas comunidades indígenas, teriam a necessidade de sair da Terra Indígena para trabalharem, caso não pudessem fazê-lo no local. Segundo, é um veículo que possibilita a sociedade envolvente conhecer a cultura desses povos. Um bom exemplo são os Karajás, para

²⁸⁴ POUTIGNAT, P. op. cit. p. 129.

os quais a comercialização “significou uma vantagem financeira para o grupo, assim como uma valorização dessa atividade”.²⁸⁵

Nos depoimentos obtidos, todos os que disseram que não sabiam confeccionar o artesanato, fizeram questão de mencionar que os filhos estão aprendendo na escola e que consideram importante esse trabalho para sua cultura, para que ela permaneça viva e para que continuem sendo identificados pelos *outros* como indígenas.

Podemos constatar que os objetos de arte indígenas confeccionados pelos Xokleng funcionam como instrumentos de identificação e diferenciação, que os coloca como diferentes da sociedade envolvente. São percebidos como uma forma palpável dessa diferenciação juntamente com a língua indígena.

²⁸⁵ GRUPIONI, L. D. B. (org.) **Índios no Brasil**. 4ª ed., São Paulo: Global, Brasília: MEC, 2000. p.88.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta etapa da pesquisa, cabe-nos o momento de refletir sobre os conhecimentos adquiridos ao longo do estudo da cultura Xokleng, e do contato com a sociedade envolvente que, conseqüentemente causaria mudanças significativas em seu cotidiano. Entretanto, no que diz respeito ao contato o que ficou e marcou a história deste povo foi a resistência, esta possibilitou a estes indígenas continuarem existindo enquanto um grupo étnico distinto, e que vem lutando, ao longo dos anos pelo fortalecimento, bem como, o respeito e a valorização de sua cultura.

A história do contato trouxe consigo modificações no sistema cultural dos Xokleng, bem como, a perda de seu território histórico, como consequência ocorreu abandono na prática dos rituais. Os objetos que antes funcionavam como instrumentos e utensílios que propiciavam a obtenção de alimentos e a sobrevivência da comunidade foram perdendo sua função utilitária e alguns deixaram de ser confeccionados.

Percebemos que a realidade do povo Xokleng é uma história de luta diária em prol de sua sobrevivência, que ocorre desde os primeiros contatos com os colonizadores ocasionando o abandono de práticas e de parte significativa da cultura, entretanto, devemos levar em conta o fato de que as mudanças ocorridas eram inevitáveis, devido a impossibilidade de continuarem vivendo como antes.

A comercialização dos objetos artísticos passou a ser para muitos moradores da Terra Indígena a única fonte de renda, todavia, a venda desses objetos não é o principal vetor para a produção da arte Xokleng, mas o desejo de fortalecimento da cultura e de identificação com a etnia, o que pode ser constatado na pesquisa, pois quando perguntávamos qual a importância no ensino do artesanato, eles respondiam que, era para que se algum “branco” [grifo nosso] perguntar se eles são indígenas, eles poderem mostrar que são, através dos objetos que sabem confeccionar.

Cabe ressaltarmos que, apesar de serem comercializadas, de algumas técnicas terem sido reelaboradas, e terem sido incorporadas matérias-primas novas, os objetos artísticos são percebidos pelos membros da comunidade como *símbolos identitários* que permitem reforçar

a cultura e, portanto, a identidade étnica dos Xokleng. Existem projetos que tem como objetivo reforçar a cultura e conseqüentemente a confecção da *arte Xokleng*, foi realizada em 13 de dezembro de 2003 a 1ª Festa do Artesanato, com venda dos objetos, apresentações de danças típicas, entre outras atrações. Esse evento, assim como outros realizados na T.I.I., tem como principal objetivo servir de incentivo para que os membros da T.I. I. retomem o hábito de confeccionar e ensinar o artesanato.

Percebemos ainda que os membros da Terra Indígena querem que a sociedade envolvente perceba que, mesmo que eles tenham se adaptado à nova forma de vida desencadeada a partir do contato, eles ainda são e desejam continuar sendo identificados como indígenas. Namblá Grakan disse ao jornal A Notícia²⁸⁶ que, eles não precisam se pintar, nem andarem nus para se sentirem indígenas, pois o *ser indígena* esta intrinsecamente ligado com o sentimento de pertencimento.

²⁸⁶ JORNAL A NOTÍCIA. Blumenau, 19[97?].

5 - FONTES E BIBLIOGRAFIA

ABREU, C. A. F. **Falas do Presidente da Província a Assembléia Legislativa.** Blumenau, SC, 22 de Junho de 1869.

ALDINGER, P. A Pacificação dos Indígenas de Santa Catarina. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo X, nº 2, fev. 1969.

ARROYO, M. G. *Prefácio.* In DAYRELL, J. (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1996.

Ataque dos Índios na Colônia Blumenau e Bacia do Rio Itajaí. **Revista Blumenau em Cadernos.** Blumenau. Tomo XVIII, nº 3, março 1977.

BAHN, P. **Arqueologia.** Lisboa: Gradiva, 1997.

BARCELOS NETO, A. **Arte, Estética e Cosmologia entre os Índios Waurá da Amazônia Meridional.** Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Florianópolis: UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

BEATTIE, J. **A Introdução à Antropologia Social.** 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

BORDIGNON, M. **Róia e Baile: mudança cultural Bororo.** Campo Grande: UCDB, 2001.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRAIDWOOD, R. J. **Homens Pré-Históricos.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.

BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRESCIANI, E. & NAXARA, M. (org.). **Memória e (Res) Sentimento. Indagações sobre uma questão sensível.** Campinas: UNICAMP, 2001.

BURKE, P. (org.). **A escrita da História - novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CARDOSO, A. E. A namorada Selvagem. **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau, nº 7, Tomo XI, 7 jul. 1970.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CENTURIÃO, L. R. M. **Identidade, indivíduo & grupos sociais**. Curitiba: Juruá, 2002.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Lisboa, 1990.

_____. A “História Hoje: dúvidas, desafios, certezas”.In.: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994.

CONZEN, K. N. et. al.; *Fórum – The Invention of Ethnicity: A Perspective from the U.S.A*. In.: **Journal of American History**. Fall: 1992. Paginação irregular.

CORREA, C. H. P. **Historia oral : (teoria e técnica)**. Florianópolis: UFSC, 1978.

COSTA, M. R. da. **Tribos urbanas e identidades nas metrópoles**. Eccos Revista Científica. São Paulo: Centro Universitário: 9 de Julho v. 3, n. 1, jun. 2001.

COUTINHO, J. J. **Falas e Mensagens do Presidente da Província para a Assembléia Legislativa**. Blumenau, 1856.

CHISTÓVÃO, M. B. **Exclusão social: a Espiritualidade dos indígenas das florestas subtropicais do Vale do Itajaí – Santa Catarina – Brasil, como ato inclusivo**. Florianópolis: UFSC, 2003.

DINIZ, E. e LOPES, J. S. L. **Ciências sociais hoje, 1993: políticas públicas, territórios e populações indígenas, sociólogos americanos, família e gênero, historia oral e história de vida**. São Paulo: Hucitec : ANPOCS, 1993.

Do Indayal ao Rio do Sul. **Jornal O Dia**. 01/11/1913. Biblioteca Pública do Estado. Nº 7355.

Encontro Regional de Historia Oral Sudeste-Sul; MEIHY, J. C. S. B. (Re) introduzindo a história oral no Brasil. São Paulo: USP, 1996.

FÉLIX, L. O. **História e Memória. A problemática da pesquisa.** Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERREIRA, M. M. **Historia oral e multidisciplinaridade.** Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. **Usos & abusos da historia oral.** 2. ed Rio de Janeiro: FGV, 1998.

FOUCAULT, M. **A ordem do Discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia.** São Paulo: Ática, 1988.

GASPAR, M. **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GAGLIARDI, J. M. **O indígena e a República.** São Paulo: Hucitec, 1989.

GAKRAN, N. (org). **Ag ve te kágel um. Nosso idioma reviveu.** COMIN-IECLB, 1999.

GIROUX, H. A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação.** Petrópolis: Vozes, 1995.

GOULART, M. C R. K. & FRAGA, N. C. **Vale dos Índios vale dos Imigrantes.** Blumenau, SC: Cultura e Movimento, 2000.

GUARINELLO, N. L. **Os Primeiros Habitantes do Brasil.** 7ª ed. Atual, 1994.

GRUPIONI, L. D. B. (org.). **Índios no Brasil.** 4ª ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 2000.

_____. **As leis e a educação escolar indígena: Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001. p. 9-72.

FERREIRA, M. de M. e ABREU, A. A. de. **Entrevistas : abordagens e usos da historia oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1994.

HALL, S. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 3ª ed., 1999.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 6ª ed. São Paulo: Terra e Paz, 2000.

HENRY, J. "*A Kaingang Text*". In.: - **International Journal of American Linguistics**. Vol. VIII, nº 3-4, New York, 1935.

HENRY, J. **Jungle People. A Kaingáng tribe of the highlands of Brazil**. United States: Virginia, 1941.

HOERHANN, E. de L. e S. **Anexo de Correspondência escrita em, 25 de janeiro de 1921, no Posto Indígena Duque de Caxias, destinada ao chefe do SPI (Serviço de Proteção ao Índio)**, Luiz Bueno de Horta Barboza, paginação irregular.

Indígenas do Itajaí. **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau, Tomo VIII, nº 6/7, jan/mar. 1967.

KAMARCK, R. M. **Etnohistória y Teoria Antropológica**. Cadernos del Seminario de Investigación Guatemalteca. Guatemala, n. 26, 1979.

KELLNER, D. **A cultura da mídia: estudos culturais : identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

KERN, A. A. (org.) **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

KOURY, M. G. P. (org.) **Imagem e memória. Ensaio em Antropologia Visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

LABURTHE-TOLRA, Philipe e WARNIER, J. P. **Etnologia. Antropologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2ª Ed., 1999.

LARAIA, R. B. **Cultura - um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LAVINA, R. **O Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos**. São Leopoldo, 1994. Dissertação (Mestrado em História) - Área de Concentração: Estudos Ibero-Americanos, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

LÉVI-STRAUSS, C. "A lógica das classificações primitivas". In: **O pensamento selvagem**. Campinas/SP: Papirus, 1989. Tradução de Tânia Pellegrini.

LEYDESDORFF, S. *Desafios do Transculturalismo*. In.: FERREIRA, M. de; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Orgs.) **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

LIZ, R. A. C. de. **A identidade nacional brasileira e a educação: homogeneidade x pluralidade cultural**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Florianópolis: UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

MARCONI, M. de A. & PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 1985.

MARTINELLI, P. **Índios do balaio. Como uma cesta de 2000 anos está revitalizando a cultura baniua**. Revista da Folha, 16 de abril, 2000.

MÉTRAUX, A. *The Caingang*. In.: **Handbook of South American Indians**. Washington: J. Steward Ed., 1946. Vol. 1 parte 3. Tradução Jacó Cesar Piccolo.

NAMEM, A. M. **Botocudo: uma história de contacto**. Florianópolis: Editora da UFSC; Blumenau: Editora da FURB, 1994.

NIMUENDAJÚ, C. **Etnografia e indigenismo: sobre os Kaingáng, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

NOVAES, S. C. **Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros**. São Paulo: EDUSP, 1993.

NÖTZOLD, A. L. V. & VIEIRA, E. E. *A Ocupação do Espaço*. In.: **Rio do Sul Uma história**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000.

NOTZÖLD, A. L. V. **A trajetória da implantação do ensino diferenciado: o caso Kaingáng do Xapecózinho**. Comunicação Coordenada. ANPUH – SC – VII Encontro Estadual de História. Florianópolis, 1999. (não publicado).

_____. Os tupinambá: a educação e o processo socializador. In.: **Anais do IV Encontro de Pesquisadores do Ensino de História**. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

_____. **Nosso Vizinho Kaingáng**. Florianópolis: Imprensa Universitária, 2003.

NOVAES, S. C. **Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros**. São Paulo: EDUSP, 1993.

OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Ênio Matheus Guazzelli & CIA. 1976.

OLIVEIRA FILHO, J. P. de (org.). **Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.

OLSON, D. R. e TORRANCE, N. **Cultura, escrita e oralidade**. 2. ed São Paulo: Ática, 1997.

ORLANDI, E. P. **As Formas do Silêncio. No Movimento dos Sentidos**. São Paulo, UNICAMP, 4ª ed., 1997.

_____. **Discurso indígena: a materialidade da língua e o movimento da identidade**. Campinas, SP: UNICAMP, 1991.

_____. **Terra à Vista. Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo**. São Paulo, Cortez, 1990.

_____. **Análise do Discurso**. São Paulo: Pontes, 1999.

PATTÉ, D. vice-cacique - Xokleng em sua fala por ocasião do II Fórum de Debates das Questões Indígenas de Santa Catarina. Transcrição realizada por Ana Lúcia Vulfe Nötzold.

PIAZZA, W. F. **A colonização de Santa Catarina**. Porto Alegre: BRDE/Pallotti, 1982.

POUTIGNAT, P & STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade: seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrick Barth**. São Paulo: UNESP, 1998.

PREZIA, B. **Kaingáng : confrontação cultural e identidade étnica**. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1994.

QUEIROZ, M. I. P. de e SIMSON, O. de M. V. **Experimentos com histórias de vida: (Italia-Brasil)**. São Paulo: Vértice: R. dos Tribunais, 1988.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RAMINELLI, R. **Imagens da Colonização. A Representação do Índio de Caminha a Vieira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

REIS, M. J. **A Problemática Arqueológica das Estruturas Subterrâneas no Planalto Catarinense**. São Paulo, 1980. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

RIBEIRO, D. **O Processo Civilizatório – etapas da evolução sociocultural**. São Paulo: Companhia das Letras; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do Pensamento Brasileiro).

_____. **Os índios e a civilização - a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, B. G. **Suma Etnológica Brasileira. Tecnologia Indígena. 2 Tecnologia Indígena**. Rio de Janeiro: FINEP, 2ª ed., 1987.

_____. **Suma Etnológica Brasileira. 3 Arte Índia**. Rio de Janeiro: FINEP, 2ª ed., 1987.

_____. **Dicionário do Artesanato Indígena**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, vol. 4, 1988.

ROCHA, E. **O que é Etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, S. C. dos. **A Integração de índio na sociedade regional – a função dos postos indígenas em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1970.

_____. **Índios e Brancos no Sul do Brasil: A dramática experiência dos Xokleng.** Porto Alegre: Movimento, 1987.

_____. **Os Índios Xokleng: Memória Visual.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

_____. **A Educação nas sociedades tribais.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

_____. **Pré-História do Rio Grande do Sul.** Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, São Leopoldo, 1991.

SEEGER, A. **Os Índios e Nós: estudos sobre as sociedades tribais brasileiras.** Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SILVA, J. F. Ainda sobre os indígenas. **Revista Blumenau em Cadernos.** Blumenau, nº 2, Tomo XII, fev. 1971.

SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEYFERTH, G. *A Colonização Alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito.* In: FAUSTO, B. **Fazer a América.** São Paulo: Edusp, 2000.

SILVA, A. L. e FERREIRA, M. K. L. (org.) **Práticas Pedagógicas na Escola Indígena.** São Paulo: Global, 2001.

_____. **Antropologia, História e Educação. A questão indígena e a escola.** São Paulo: Global, 2001.

SILVA, J. F. Ainda sobre os indígenas. **Revista Blumenau em Cadernos.** Blumenau, nº 2, Tomo XII, fev. 1971.

SOUZA, M. C. de. *Nós, os Vivos: "construção da pessoa" e "construção do parentesco" entre alguns grupos Jê.* In.: **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo, jun., 2001.

SOUZA, T. C. C. de. **Discurso e oralidade: um estudo em língua indígena**. Niterói: MCII, 1999.

TAUKANE, D. **A história da educação escolar entre os Kurâ-Bakairi**. Cuiabá: Governo do Mato Grosso, DAMATTA – Produtos Agropecuários LTDA, 1999.

TEDESCO, J. C. **Memória e cultura. O coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memórias de nonos**. Porto Alegre: Edições Est, 2001.

TENÓRIO, M.C. **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

TOCCHETTO, F. B. **A cultura material do Guaraní Missioneiro como Símbolo de Identidade Étnica**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Florianópolis: UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

TORRONTÉGUY, T. **Para conhecer melhor . A pré-história**. São Paulo: FTD, 1999.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado: história oral**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VINACCIA, G. et. al. **Anais/Fórum Internacional Design e Diversidade Cultural**. Florianópolis: SENAI/LBDI, 1995.

VIDAL, L. e SILVA, A. L. da. **A Temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. MEC/MARI/UNESCO, 1995.

Vãnhkala Jó Kabel. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação e do Desporto, 1999.

ENTREVISTAS

NDILLI, Neli. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira**. Balneário Camboriú, 24 de setembro de 2002.

CAMBLÉM, Kondine. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira.** Terra Indígena Ibirama Aldeia Figueira – José Boiteux, 12 de Abril de 2003.

NDILLI, José Cunzung. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira.** Balneário Camboriú, 13 de Agosto de 2003.

PRIPRÁ, Ilza. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira.** Balneário Camboriú, 11 de Agosto de 2003.

PATTÉ, Alair. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira.** Balneário Camboriú, 12 de Agosto de 2003.

SILVA, Claudemir. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira.** Balneário Camboriú, 12 de Agosto de 2003.

REIS, Rodrigues Pinto. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira.** Balneário Camboriú, 13 de Agosto de 2003.

NDILLI, Jair Cunzung. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira.** Balneário Camboriú, 13 de Agosto de 2003.

PATTÉ, Alfredo. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira.** Terra Indígena Ibirama – Aldeia Bugio – José Boiteux, 22 de setembro de 2003.

PRIPRÁ, Melisa. **Entrevista concedida a Edna Elza Vieira.** Terra Indígena Ibirama – Aldeia Bugio – José Boiteux, 23 de setembro de 2003.